TL 3953

UNIVERSIDADE DE MACAU
INSTITUTO DE ESTUDOS PORTUGUESES

D. ANTÓNIO JOAQUIM DE MEDEIROS

BISPO DE MACAU E AS MISSÕES DE TIMOR
1884 - 1897

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS LUSO-ASIÁTICOS,
(VARIANTE DE HISTÓRIA)
APRESENTADO POR FRANCISCO MARIA FERNANDES,
SOB ORIENTAÇÃO DO PROF. DOUTOR ARTUR TEODORO DE MATOS

D. ANTÓNIO JOAQUIM DE MEDEIROS

明 德 祿 主 教

AGRADECIMENTO

Não teria sido possível a concretização deste trabalho se não fosse a convergência da boa vontade de vários amigos.

Cumpre-me por isso deixar aqui registados os meus agradecimentos à Fundação Oriente, pela concessão da bolsa de estudo, e à Fundação Macau pelo subsídio especial atribuído para trabalhos de investigação.

Uma palavra de especial apreço e agradecimento aos Professores, Prof.Artur Teodoro de Matos, Luís Filipe Thomaz, Dennyz Lombard, Roderich Ptak, Lotika Varadarajan, Genevieve Bouchon e aos Drs Maria de Jesus Matos, Jorge Flores, Jorge Alves, Victor Rodrigues e António Serrão.

Uma palavra de agradecimento ao Revmo Bispo de Macau, D. Domingos Lam , pela amabilidade de me ter autorizado estudar e a ter acesso ao Arquivo da Diocese de Macau.

Igualmente grato ao Revmo Monsenhor Manuel Teixeira , Prof. António Baptista e Dra Maria da Conceição Rodrigues por todo o apoio dado no esclarecimento e na obtenção de informações. Ao Sr. Francisco de Sales Kuong, arquivista da Câmara Eclesiástica de Macau, ao Mr.Kevin Sherlock pelos documentos que enviou de Darwin. e ao jovem Eng°. Nuno Duro dos Santos por todo o trabalho relacionado com o processamento de texto e respectiva impressão.

E a outras pessoas amigas que directa ou indirectamente me apoiaram com palavras de encorajamento e estímulo.

ÍNDICE

PÁGINA

AGRADECIMENTO

INTRODUÇÃO.....4

CAPÍTULO I **Sândalo, Capitães e Frades**.....7
- . Dominicanos em Timor.....15
- · Estabelecimento definitivo da Igreja em Timor.....17

CAPÍTULO II **A queda de Malaca e a Conjuntura Político-Militar e Religiosa em Timor**.....20
- . Luta pelo poder em Solor e em Timor.....23
- . António Hornay vinte anos no Governo de Timor e de Solor.....25
- . O contributo de Macau no estabelecimento do Governo formal de Timor.....26

CAPÍTULO III **A Revolução Liberal de 1834 e Timor**.....37
- . O panorama missionário pré-Medeiros (1834-1877).....40
- . Primeiros sacerdotes timorenses.....41

CAPÍTULO IV **Biografia de um Missionário**.....46

CAPÍTULO V **Medeiros e a Reabilitação das Missões de Timor**.....48
- . Medeiros como visitador das Missões de Timor.....49
- . Religião.....55
- . Medeiros como Superior e Vigário-Geral das Missões.....60
- . As Canossianas em Timor.....62

CAPÍTULO VI **Obstáculos à Evangelização**.....65
- . Missões de Timor sem Medeiros.....69

CAPÍTULO VII **Missionário de Timor , Bispo de Macau**.....71
- . Medeiros e a cafeicultura em Timor.....77
- . A preocupação de valorizar economicamente Timor.....81
- . Pesquisas de ouro.....83

CAPÍTULO VIII **O grande contributo de Macau para o ressurgimento das Missões de Timor**....85

CONCLUSÃO.....93

BIBLIOGRAFIA.....96

ANEXOS.....101

NOTA BIOGRÁFICA

INTRODUÇÃO

A sede irreprimível de desvendar o ignoto, o desejo de encontrar algum monarca cristão no Oriente para uma possível aliança na cruzada contra o infiel e, sobretudo, a ambição de chegar às regiões das especiarias, rompem as barreiras que separam os povos, desfazem as lendas que vedavam o acesso aos «Mares nunca d'antes navegados» e levaram os navegadores lusitanos a aventurarem-se até ao Extremo Oriente.

Sendo a procura de especiarias a razão dominante dessa aventura marítima, é óbvio que, uma vez chegados a Calecut, tenham os navegadores lusos tentado logo colher informações a respeito das terras que produziam e exportavam especiarias, como cravo: pimenta e noz-moscada, tão procuradas na Europa.

Para trás ficava o Atlântico, a África, a Etiópia, a Pérsia, a Índia, Ceilão, Sião que não são mais do que algumas etapas dessa meta que tenta aproximar povos de diferentes culturas e raças, por meio dos valores cristãos, de que os Portugueses são portadores.

Essa epopeia marítima dos navegadores lusitanos na centúria quinhentista foi-se estendendo para os lados do Sol Nascente em demanda de mais terras e mais povos, enquanto que ao longo das rotas navegadas pelos galeões e naus portuguesas começaram a florescer centros de cristandade e feitorias, como Goa, Malaca, Macau, Macaçar, Solor e Timor, onde os padrões culturais portugueses e cristãos se afirmam.

Os próprios estrangeiros reconhecem essa presença portuguesa no Extremo Oriente, como revela o testemunho do escritor e historiador indonésio Paramita R. Abdurachman:

> 'In the sixteenth century the Portuguese dominated the scene between Europe, the coasts of África, Brasil, Índia, the Southeast Asian shores, China and Japan. It was a time in which many countries and many cultures had their first contact with Europeans, with new philosophies, different modes of life and different customs'.[1]

Sendo as especiarias e também a difusão da Fé os motivos dominantes que levaram tão longe os Portugueses, a fragância do sândalo fascinou sobremaneira os mareantes lusos que finalmente aportaram à Ilha de Timor «que o lenho manda, sândalo salutífero e cheiroso», no primeiro quartel do século XVI.

Neste constante vaivém de actividades mercantis, os mareantes lusos não se sentiam vocacionados para se fixarem definitivamente na Ilha. Autênticos andarilhos do mar, sempre em demanda do desconhecido, também visitaram o continente australiano que, por ser desabitado, não os fascinou quer para fins mercantis ou religiosos.

Mas os homens de sotaina preta e Cruz de Pau, cujo objectivo principal era cristianizar o gentio, foram obviamente os primeiros europeus a estabelecerem-se definitivamente na Ilha, «que o Sol em nascendo vê primeiro».

Este acontecimento histórico que assinala o início do estabelecimento luso em Timor constitui o objecto desta dissertação que, sucintamente, tenta analisar a penetração do Evangelho na Insulíndia e a sua implantação em Timor. Obstáculos e facilidades, sombras e luzes determinam e condicionam ao longo dos séculos a sobrevivência da Igreja em Timor, afirmando-se através dela a soberania portuguesa.

Caso singular na História da Expansão Portuguesa: a Cruz chegou a Timor quase dois séculos antes da Espada. O facto dos Timorenses serem cristãos e vassalos de Portugal deve-se tão-somente aos Dominicanos. Intrépidos apóstolos, sem apoio da

---

[1] Paramita R. Abdurachman: *In Search of Spices: Portuguese Settlements on Indonesian Shores*, in The Indonesian Quarterly, Jajasan Proklamasi, Center For Strategic and International Studies, Jakarta, Vol II, N°2, January 1974. pp.113

Coroa, conseguiram à custa de muito sacrifício e sangue derramado criar condições para o estabelecimento do governo formal já no princípio do século XVIII.

Com o andar dos tempos, porém, as duas componentes máximas da presença lusa em Timor começaram a desentender--se. E, finalmente, deu-se o rompimento oficial em 1834, o que só veio a prejudicar o Povo de Timor que muito deve aos frades.

Seguiram-se 40 anos de abandono em que as cristandades, outrora florescentes, ficaram sem pastor e regressaram ao gentilismo. Em 1877, porém, raiou a aurora que pôs termo a esse doloroso interregno. A Santa Sé resolveu transferir as Missões de Timor da jurisdição da Arquidiocese de Goa para a da Diocese de Macau. Se ao longo da História da Evangelização Portuguesa do Ultramar, Macau tem sido o farol a iluminar com a luz da Fé estas paragens do Oriente, a partir do último quartel do século XIX, salvou as Missões de Timor numa altura crítica em que outras entidades eclesiásticas - Malaca e Goa, e até o próprio Governo - as abandonaram durante 40 anos.

Foi a Diocese de Macau que entrou em força com recursos materiais e financeiros, sob a orientação de uma plêiade de missionários da estirpe de um Medeiros. Eles conseguiram triunfar onde os outros falharam.

Construíram-se escolas, levantaram-se capelas e até se ensaiaram explorações agrícolas, com o objectivo de reabilitar as Missões e projectá-las na senda da promoção sócio-cultural e humana do povo de Timor.

Nesta grandiosa e sacrificada obra de reabilitação surge, assim, um nome bem soante, à volta do qual gravitam outros como uma constelação que lança luz sobre as Missões e o Povo de Timor.

António Joaquim de Medeiros, primeiro como Visitador, depois como Vigário-Geral e Superior das Missões e, finalmente, como Bispo, conseguiu com esforço sobre-humano dar às Missões as estruturas e condições para poderem sobreviver e florescer em todos os aspectos.

CAPÍTULO I
Sândalo, Capitães e Frades

A fragância do sândalo, então considerado como panaceia para múltiplos usos e necessidades, projectou desde o século XIII o nome de Timor para além da sua zona geográfica:

> 'He tão geral este sândalo pera todo este Oriente que vem a ser huma das melhores fazendas que se comerceão(...) He tao estimado de toda a gentileza que ordinariamente, nao fazem cousa alguma assy de ornamento para pessoas como para seus perfumes e cheiros que nao seja com elle'[2].

Na China, a referência mais antiga que se fez ao comércio de sândalo de Timor foi na dinastia YUAN, no século XIII:

> '(Timor's) mountains do not grow other trees but sandalwood" which is most abundant. It is traded for silver, iron, cups (of porcelain), cloth from Western countries and coloured taffetas'[3]

---

[2] "O pao de sandalo, que nella (Ilha de Timor) se da, he tanto que se tirao todos os anos mil a quinhentos pero dois mil bares (...) por via dos Portugueses, afora o que levarao os Olandezes(...) Macassares(...) Malayos e mais sorte de Mouros daquelas partes que vão todos os anos".
Artur Basilio de Sá: *Documentação para a História das Missões de Padroado Português do Oriente*, Insulíndia, Lisboa 1568-1579, vol 4 p.489. Fundação das primeiras Cristandades nas Ilhas de Solor e Timor.

[3] Roderich PTAK: *The Transportation of Sandalwood from Timor to China and Macao c.1350-1600*, in Portuguese Asia, Aspect in History and Economic History 16-17 centuries, University of Heidelberg, 1987, p.89, "The Earliest extant Chinese description of Timor is contained in the TAO-I Chih-lueh (around 1350) id. ib. p.89.

Obviamente, sendo os portugueses os primeiros europeus que se aventuraram até às paragens do Oriente, na centúria quinhentista, também aspiravam pelo Timor que «lenho manda sândalo salutífero e cheiroso»[4]. Nos mercados do Oriente onde o lenho odorífero é procurado e apreciado, fala-se da Ilha que o produz e exporta: 'He de saber que crescendo a cidade de Malaca, depois de conquista pelos Portugueses, em povoações e moradores entre fazendas que mais requisitos acharão nela, foi o sândalo branco de Timor(...) porque se servem dele para infinitos usos de todas as províncias de Oriente'[5].

O aventureiro escocês, Capitão Alexander Hamilton escreveu por sua vez: 'The product of the Island is sandalwood, the best and the largest in the world, which is great commodity in China'[6].

O administrador Holandês Shulte-Nordholt também escreveu que a importância do sândalo de Timor levou o cartógrafo italiano Gerelamo Verrazano em 1529 a pôr o nome de Timor no mapa do Mundo quando se referiu às ilhas das especiarias[7].

Donde se pode concluir que sendo o sândalo de Timor um produto precioso para o comércio da época, a sua procura fascinou tanto os Orientais como os Ocidentais. Foi esta a razão dominante da descoberta da Ilha de Timor e de subsequente estabelecimento dos Portugueses na mesma. A tomada de Malaca por Afonso de Albuquerque em 1511 deu à Coroa Portuguesa o directo acesso ao Arquipélago das Especiarias, onde Timor se encontra. Malaca era então um importante empório comercial onde o cravo das Molucas e a noz moscada de Amboína e de Banda, eram vendidas à mistura com a cânfora do Bornéu e o sândalo de Timor. Era provável que o nome de Timor «he toda nobre das mais (ilhas) com grande navegação e comércio, que lhe nasce do excelente pao de sândalo que ella só (...) fosse conhecido pelos mareantes e comerciantes Portugueses, antes de terem visitado a Ilha»[8].

---

[4] Luís de Camões: *Os Lusíadas*, canto X, 134, Figueirinhas/Porto 1978, Edição organizada por António José Saraiva. ⇒ Frei Luís de Sousa, na História de S. Domingos

[5] C.R. Boxer: *Fidalgos no Extremo Oriente*, 1550-1770, tradução Portuguesa, Museu e Centro de Estudos Matítimos de Macau, Fundação Oriente, 1990, p.182.

[6] Cap.Alexander Hamilton: *A New Account of the East Indies*, editada por Sir W. Foster, London, 1930, pp.74-75 , citado por C.R. Boxer in António Coelho Guerreiro e as Relações entre Macau e Timor no começo do século XVIII, Boletim Eclesiástico de Macau vol. 37 Jul-Dez, 1940 p.494.

[7] John G. Taylor : *Timor, a História Oculta*, tradução Portuguesa, Lisboa 1993, Bertrand Editora pp.20-21. Tal mapa guarda-se no Museu de Vaticano.

Com o tratado de [illegible] 1661 ficou [illegible]
assente que as duas nações manti[illegible]

É igualmente provável que os mareantes Portugueses tivessem colhido dos pilotos orientais que então demandavam o porto de Malaca informações precisas sobre a procedência dos produtos exóticos. E, de facto, antes de Vasco de Gama dobrar o Cabo de Boa Esperança, Timor já era conhecido pelos Chineses como fonte de abastecimento do sândalo[9].

O nome de Timor, terra de sândalo odorífero terá sido mencionado pela primeira vez pelo primeiro capitão de Malaca, Rui de Brito Patalim, em seis de Janeiro de 1514, numa carta endereçada a Afonso de Albuquerque em que escrevia: 'A Timor quisera mandar e, por nom ter junco, nom foram esta monçom laa'. Promete o mesmo capitão: ' para o ano, prazendo a Nosso Senhor, yram la, pera trazerem o sândalo'. E remata com uma frase reveladora: 'he muita boa navegaçam'[10].

A partir daqui os poetas, cronistas, cientistas e viajantes europeus aludem a importância do lenho odorífero. Garcia da Orta traça com mão de mestre num dos seus colóquios o quadro da vida e morte do sândalo. Duarte Barbosa, Tomé Pires e outros cronistas falam das excelências da essência florestal que é o sândalo. O farmacêutico italiano, António Musa dizia ' o sândalo aos Portugueses o devemos'[11]. Ciente das potencialidades promissoras do fabuloso mercado das especiarias Afonso de Albuquerque concebeu a genial ideiá de criar um império no Oriente tendo Malaca por capital e centro de irradiação de rotas de navegação com a China, Japão e o Arquipélago da *Insulíndia*[12].

---

[8] Artur Basílio de Sá, *op. cit.* vol 4 pp. 488-489.

[9] C.R. Boxer *op. cit.* p. 182

[10] Cartas de Afonso de Albuquerque,III,p.224 in Artur Basílio de Sá 'Documento(...) I p.54 citadas por António Alberto Banha de Andradé in Perspectivas da Hisória de Timor, Lisboa Centro de Estudos Políticos sociais,Junta de Investigações do Ultramar,1968,p.48.

[11] Ruy Gomes Vaz Monteiro Cinatti: *Cultura de sândalo em Timor*, Junta de Investigações Coloniais, Lisboa, 1950, p.5.

Este brilhante estratega que no dizer de Jaime Cortesão 'soube visionar os pontos cardeais da administração portuguesa no Oriente'[13] tentou pôr em prática os seus projectos. De Malaca partiram expedições em demanda de novas terras e novos povos. Capitães como António Abreu, Francisco Serrão, António Galvão e outros foram dilatando os limites do império para os lados do Sol Nascente.

Com o reconhecimento das ilhas do Arquipélago da Insulíndia e a descoberta de Timor, Portugal chegou ao limite extremo do seu império, já que Timor dista de Lisboa cerca de uns 20 mil quilómetros, distância demasiado grande mesmo para os meios de navegação da época moderna. Esta expansão de Portugal pelo Mundo e, sobretudo, pelo Oriente, é bem expressa nas seguintes palavras do escritor e historiador indonésio Paramita R. Abdurachman:

> 'In the sixteenth century the Portuguese dominated the scene between Europe, the coasts of Africa, Brasil, India, the Southeast Asian shores, China and Japan. It was a time in which many countries and many cultures had their first contact with Europeans, with new philosophies, different modes of life and different customs'[14].

---

[12] Manuel Sobral Blanco Velez: *Linhas Marítimas e Comerciais Portuguesas no Oriente(Séc. XVI-Meados do Séc.XVII)*, in II Seminário Internacional da História Indo-Portuguesa , Instituto de Investigação Científica Tropical, Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga,1985 pp.88-89.

[13] Esta ideia encontra-se em Jaime Cortesão,Os Descobrimemtos Portugueses, vol.V in Obras completas de Jaime Cortesão, O livro Horizonte, Lisboa, 1981, pp 1238-1268.

[14] Paramita R.Abdurachman: *In Search of Spices:Portuguese settlements on Indonesian Shores*, in the Indonesian Quarterly vol II,n.2.January 1974 Jajason Proklamasi Centre for Strategic and International Studies-Jakarta,pp113.

Sendo Portugal um país de tradição marítima, optou obviamente por criar um império marítimo de dimensão territorial reduzida, mas disperso por um espaço tão amplo que o seu controlo ultrapassa as potencialidades humanas e materiais do país descobridor.

A desproporção entre a espacialidade do império e o seu controlo é bem expressa por Ana Maria Ferreira que escreveu: "Portugal um minúsculo país que quer ter no seu punho fechado o que não podia abarcar com ambas as mãos"[15]. E a sobrevivência deste vasto império dependia, sobretudo, duma cadeia de feitorias e fortalezas, construídas nos lugares estratégicos com o fim de assegurar o escoamento de mercadorias entre os portos de produção e os mercados de consumo e procura.

A presença portuguesa no Oriente era inicialmente estruturada para objectivos bem definidos como comércio, diplomacia e dilatação da Fé, mas cedo encontrou rivais que se opuseram pela força, considerando Portugal como um intruso que interferiu nas rotas de navegação e do comércio do Oriente.

Na verdade, ao contrário do Atlântico que constituiu uma barreira intransponível para o contacto entre os povos de ambas as costas (Europa e América), o Oceano Índico e os Mares do Sul foram explorados pelos povos ribeirinhos quer para fins culturais e religiosos, quer sobretudo para interesses comerciais[16].

Primeiramente, os navegadores indianos e depois os muçulmanos, expandiram-se para a Insulíndia. A sua passagem ficou marcada na religião e cultura desses povos do

---

[15] Ana Maria Pereira Ferreira: *O Essencial sobre Portugal e a Origem da Liberdade dos Mares*, Lisboa, 1988, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, p.50.

[16] Kiwanmu Hamaka: *O Devaneio da Expansão Portuguesa*, in Vértice , Nov-Dez. II Série, Lisboa, Editorial Caminho, 1993, p.46, citado por Orlando Ribeiro 'Geografia da Expansão Portuguesa', Lisboa, MCMLXI, separata dos Arquivos da Universidade, n.2,pp.7-8 escrevendo:

> 'O fosso Atlântico, transposto apenas pelos Vikings onde ele se estreita junto do círculo polar, manteve a separação e o isolamento dos três domínios tropicais que as caravelas, naus e galeões ibéricos haviam de reunir e integrar nas relações regulares da navegação e do comércio'.

Arquipélago. A China no tempo dos Mings, sobretudo do imperador Yongle (1405-1433) realizou uma série de expedições marítimas sob o comando do almirante Zheng He, explorando as costas da Ásia do Sueste e até penetrou no Índico, visitando as costas da África Oriental e o Mar Vermelho[17].

Portanto antes da chegada de Vasco da Gama a Calecut, já havia no Índico uma actividade marítima e comercial bem intensa com rotas de navegação bem definidas e interesses económicos bem estabelecidos[18]. A existência de cidades marítimas e portuárias ao longo da costa do Índico e nos Mares da Ásia do Sueste, que Denys Lombard baptizou com o nome de 'Mediterrâneo do Sueste Asiático', servia , por um lado, como centro de irradiação dessas rotas de navegação e, por outro lado, como lugar de encontro entre mercadores de diferentes raças e culturas.

Esse encontro de culturas diferentes contribuiu possivelmente para diluir qualquer tentativa de alguma potência marítima asiática reclamar para si o uso exclusivo de navegação. Tudo leva a crer que a mentalidade da época favorecia a teoria do «Mare Liberum» e não do «Mare Clausum», como se pode, concluir do seguinte pensamento:

> 'God has made the earth and the sea; has divided the earth among the mankind and has given the sea in commom '[19].

Por outro lado, o «Périplo do Mar da Eritreia» refere nomes de povos que protagonizaram as navegações da época pré-colonial: os Judeus Radanitas operavam no Mediterrâneo, servindo de intermediários para Oriente com os Karimas que navegavam entre o Cairo e Yemen, levando especiarias para os mercados do Mediterrâneo e as mercadorias deste para o Índico.

---

[17] Roderich Ptak: *China and Portugal at Sea, the Early Ming Trading System and Estado da Índia Compared*, in Revista de Cultura, 13/14 Jan./Jun. de 1991, Edição de Instituto Cultural de Macau, Vol. I, Ano V, Macau pp.21-26.

[18] Manuela Sobral Blanco Velez, *op. cit.*, pp. 75-80

[19] O.W. Wolters: *Southeast Asian Perpective*, citado por Lokita Varadarajan, in The Indian Ocean Explorations In History, Commerce and Politics, edited by Satish Chandra, Sage Publications, New Delhi, 1987 p.98. it is a thing unheard of that

Mare Liberum:It's a thing unhearded of that anyone should be forbiden to sail the seas.

Until the appearence of the Portuguese 1493 there was little concept of territorial waters and navegation on the high seas was open to all.

Radanite Jews-persian term RAH=road= traveller.

Depois, os Árabes e os Persas que exportavam cavalos para os estados indianos, e por fim os navegadores indianos, como Guzérates, Malabares, Tameis que serviam de intermediários para os povos dos Mares do Sul, onde predominam os Kun Luns ou navegadores de Sumatra, Java, Bornéu, Champa, Cambodja, para além de Chineses e Macassares[20].

Mais tarde, a partir do século XVII, os galeões portugueses passaram a ter concorrentes mais fortes com o surgimento da «VOC» e da «EIC» nos Mares do Sul[21].

Dotado de uma visão genial, Albuquerque, com vista a assegurar o domínio dos Portugueses sobre as rotas de navegação, criou algumas armadas, distribuídas pelos pontos estratégicos e vitais da navegação[22].

A armada do Mar Vermelho, destinada a vigiar o movimento dos Mouros nesse mar e no Golfo Pérsico; a de Goa, para patrulhar as costas de Canará e de Malabar; e finalmente, uma armada estacionada em Malaca para controlar o Estreito, os Mares do Sul e da Insulíndia[23].

Paralelamente à procura de novos mercados, o zelo de espalhar a Fé Cristã e converter os gentios era o ideal que norteava a expansão portuguesa pelo Mundo. A Cruz e a Espada andavam tão a «pari passu» que à sombra da fortaleza se levantava a Igreja. O superior da missão era também, por vezes, o capitão da fortaleza. E sempre que as necessidades o exigissem, não hesitava em empunhar a espada para defender a cristandade e os vassalos de Portugal contra o invasor. Foi isto que se passou em Solor, Tidore e Larantuca durante anos. Foi isto que se passou em Timor durante séculos. Quando o Bispo dominicano, Frei Jorge de Santa Luzia, chegou a Malaca, uma das primeiras medidas que tomou foi mandar alguns Dominicanos para Solor, em 1562,nomeadamente: Frei António da Cruz, Simão Chagas, o Irmão leigo Francisco Aleixo e outro de nome desconhecido[24].

---

[20] *Id. ib.*, pp.93-100

[21] VOC (Vereenigde Oostindisch Compagnie = Companhia das Índias Orientais Holandesas).

EIC (East Indies Company = Companhia das Índias Orientais Inglesas).

[22] Luís Mendonça de Albuquerque: *Casos da Expansão Portuguesa*, separata de Biblos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1975, p. 65.

'O Plano Português do domínio da Índia, esboçado claramente por A. de Albuquerque consistiu na instalação de forças militares em pontos chaves que permitissem uma efectiva fiscalização do mar e das linhas de comércio que percorriam'. Citação de Kiwamu Hamaka, in Vértice, *loc. cit.* p. 47.

[23] Manuela Sobral Blanco Velez, *op. cit.*, pp. 79-81.

Lançados num ambiente infestado de jaus, os frades cedo se aperceberam do perigo que os podia ameaçar e começaram a precaver-se. Assim, para além de igrejas construíram também fortalezas, embora de linhas rudimentares, para se defenderem contra eventuais ataques de jaus que não se fizeram esperar[25].

Lutando com dificuldades, os Dominicanos conseguiram sobreviver e à custa de alguns martírios estenderam o seu apostolado a outras ilhas da Insulíndia[26]. Igrejas e cristandades começaram a florescer nas ilhas de Ende, Adunare, Lomblem, Flores, etc., constituindo Solor o centro principal da Administração Portuguesa para toda a Insulíndia[27].

Larantuca que era a povoação mais perto de Timor, tornou-se um centro comercial para onde convergiam os mercadores das ilhas vizinhas, incluindo Timor. Era o ponto de encontro entre mareantes e mercadores portugueses de mistura com desertores holandeses, que se convertiam ao catolicismo. Um desses desertores, Jan de Hornay, feitor holandês, casou-se com uma rapariga de Timor que então se encontrava em Larantuca[28]. O mesmo fez o Comandante português, João da Costa[29]. Estes casamentos foram providenciais, pois foram mais tarde usados diplomaticamente como pretexto para os frades e mercadores portugueses poderem ter acesso a Timor.

---

[24] Frei Luís de Cácegas: *História de S. Domingos*, Liv. IV, pte, II cap. XIV, citado por Manuel Teixeira, in 'Macau e a Sua Diocese', X, As Missões de Timor, p. 6.

[25] Artur Teodoro de Matos: "*Timor Português, 1515-1769, Contribuição para a Sua História*", Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa, Instituto Histórico Infante D. Henrique, Lisboa, 1974, pp.42-52.

[26] Nomes de alguns mártires: Frei António Pestana, Simão das Montanhas, Francisco Calassa, João Travassos e Belchior, Álvaro da Costa. - Pe. Manuel Teixeira, *op. cit.* p. 29

[27] Artur Teodoro de Matos, *op. cit.*, pp. 45-46.

Dominicanos em Timor

A História regista Frei António Taveira como o primeiro missionário que chegou a Timor em 1556. Fala-se depois da ida de Frei António de S. Jacinto em 1614. E mais tarde, em 1630, Frei Cristóvão Rangel que desembarcou em Mena[30], então governada por uma rainha. Os esforços desenvolvidos pelo frade para baptizar os habitantes de Mena não foram coroados de êxito e, assim, regressou pesaroso a Larantuca onde o aguardava o cargo de Superior de Solor e Timor.

---

[28] J. Maj. C. R. Boxer: " *António Coelho Guerreiro e as relações entre Macau e Timor no Começo do Século XVIII*", in Boletim Eclesiástico de Macau, Jul.-Dez., 1940, p. 483 "Jan de Hornay, feitor holandês em Solor fugiu do seu posto em Fevereiro de 1629, passando a Larantuca, onde se casou 'com huma molher pretta dos naturais'. Aparece nos documentos portugueses da época sob o nome de João Ornaique. A sede de família foi Larantuca, de onde o seu filho, António de Hornay, passou a Lifao cerca do ano de 1650".

[29] Artur Teodoro de Matos, *op. cit.*, pp. 11-12 e 104

C. R. Boxer, *loc. cit.*, p.483.

"João da Costa, Português, casou com uma filha do rei indígena de Ammanoebang pelo ano de 1650. As famílias Hornay e Costa eram aparentadas pela via matrimonial, mas isto não obstou a que muitas vezes disputassem entre si o governo da Ilha'.

[30] Mena é uma região situada na costa norte de Timor, na Província de Servião (actual Timor indonésio ou Timor Ocidental), a leste de Oecusse. Como centro missionário, Mena está em decadência; mas em contrapartida, deve ser hoje um dos maiores, senão o maior centro de criação de gado bovino em Timor, pois o autor destas linhas em 1976 observou uma firma australiana a explorar um rancho com uma área duas vezes superior à superfície de Macau.

Mais feliz foi Frei Cristóvão Rangel que desembarcou em Silaban[31], cujo rei se converteu e, com ele, toda a família real e quase todo o povo. A estratégia de em Timor se escolher o Régulo ou autoridade tradicional como alvo de conversão, teve a sua precedência na ilha de Solor, onde «por converter o "sangue de-pate" da Ilha de Solor cujo exemplo se farão bautizando naquela ilha (...) inumeráveis gentios»[32].

Tal estratégia está em sintonia com a psicologia do Timorense que vê no seu Régulo ou Liurai uma autoridade com quem vale a pena alinhar, porque o liurai é do reino, e quase irremovível, pois só a morte o pode levar, conforme o seguinte adágio popular:

Tetum Terik (tetum clássico)	**Tradução Livre**
" Surat Baraça too, Ulun sira liu. Surat lalehan deit, Hae, USSI bele liu Ulun seluk liu Tan rai liu sira. USSI hae laliu, Tan nia Liurai ".	Outras autoridades quer civis ou religiosas que trabalham nos reinos de Timor estão sempre em contingência de serem transferidas. E para isto basta um despacho do Governador em Dili (Praça), pois essas autoridades não estão ligadas aos reinos onde trabalham. Elas são estranhas. Ao passo que o Régulo (USSI) esse fica sempre com o povo. Porque ele é o senhor da terra, o dono, a autoridade hereditária. Só a morte (surat lalehan) o pode levar.

Segundo esta maneira de pensar, o povo em geral procura sempre sintonizar-se com o seu Liurai, pois ele permanece sempre no reino, enquanto outras autoridades são como aves de arribação, vão e vêm. Daí que os missionários e administrativos que mais vantagens tiveram nas suas actividades profissionais foram precisamente aqueles que souberam manter o bom relacionamento com os Liurais e outras autoridades tradicionais. Pois uma vez conquistados êstes, torna-se mais facilitada a tarefa para convencer e converter o resto da população. A propósito disto, temos uma passagem registada por Luna de Oliveira.

---

[31] Silaban e Mena hoje fazem parte de Timor indonésio, tendo como porto Atapupo e é vizinho de Atambua, sob a jurisdição dos Missionários do Verbo Divino. Foi em Silaban que 24 militares portugueses sofreram o seu cativeiro sob o domínio indonésio, desde Setembro de 1975 até Agosto de 1976, altura em que foram repatriados para Portugal.Rui Palma Carlos "Eu fui ao fim de Portugal", Ed.LITERAL, Lisboa.

[32] Artur Teodoro de Matos, *op. cit.*, p. 43.

Em 1839 foi baptizado um Régulo com quase 90 anos de idade, servindo de padrinho o então governador de Timor, Pereira de Almeida. Uma vez baptizado, o régulo fez juramento solene sobre o Evangelho para ser vassalo de Portugal e foi-lhe conferida a patente de coronel. Como consequência desse baptizado o Governador endereçou uma carta ao Ministério da Marinha pedindo para enviar Missionários para Timor pois «a conversão do provecto Liurai tivera grande efeito sobre essa gente»[33].

Estabelecimento definitivo da Igreja em Timor

A queda de Malaca em 1641 encorajou os inimigos de Portugal a fazerem as suas surtidas contra as possessões portuguesas na Insulíndia . O rei de Toló foi o primeiro a explorar a aparente fraqueza de Portugal. Foi cercar Solor com uma poderosa armada, intimando os portugueses a render-se. O Capitão Português recusou; e Solor foi assaltado. Vendo a fortaleza arruinada e as igrejas profanadas, os Padres com a ajuda do velho Capitão Francisco Fernandes, entusiasmaram o povo que se atirou contra o invasor, causando-lhe pesadas baixas. Repelidas em Solor, as forças de Toló dirigiram-se para Timor e por onde passavam só deixavam destruição e morte[34].

Mena foi saqueada e destruída. Em Larantuca, Frei António de S. Jacinto, ao ter conhecimento do sucedido, embarcou imediatamente para Meca com dois padres e oitenta mosqueteiros. Mas o Frade tinha que fazer uma longa caminhada para ir ter com a rainha que se refugiou no mato com o seu povo. Ele fez-lhe ver a sinceridade da parte de Portugal e que seria mais vantajoso para ela e o seu reino se decidissem aliar-se , que passaria a defendê-los contra qualquer eventual ataque dos seus inimigos. A rainha concordou. Com a evangelização dos reinos de Mena, Lifau, Silaban e Amanuban, Frei António de S.Jacinto e os seus companheiros estabeleceram definitivamente em Timor os fundamentos da Igreja. A data de 1641, se por um lado marca a queda de Malaca, por outro lado regista o estabelecimento definitivo da Igreja em Timor.

---

[33] Luna de Oliveira: " *Timor na História de Portugal*", Lisboa, Agência Geral de Ultramar, Vol.II, 1950, p.84.

[34] Artur Teodoro de Matos, *op.cit.*, pp. 45-46.

Ciente das dificuldades existentes, acrescidas pela incursão do rei de Toló, Frei António de S. Jacinto regressou apressadamente a Larantuca e conseguiu duas naus que, de imediato, partiram com mantimentos e missionários para manter vivas as recém criadas cristandades.

Ficou assim distribuído o pessoal missionário: os padres Serrão e Manuel da Ressurreição foram para Mena; Pedro de S. José e Álvaro Távora foram para Lifau. Quanto a Frei Jacinto de S. Domingos foi para Silaban. A Igreja em Timor ficou assim estabelecida na província de Servião ou Timor Ocidental, actual Timor Indonésio, com capital Cupão ou Kupang.

Os reis cristãos ficaram ligados à Coroa Portuguesa por um acordo pelo qual se obrigavam a pagar aos Superiores das Missões uma certa quantia em géneros e, em troca, seriam protegidos e auxiliados em caso de ataque dos seus inimigos[35]. Este sistema de Evangelização de fazer de um rei cristão, um rei vassalo de Portugal, serviu de estímulo à difusão do Evangelho através de vários reinos da Ilha. E, assim, a partir de 1641, os limites da cristandade estendiam-se também aos reinos Cupão e Acção, na Província de Servião, e ao reino de Luca, na Província dos Belos. Possivelmente, Luca foi o primeiro reino da Província dos Belos a receber a Fé Cristã. Situado na costa sul do Timor Leste, encontra-se bastante afastado de Cupão e Lifau, distando, respectivamente, cerca de uns trezentos e duzentos quilómetros. Com o aumento da área cristianizada, acrescida com os respectivos encargos pastorais, os Missionários Dominicanos que até então se responsabilizaram também pela administração e defesa da Colónia pediram ao Vice-Rei da Índia que nomeasse um Capitão Geral para oficialmente tomar conta do governo de Timor.

---

[35] Pe. Manuel Teixeira: *Macau e a Sua Diocese. X, Missões de Timor*, Macau, Tipografia da Missão do Padroado, 1974, pp. 33-35.

Até aí, os Frades Dominicanos, senhores de Timor, exerciam um verdadeiro poder teocrático, pois, para além do apostolado e do ensino, até pegaram em armas quando era necessário. A Nação lucrou com a presença de uma colónia devido apenas aos esforços dos seus missionários.

Mas começava a ser tempo de separar o espiritual do temporal. Escrevia-se então ao Vice-Rei expondo os problemas existentes e sugerindo as respectivas soluções, com o estabelecimento de um governo formal.

Só que a concretização deste pedido, à partida não se afigurava viável em Timor e Solor , por razões que iremos expor no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II

A queda de Malaca e a Conjuntura Político-Militar-Religiosa em Timor

A tomada de Malaca pelos Holandeses em 1641 marca virtualmente o declínio da supremacia militar e naval portuguesa no Oriente. Isto teve como consequência lógica o isolamento das possessões portuguesas na Ásia em geral e na Insulíndia em particular, para com a capital do Estado da Índia.

De uma maneira geral os galeões portugueses que antes dominaram as rotas de navegação e comércio do Oriente, passaram a ter a partir da segunda metade do século XVII, concorrentes mais fortes com o surto de «VOC» e «EIC» nos Mares do Sul. Inicialmente de característica comercial, a «VOC» acabou por se transformar num instrumento político do governo holandês. E por isso mostrou uma certa agressividade contra possessões portuguesas no Oriente. «The (Dutch) atack on 20 January 1641: this atack started after the fall of Malacca to the Dutch, with the result that the Portuguese were corned in their colonies in Nusantara and rebellions in their collonies took place»[36].

Portugal tinha que rever toda a sua estratégia naval, passando a utilizar embarcações de reduzida tonelagem como galeotes, para poder manter ainda parte do seu comércio na Insulíndia. Controlando as rotas de navegação e comércio, a Holanda reforçou as suas posições em Batávia e passou a apertar o assédio contra a presença dos Portugueses na Insulíndia. Um dos alvos foi Macáçar que por ter prosperado com a fixação dos Portugueses idos de Malaca, atraiu a atenção dos Holandeses que a tomaram em 1660.

---

[36] W. M. F. Hofstbeede OFM: *Malacca Treasures in Larantuka*, Lembaga, Panelitian Universita Katolik Parahyangan, Indonesia, 1990, pp. 15-16.

Já antes Solor tivera a mesma sorte e posteriormente Larantuca . E, em 1653, a Holanda ocupou definitivamente uma parte de Timor, aproveitando um forte abandonado pelos Portugueses em Cupão ou Kupang, na Província de Servião ou capital de actual Timor indonésio[37]. Tal presença definitiva da Holanda na ilha de Timor viria a alterar todo o condicionalismo económico, comercial, político e militar da Ilha.

A partir de 1653, a soberania portuguesa em Timor, que antes já era vulnerável e periclitante, ficaria desde então constantemente ameaçada por uma potência europeia superior em efectivos e armamento. Consequentemente, Timor passou a ser o único território português forçado a albergar dentro das suas fronteiras o inimigo mais poderoso de Portugal nos Mares do Sul.

No domínio do comércio, Portugal passou a contar com um poderoso concorrente e senhor de vastos apoios logísticos, uma vez que a Holanda dominou virtualmente o Arquipélago da Insulíndia; consolidadas aqui as suas bases lutou também para criar na China uma base comercial[38], com o objectivo de controlar as rotas portuguesas. Macau foi cobiçada pelos Holandeses que finalmente decidiram atacá-la com uma poderosa armada[39]. Embora não fosse bem sucedida nessa aventura militar, a Holanda conseguiu inviabilizar as rotas comerciais de Macau com a China, pondo em causa, também, o comércio de sândalo com Timor.

Por outro lado, os condicionalismos específicos de Timor, tais como o isolamento e a distância a que se encontrava Portugal, agravados por uma conjuntura política desfavorável, quer a nível nacional, como já se viu, quer a nível regional, como o ataque de Rei de Toló a Solor e sobretudo a Timor, tornaram difícil a governação da Ilha.

---

[37] C. R. Boxer, *op. cit.*, p.87.

[38] C. R. Boxer, *op. cit.*, pp.83-85.

[39] Montalto de Jesus: *Macau Histórico*, Edição Portuguesa da Versão apreendida, patrocinada pela Fundação Oriente, Macau 1990, pp. 72-80.

Portanto, a situação geral existente na Insulíndia não encorajava a ida de qualquer governador português para Solor e Timor. Até 1702, diz Afonso de Castro, não há nas possessões da Malásia (Insulíndia) governador nomeado pelo Rei ou seu delegado. Quem de facto mandava nessas possessões eram os frades dominicanos que «põem e dispõem, que fazem acordos com os régulos, que lhes movem a guerra ou com elles tratam a paz(...) O Vigário visitante é o capitão, o juiz, o administrador, é tudo (...). O superior da missão é verdadeiramente governador. E o Geral da Ordem de S.Domingos quem nomeia o vigário superior de Timor»[40].

Por outro lado temos de considerar também que, tanto os Larantuqueiros como os Timorenses habituados ao regime dos Dominicanos, em que teoricamente tinham liberdade de acção, não iriam com facilidade sujeitar-se a um governo que à partida iria restringir essa mesma liberdade[41].

Temos de ter em conta o espírito irrequieto e arrogante dos Régulos Timorenses, influenciados pela intriga e cobiça dos holandeses, e mais tarde descontentes com os desmandos de um e outro governador, tentam criar um clima de constante instabilidade, desde 1702 até ao princípio deste século: «The Timorese retain their independence virtually, and appear to despise as well deslike their would-be rulers, whether Portuguese or Dutch... The Island is adhered between a host of petty rajahs turbulent and insular, hating foreigners...»[42]

Como consequência desta situação agitada e particularmente turbulenta, as casas reais de Timor, principalmente a de Costa e Hornay, iam alternando no governo de Timor. Por essa altura, ou na segunda metade do século XVII, a soberania portuguesa afirmava-se apenas no Lifau,

---

[40] C. A. Montalto de Jesus, *op. cit.*, pp.72-80.

[41] Afonso de Castro: *Possessões Portuguesas na Oceania*, Lisboa, Imprensa Nacional 1867, pp. XVIII-XIX

[42] A. Cabaton: *Java and the Dutch East Indies*, London, Adelphi Terrace, 1911, p. 357.

Batugadé, Díli e Manatuto. Nos restantes reinos, Portugal é apenas suserano[43]

Luta pelo poder em Solor e Timor

Dominando o Estreito de Malaca, em 1641, a Holanda tentou pôr em prática a sua estratégia de eliminar, tanto quanto possível, a presença portuguesa no Oriente, tal como acontecera em Macau, Macáçar, Larantuca na ilha de Flores e Timor.

Da parte portuguesa não houve infelizmente, durante o século XVII em toda a Insulíndia, qualquer governador nomeado pelo Vice-Rei ou seu delegado. Isto só veio a acontecer no princípio do século XVIII, com a nomeação do primeiro governador para Timor e Solor. Esta lacuna histórica deu aso a que alguns Portugueses tentassem por iniciativa própria exercer a função de autoridade, sobretudo nos momentos críticos. Foi o caso de Francisco Vieira de Figueiredo que, por se ter servido de Macáçar como base para as suas actividades comerciais com Macau, costas de Coromandel, Larantuca e Timor, teve grande influência junto do sultão Hassan de Udin de Macáçar[44].

Teve igualmente bom relacionamento com o Vice-Rei da Índia, D. António de Mello de Castro, que o honrou com a patente de General do Sul de que faziam parte Solor e Timor[45]. Graças à sua influência, os Portugueses idos depois da queda de Malaca foram bem acolhidos em Macáçar. Esta presença portuguesa não só contribuiu para a prosperidade de Macáçar, mas também infelizmente para a sua ocupação pelos holandeses em 1660.

---

[43] Afonso de Castro, *op. cit.*, p. XXI

[44] C. R. Boxer, *op. cit.*, p. 187.

[45] Humberto Leitão: *Os Portugueses em Solor e Timor 1515 / 1702*, Lisboa, Tip. C. G. G., 1948, p. 253.

A partir daqui, os portugueses concentraram-se em Larantuca, na ilha de Flores, sob a chefia do velho Capitão--mor Francisco Fernandes que mais de uma vez se distinguiu na afirmação da soberania portuguesa na Insulíndia.

Entretanto, os holandeses apertaram o assédio contra os redutos portugueses, e em 1653, ocuparam definitivamente Cupão (Kupang), um bom ancoradouro na Província de Servião. Nesse mesmo ano faleceu o Capitão-Mor Francisco Fernandes. A sua morte gerou entre os Portugueses de Larantuca uma crise na liderança. Entre os vários candidatos que concorreram para a chefia, destacaram-se dois naturais : António Hornay [46] e Mateus da Costa[47].

Ambos os concorrentes arrastam atrás de si apoiantes entre os soldados portugueses, comerciantes macaenses, desertores holandeses e contrabandistas chineses[48]. O próprio Francisco Vieira de Figueiredo, apoiou abertamente a candidatura de Hornay, pois via nele o sócio ideal que lhe convinha no negócio de sândalo.

Deu-se uma guerra civil por volta de 1670, que terminou com a vitória de Mateus da Costa sobre António de Hornay. Ficando, portanto, com o poder, Mateus da Costa governou com agrado geral e por ser leal servidor de Portugal foi pelo Vice-Rei, Conde de Lavradio, nomeado Capitão-Mor de Solor e Timor[49]. Com a morte de Mateus em 1673, Hornay recorrendo à força, tomou conta do poder e governou Timor e Solor durante vinte anos.

---

[46] António de Hornay era filho de um desertor holandês, Jan de Hornay e de uma Timorense.

[47] Mateus da Costa era filho de um oficial português, João da Costa e de uma Timorense.

[48] C. R. Boxer, *op. cit.*, pp. 186-189.

[49] Humberto Leitão, *op.cit.*, pp.186-189

António Hornay
no governo de Timor e Solor durante 20 anos

Ao contrário de Mateus da Costa, António Hornay era esperto, astuto, ambicioso e decidido. Dotado destas qualidades, não lhe seria difícil arranjar partido entre a população[50]. Jurou lealdade a Portugal, mas, na prática, mostrou-se inflexível em aceitar governadores nomeados pela Coroa.

Entretanto, conforme um relatório de «VOC», Hornay melhorou o comércio de sândalo com os holandeses e privilegiou Macau no mesmo negócio[51]. E não tardou que o Vice-Rei, Mello de Castro, baseado nas informações de Francisco Vieira de Figueiredo, viesse a nomear Hornay Capitão-Geral de Timor e Solor[52].

Essa política era a mais prudente na altura uma vez que Portugal era incapaz de tomar uma atitude de força ou adoptar uma medida coerciva para afirmar efectivamente a soberania na Insulíndia[53].

Uma vez no poder, Hornay julgou ter chegado o momento de dar largas às suas ambições. Governou Timor com braço de ferro, perseguindo alguns portugueses e cristãos que não eram do seu agrado. Isto levou o Vice-Rei, Conde de Lavradio, a retirar-lhe o poder. Mais tarde o Conde de Alvor (1681-1686) fez o mesmo.

Mas todas as tentativas, incluindo o recurso à força para destronar Hornay foram infrutíferas. Ele continuou a governar

---

[50] *Id. ib.* p.237

[51] George Bryan de Sousa: *A sobrevivência do Império: Os Portugueses na China (1630-1754)*, Publicações D.Quixote,(Trad. Portuguesa de Luísa Arrais), Lisboa, 1991, pp.1216.

[52] Humberto Leitão *op.cit.*, p.238

[53] C. R. Boxer, *op.cit.*, pp.191.

Solor e Timor como um rei não coroado[54]. Esta hegemonia dos Hornays só terminou com a morte de António. Chegou-se então a um acordo entre as duas casas (Costa e Hornays) selado pela realização de um casamento entre Francisco Hornay (irmão de António) e uma neta de Mateus da Costa.

Aproveitando este acontecimento, o então Vice-Rei da Índia, Conde de Vila Verde, apelou aos comerciantes macaenses para influenciarem os régulos timorenses a aceitarem os governadores nomeados pela Coroa.

O contributo de Macau no estabelecimento do Governo formal de Timor

O papel de Macau como interlocutor e mediador nesta fase incipiente de estabelecimento do Governo formal em Timor, fundamenta-se em vários factores, tais como, as relações comerciais entre os dois territórios, relativa proximidade geográfica e laços familiares.

No âmbito do comércio, o Senado de Macau foi realista em declarar que a ' Cidade não pode sobreviver sem o sândalo de Timor, pois faltando o comércio de sândalo a Cidade ficará totalmente arruinada (...). E quem é que lucra com o comércio de sândalo em Timor? ' (...)' todo Macau participa no comércio de sândalo de Timor desde o Capitão-Geral até às viúvas e órfãos que arriscavam suas migalhas nos *bagues*'[55].

---

[54] C. R. Boxer, *op.cit.*, p. 238.

[55] Beatriz Basto da Silva: "*Cronologia da História de Macau, Século XVIII*", Vol.II Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, Macau, 1993, p.15.

Bagues é o processo de comparticipação nos riscos e nos posteriores lucros. Em Macau empregava-se este termo para indicar os 2/3 do sândalo carregado em Timor pelos barcos da Cidade e que os armadores eram obrigados a entregar para serem distribuídos pelos moradores pobres.

Em 1716, o Vice-Rei, César de Meneses, oficia ao Senado, "proibindo sob severas penas que os barcos de Macau fossem comprar sândalo nas Costas do Mar do Sul, isto é, nas Ilhas da Insulíndia; bastar-lhes-ia Timor, de cujo sândalo tinham o monopólio durante um século"[56]. Como consequência deste comércio, uma significante colónia de Macau residia em Larantuca e possivelmente havia relações matrimoniais entre os elementos da colónia e os naturais.

Tal é o caso do macaense Lourenço Lopes, oficial do exército que casou com uma filha do falecido régulo Mateus da Costa[57]. Estes factores levaram os régulos Costas e Hornays a aceitar os governadores nomeados pela Coroa. E o primeiro governador foi o ex-governador de Macau, o macaense António Mesquita Pimentel, que embarcou para Timor na fragata «Na.Sa. da Conceição de Pangim», em 1695[58]. Foi recebido com entusiasmo pela população que, mais tarde, o expulsou, devido aos desmandos praticados.

Para o substituir, foi designado outro macaense, também antigo governador de Macau, André Coelho Vieira que possivelmente, devido à oposição dos régulos, não chegou a tomar posse do Governo[59], a julgar pelos insistentes e repetidos apelos que o Vice-Rei, Luís Câmara Coutinho, dirigiu aos régulos no sentido de aceitarem os governadores nomeados pela Coroa. O mesmo apelo fez a Comunidade macaense de Larantuca. Foi então nomeado António Coelho Guerreiro, Governador e Capitão-Geral das Ilhas de Timor e Solor e outras regiões do Sul[60].

António Coelho Guerreiro, natural de S.Tiago de Cacém, trabalhou como oficial de Engenharia Militar durante trinta anos no Brasil e na costa ocidental da África, onde exerceu com brilho a função de Secretário-Geral de Angola. Mais tarde exerceu a mesma função em Goa[61]. A nomeação de Guerreiro para governador de Solor e Timor é entendida como uma recompensa do Governo pelos revelantes serviços prestados ao Império Colonial. E também é encarada como prova de confiança que a Coroa depositara nele para poder erguer o estado decadente e instável de Timor. A importância da missão de Guerreiro equaciona-se, aliás com a gravidade da situação, conforme aquilo que o Vice-Rei, António Câmara Coutinho, sublinhou no regimento que havia de orientar o governo de Guerreiro em relação ao povo, aos régulos, à Igreja e aos estrangeiros que comerciavam em Timor, sobretudo, os holandeses. Recomendou o aproveitamento de recursos naturais e concedia-lhe amplos poderes para encarar diversas hipóteses que os condicionalismos da Ilha podiam criar[62].

---

[56] *Id. ib.*, pp. 37 e 140.

[57] Humberto Leitão, *op.cit.*,p.160

[58] *Id.ib.*, p266

[59] *Id. ib.*, pp.266 e 267

[60] *Loc.cit.*, pp.268-269

Uma vez empossado, António Coelho Guerreiro largou de Goa para Macau, um tanto desiludido, por não ter levado consigo nem sequer uma décima parte das forças que tinha pedido. Em Macau conseguiu bastante armamento e mantimentos, bem como voluntários. E a bordo de duas fragatas «S.Pedro» e «St.António» rumou para Timor. Tendo aportado a Larantuca, mandou a terra mensageiros com cartas do Vice-Rei para Domingos da Costa. Ao ter conhecimento da chegada do novo governador de Timor, Domingos da Costa tomou medidas para inviabilizar o seu desembarque. E escreveu uma carta ao novo Governador em que declarava que não deixava de ser amigo do Rei de Portugal, mas não seu vassalo. Manifestou, no entanto, a intenção de fundar um novo estado independente, podendo até o Monarca Português usar o título de Rei do novo estado, não ficando, porém, com o direito de interferir nos seus negócios.

Face a esta resposta tão ofensiva, Guerreiro deu ordens para bombardear Larantuca. Mas aconteceu que a artilharia da terra era superior no raio de acção e precisão de tiros, causando baixas e danos nas forças atacantes. Abandonando Larantuca, Guerreiro dirigiu-se a Lifau onde encontrou também resistência sob o comando do macaense Lourenço Lopes que se opôs ao desembarque. Travou-se uma luta renhida que terminou com a intervenção do Frei Manuel de Santo António. O novo Governador conseguiu desembarcar e o dia 20 de Fevereiro de 1702, marca a data histórica da entrega definitiva do poder temporal das Ilhas de Solor e Timor.

---

[61] C.R. Boxer, *op.cit.*, p.190

[62] Humberto Leitão, *op. cit.*, pp.269-277.

Os protagonistas desta cena memorável foram António Coelho Guerreiro da parte do Vice-Rei, e dos dominicanos foi Frei Manuel de Santo António, tendo como cenário as Praias de Lifau[63].

Consciente do clima de instabilidade que o rodeava, Guerreiro tratou logo de organizar a defesa de Lifau e como primeira medida mandou construir um forte.

Em breve começou a ser pressionado pelas forças rebeldes de Domingos da Costa e nem sempre podia contar com o apoio do Vice-Rei. Nos momentos críticos só Macau o podia valer, pois, segundo Charles Boxer, «durante estas perpétuas lutas em Timor a ajuda era sempre proveniente de Macau que raramente falhava, quando era necessário»[64].

Face às dificuldades de poder obter apoio do Vice-rei para afirmar a soberania, este Governador teve que optar por outra alternativa, que era recorrer aos Timorenses para formar uma força de segurança e defesa. Para isso, ele tinha que eliminar a influência de alguns régulos, como foi o caso do régulo de Senobay e de Wehali (Behali) que eram autênticos imperadores potencialmente perigosos, tanto para os Portugueses como para com os Holandeses[65].

Por motivos políticos, habilmente igualou todos os régulos, dando a cada um a patente de brigadeiro e a outros chefes tradicionais outras patentes da hierarquia militar[66].

A decisão do Governador vai ao encontro do espírito aguerrido do povo timorense que passa a partir de então (1702) a dispôr de uma organização para-militar não só a nível de regulados mas também a nível regional. Tal organização perpetua-se até aos nossos dias, conhecida como «Arraiais de Leais Moradores»[67]. São recrutados milhares de jovens válidos que, devidamente treinados, são depois mobilizados e utilizados para manter a soberania portuguesa.

---

[63] Humberto Leitão, *op. cit.*, pp.278-287.

[64] C.R. Boxer, *op.cit.*, pp.198-201

[65] Afonso de Castro, *op.cit.*, p.200

[66] *Id. ib*, p.54,55 e 198.

> «Ha um corpo denomidado Leaes moradores de Dilly, nome que bem merece pelos seus importantes e valiosos serviços.
>
> Todo timorense com residência em Dilly se considera soldado, sem ser necessário que o alistem, e os commandantes nomeiam para qualquer serviço os seus soldados, por uma escala que só elles conhecem. O serviço desta milicia é mais pesado que o de primeira linha; na guerra têem nos sido sempre poderosíssimos auxiliares; na paz fazem sem vencimento algum serviço de guarnição de dia e de noute em differentes postos que há em toda a cidade, por que os europeos a maior parte estão sempre no hospital.
>
> São os Leaes moradores de Dilly que vão chamar ou prender os régulos, principaes e dattos dos reinos; vão aos reinos publicar os bandos; vão aos presídios e concelhos entregar a correspondência official; fazem destacamentos no presídio de Batugadé; dão ordenanças ás differentes auctoridades do distrito; finalmente são homens com quem se não deve ser severo e sim ter toda a condescendência e attenção, por que nos coadjuvam em todos os ramos de serviço e poupam ao estado centenares de homens e uma boa somma de florins, e creia V.Exa. que se não fosse este corpo não poderia deixar de haver em Dilly menos de 500 praças de pret e ainda assim não fariam o serviço da segunda linha de Timor.[68]

---

[67] Afonso de Castro, *op.cit.*, p.197

[68] António Joaquim Garcia, Capitao de Batálhao de Timor 'Força Armada' in Timor the Portuguese Periodical Press of the Far East' Part Two:1870, Timor Collection by Kevin Sherlock, Darwin 1986.

Para além desta organização para-militar, a Província dos Belos (Timor-Leste) ficou dividida em zonas militares a nível de concelhos, postos administrativos e até sucos. Geralmente ficava um militar à frente de cada uma destas zonas que se compõem de uma tranqueira ou forte, à sombra do qual se levanta o complexo de edifícios para a Administração e residência[69].

Devido a constantes factores, tais como a presença dos Holandeses, os desmandos de um ou outro governador, o temperamento indómito dos régulos, que contribuem para desestabilizar a Ilha, pode-se afirmar que a Administração Portuguesa em Timor foi concebida e orientada para uma estrutura de carácter castrense, em detrimento de promoção cultural, económica e educacional.

> «(...) uma colonização essencialmente militar e administrativa como vinha sendo desde o século XVII. Colonização económica praticamente não existiu.»[70]

Na verdade, é difícil encontrar em Timor, até ao princípio deste século, algum governador que não tenha enfrentado o problema de sublevações e nem tão pouco encontrado algum europeu civil que não seja missionário.

O próprio governador José Celestino da Silva, um dos mais credenciados governadores de Timor, reconhece o prejuízo que resulta da prioridade de problemas militares, ao escrever: "Se, ao lado de cada comandante honesto, sensato e trabalhador, tivermos um missionário que, com o seu exemplo e as suas palavras, vá a pouco e pouco adoçando os costumes e propagando a religião católica, apostólica, romana em vez de dispararmos tiros de canhão e espingardas, abriremos estradas, saneamos pântanos e arroteamos muito terreno"[71]. Estas palavras de Celestino da Silva provam precisamente aquilo que se afirmou, ou seja, a prioridade de assuntos militares sobre as actividades mais benéficas para a população. Desde o início deste Governo toda a Administração foi resolvida e assegurada com mais eficácia pela acção benemérita e humanitária da Igreja, como trataremos nos próximos capítulos, do que por «manu militari».

---

[69] Luna d'Oliveira: *Timor na História de Portugal*, Vol II; Agência Geral de Ultramar, Lisboa 1950, pp.200 e 201.

[70] Luís Filipe R. R. Thomaz: *O Afluxo ao meio urbano no Timor Português*, Revista da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, V Série, Nr.1 1976-1977, p.495-553

Uma vez aliviada da responsabilidade temporal, a Igreja ia, pouco a pouco, alargando o seu campo de acção a respeito das iniciativas anteriormente lançadas como a criação de uma orgânica religiosa para as Missões da Insulíndia que passaram a depender de Goa, de que Malaca é sufragânea. Em 1647 foi nomeado um Vigário-Geral que superentendia nas cristandades de Timor, que se tornaram também dependentes de Larantuca.

A partir daqui, a Igreja em Timor,começou a ganhar vulto, a ponto de chegarem à Santa Sé pedidos para a criação da Diocese de Timor com a nomeação de um bispo residencial. Porém, a Santa Sé limitou-se apenas a transferir a sede dos Bispos de Malaca para Timor. Deste modo, o primeiro Bispo dominicano a fixar residência em Timor foi D.Frei Manuel de Santo António, em 1697 [72].

Se durante o século XVII, os Dominicanos se concentraram mais na evangelização da Província de Servião, no século XVIII eles tiveram como alvo principal a missionação da Província de Belos. Surgiram, assim, as missões de Batugadé (na fronteira entre Servião e Belos) dirigindo-se para leste, Maubara, Díli, Lacló, Manatuto e Laleia. Com excepção de Lacló, todas elas se encontram situadas na zona costeira norte da Região dos Belos e dotados de bom ancoradouro. E, paralelamente, na costa sul, a partir da fronteira entre Servião e Belos, criaram-se as missões de Suai, Barique, Bubursuçu, Luca e

---

[71] José Celestino da Silva: *Relatórios das Operações de Guerra no Distrito Autónomo de Timor*, Imprensa Nacional, 1897, pp.43-44. Citação do Pe.Jorge Barros Duarte, in "Terras de Timor", Lisboa, 1887, p.11.

[72] Pe. Manuel Teixeira: *Macau e a Sua Diocese. Missões de Timor*, Tipografia da Missão do Padroado, Macau, 1974, p.40.

Viqueque, com excepção de Bubursuçu, todas as missões se encontram com relativa facilidade de acesso ao mar. Convém notar que até essa época (1780), a evangelização de Timor se limitava à zona costeira. E as missões mais avançadas para a zona Leste, eram Laleia na costa Norte, Luca e Viqueque na costa Sul. Os povos de Mambae, Lamaquitos (Bunaks e Kemaks) que habitam as cordilheiras centrais ainda ficaram por evangelizar, bem como os povos da zona Leste, os grandes concelhos de Baucau e Lautem ou o actual Los Palos.

A estratégia de evangelizar as zonas costeiras do Norte e Sul da Província dos Belos facilita o acesso aos grandes aglomerados populacionais ribeirinhos e também permite cobrir as regiões limítrofes do interior da Ilha.

Isto veio a resultar, por um lado, num acréscimo do número de cristandades, a ponto de se sentir a necessidade de criação de um segundo Seminário em Timor, situado em Manatuto, na Província dos Belos, em 1745, e por outro lado, na fixação em Timor da residência do Bispo de Malaca, por ordem de D.JoãoV, no mesmo ano.

Anteriormente em 1738, fora fundado em Oecusse, na Província de Servião, o primeiro seminário timorense para educar os «naturaes dos paiz para serviço das missões». Este seria orientado por sacerdotes da Cruz dos Milagres[73]. E quem iria contribuir para a sua construção e manutenção, conforme determinação da ordem real, seria o Tenente-General do Mar, Gaspar da Costa com «duzentos pones de sustento que faram 400 alquires e mais fintas (impostos) dos reinos de Bibae e Antona (sic) no valor de 250$000 reis» [74].

Dez anos depois, isto é, em 1747, esse primeiro seminário já não era suficiente e sentia-se a necessidade de fundar um outro em Manatuto, com vista a atender as necessidades pastorais da Província dos Belos[75]. Não existem, porém, documentos sobre as actividades desses seminários nem tão pouco sobre o número e qualidade do pessoal missionário neles formado[76]

---

[73] Afonso de Castro, *op.cit.*, p.188

[74] *Id. ib.*, p.189

[75] Pe. Abílio José Fernandes, *op.cit.*, p.32

Por volta do ano de 1750, existiam em Timor as seguintes casas e igrejas:

Nas Ilhas de Solor

.Nossa Sra. de Piedade em Larantuca
.São Lourenço em Lovarião
.São Tiago Maior em Coão
.S. João Baptista em Guegue
.S. António em Balato

Nas Ilhas de Ende, Sica e Paga havia três Igrejas

Na Ilha de Timor

.Nossa Sra. do Rosário em Liphao
.Nossa Sra. de Pópulo em Maynute
.Cristo Santo em Manatuto
.Nossa Sra. do Rosário em Adde
.Nossa Sra. dos Remédios em Dylle
.Santa Catarina em Samor
.S. Sebastião em Viqueque
.N. Sra. do Rosário em Manubao
.S. António em Mena
.S. Domingos em Luca
.S. Thiago em Hera
.N. Sra. de Piedade em Animata
.S. Thomas em Batugadê
.S. D. Suriano em Balibó
.Santa Luzia em Mucabao

Os religiosos eram os seguintes:

O P. Fr. José de S.Joaquim, Fr. Alberto de S. Thomaz, Fr. Francisco de S.Ana, Fr. Felipe de S.Rosa, Fr. Vicente de S. José, Fr. Jacinto Conceição, Fr. Nuno Vicente, Fr. António de Jesus, Fr. Francisco de S. Domingos, Fr. Vicente de S. Guilherme, Fr. Feliciano de Jesus, Fr. António de

---

[76] Artur Teodor de Matos, *op.cit.*, pp. 68-69

S.Boaventura, Fr. António dos Mártires, Fr. Francisco de Ressureição, Fr. Roque de Sta. Rosa, Fr. João de N. Senhora.[77]

Conforme uma memória manuscrita, datada de 1780, «os Dominicanos construíram na Ilha de Timor 50 igrejas»[78].

Mas, enquanto a componente espiritual da presença lusa, na Insulíndia, foi conquistando o espaço em termos de actividades e influência, a temporal foi perdendo em termos de domínio e controlo, assim, Solor, primeiro centro administrativo, religioso e comercial (1566-1613), foi tomado pelos holandeses em 1613, passando Larantuca, na ilha de Flores, a desempenhar essa função (1613-1702). Com a tomada de Larantuca pelos holandeses em 1702, Lifau, situado no litoral norte da ilha de Timor, passou a ter essa função (1702-1769)[79].

Na tentativa de reduzir ou eliminar a presença portuguesa na Insulíndia, os holandeses concentraram os seus esforços para desestabilizar Lifau. E assim o então governador de Timor, António José Teles de Meneses, pressionado por um prolongado cerco imposto pelos rebeldes, resolveu em 1769 dirigir-se para a costa Leste da Região dos Belos, onde encontrou um bom ancoradouro e aí assentou os arraiais[80].

E assim nasceu a cidade de Díli (1769) que ainda hoje é a capital de Timor. Pode-se, pois, concluir que por motivos de segurança e estabilidade, a sede de influência administrativa e religiosa portuguesa na Insulíndia, passou durante o período de 1566-1769, por quatro capitais.

É inegável que foram os Dominicanos que implantaram a Igreja na Insulíndia e, sobretudo em Timor, onde fizeram dos Timorenses vassalos da Coroa Portuguesa. Ao longo de quase dois séculos conseguiram com grande esforço introduzir e manter a soberania portuguesa em Timor. Mas esta obra missionária e nacional, que foi construída durante séculos e à custa de muito sacrifício, começou a ruir ao fim de poucos anos. Não foi o inimigo de fora, os holandeses ou outras potencias locais que levaram a melhor. Mas foi o inimigo interno, a Revolução Liberal de 1834 que deu o golpe mortal à presença dos Dominicanos em Timor, numa altura em que a Evangelização se mostrava em franco florescimento.

---

[77] Cap. A. Faria de Morais: *Subsidios para a História de Timor*, Dominicanos, Missionação-Oriente Sec.XVI / Dominicanos, Timor / História de Portugal, Tip. Rangel, Bastora, 1934, pp. 34-35.

[78] Pe. Abílio José Fernandes, *op.cit.*, p.32

[79] W. M. Hofsteede, *op. cit.*, pp. 210 e 211.

[80] Afonso de Castro, *op.cit.*, pp. 210 e 211

CAPÍTULO III
Revolução Liberal de 1834 e Timor

A Revolução Liberal de 1834 é um dos corolários da crise que pairou sobre a Europa no fim do século XVII e princípio do século XVIII, afectando a vida de diversas nações entre as quais Portugal.

A invasão e ocupação do País pelo exército francês e a subsequente fuga da Família Real para o Brasil provocaram uma situação desastrosa na vida económica, política e social, com repercussões altamente negativas para o Oriente Português. Se, por um lado, a maçonaria ganhou vulto, conquistando a classe dos intelectuais que influenciaram a Revolução de 1834, por outro lado, a perda do Brasil paralisou as actividades industriais e comerciais de Portugal, afectando o comércio com o Oriente, que se agravou com o «deficit» pelo facto de os produtos importados terem de ser pagos em moedas de prata e ouro.

Apenas houve «superavit» no comércio com a África e com as Ilhas Adjacentes. Ora isto motivou os políticos de então, especialmente o primeiro Governo Setembrista de 1836, a criar nas colónias de África um mercado para substituir o Brasil.

Chegou o momento de pôr em prática a prioridade da política africana que atingiu a sua expressão máxima com Sá de Bandeira em 1836, deixando em detrimento o Império do Oriente[81].

Tal decisão teve consequências negativas para Timor que, se durante séculos foi a colónia menos beneficiada, passou a estar a partir de então, mais desamparada no domínio económico, militar, político e, sobretudo, religioso. E os efeitos não tardaram a surgir. Aproveitando esta crise, a

---

[81] Joel Serrão: *Liberalismo*, in Dicionário da História de Portugal, Direcção de Joel Serrão, vol. III, Lisboa, 1985, pp. 508-512

Holanda anexou Atapupo, um bom ancoradouro de Silaban na costa Norte da Província de Servião e pôs em causa a própria soberania portuguesa em Timor e Solor, argumentando que, antes do século XVIII, Portugal não possuía documentos para fundamentar a sua presença em Timor.

Baseada numa falsa interpretação do Tratado de 1661, celebrado no reinado de D.Afonso VI, a Holanda reclama a sua soberania de direito sobre Timor e o Arquipélago de Solor. E para demonstrar a sua pretensão argumentou que, se os povos de Timor se fizeram súbditos da Coroa Portuguesa por vontade própria e não por conquista, então esses mesmos povos, uma vez descontentes com Portugal, poderiam subtrair-se da sua soberania e passar para a Holanda.

Isto seria legal. Em resposta, afirmou Portugal que, tendo-se os Timorenses tornado vassalos de Portugal de livre vontade, eles não poderiam, sem consentimento de Portugal, ser vassalos de outros países. O subtrair-se do domínio português seria um acto ilegal e criminoso que a Holanda não poderia nem deveria promover [82].

Com o fim de resolver essas disputas territoriais Portugal e a Holanda acordaram em celebrar um tratado em 1850 em que mais uma vez esta saiu triunfante. O representante português, Comissário Régio Lopes de Lima, pressionado, possivelmente pela deficitária situação financeira de Timor, onde «ordenados não eram pagos há meses e em cofres não existia com que fazer face aos menores encargos» [83], não hesitou em ceder à Holanda a posse de Ilha das Flores e do Arquipélago de Solor em troca do pequeno Reino de Maubara e 200 mil florins.

Lopes de Lima excedeu as suas atribuições, pois tinham-lhe sido conferidos apenas direitos «ad referendum»[84]. Desamparado da tutela e ajuda de Portugal e de Goa, Timor tinha que reforçar o seu relacionamento económico e comercial com Macau afim de poder salvaguardar a sobrevivência de ambos os territórios dentro do xadrez português.

---

[82] Afonso de Castro, *op.cit.*, pp. 155-160

[83] *Id. ib.*, p.160

[84] *Id. ib.*, p.168

As relações entre Timor, Macau e Goa pareciam condicionadas pela indecisão do Governo Central a partir da primeira metade do século XIX devido, possivelmente, às consequências da política africana que constituía a prioridade da política colonial.

As constantes mudanças a que estava sujeito Timor a partir de 1844, ora dependente de Goa ora de Macau, ora o governo autónomo, e repetia-se o ciclo, só vem revelar a indecisão e desinteresse por parte do Governo da Metrópole em formular e definir uma política firme e estável em relação a Timor. Isto não aconteceu. Assim, os registos dizem que, em 1701, Timor ficou dependente de Goa; em 1844, ficou subordinado a Macau; em 1851, passou a depender directamente da Metrópole; alguns anos depois, voltou a depender de Macau.

E repete-se o ciclo. Em 1856, ficou subordinado de novo a Goa; em 1863, à Metrópole; em 1866, a Macau.

E finalmente por decreto publicado no «Diário do Governo» de 21/10/1896, no Governo de José Celestino da Silva, passou a gozar da autonomia definitiva[85]. Estas constantes mudanças significam que Timor foi objecto de ensaios administrativos que em nada beneficiaram a Colónia.

Tanto Macau como Goa, encararam Timor com certa indiferença por ser considerado um «parente pobre» devido ao facto dos sucessivos governadores não saberem aproveitar os recursos naturais em proveito da população.

E neste relacionamento de Timor com os outros territórios portugueses no Oriente, só Macau deu o seu contributo para ajudar e «raramente falhava quando era necessário». Quanto a Goa, as boas intenções não se traduzem em obras, mesmo quando era responsável por Timor, pois os contactos directos eram tão raros que só se registaram duas ou três viagens directas entre Goa e Timor, nos séculos XVII e XVIII, e uma ou outra através de Macau[86].

---

[85] Pe. Manuel Teixeira, *op.cit.* p.66

[86] C.R. Boxer, *op.cit.*, pp. 201-202

Das páginas anteriores se pode concluir que no domínio político e administrativo, Timor estava longe de ter um governo estável, capaz de trabalhar seriamente pelo progresso, devido ao facto da sua constante subordinação, ora a Macau, ora à Índia.

Na parte eclesiástica, também se observa o mesmo, mas não de uma maneira tão frequente como na parte civil.

Essa falta de vontade política de dotar Timor com um governo com autoridade e prestígio, agravada com a política africana e a Revolução de 1834, deixou-o na segunda metade do século XIX, financeiramente deficitário[87], militarmente instável[88] e religiosamente decadente.

É dentro deste contexto político e económico que o Pe. António Joaquim de Medeiros, primeiramente como visitador; depois como Vigário-Geral e Superior das Missões de Timor e, finalmente, como Bispo de Macau e Timor, tentou reabilitar Timor e projectá-lo no caminho do progresso e na promoção social, humana e até económica do seu Povo.

O Panorama Missionário Pré-Medeiros (1834-1877)

Com a expulsão dos Dominicanos, decretada pela Revolução Liberal em 1834, a presença missionária em Timor tornou-se apenas simbólica, por carência de pessoal.

Deve-se isto, por um lado, ao facto da evangelização dominicana de quase dois séculos não ter conseguido um dos seus principais objectivos que é a formação do clero autóctone, não obstante terem existido já dois seminários no século XVIII para a formação do missionário local. É possível que tivessem formado mais sacerdotes nativos, mas os documentos só mencionam dois nomes durante toda a evangelização dominicana. Por outro lado, deve-se também ao facto de até 1855 as Missões de Timor ainda estarem dependentes da jurisdição eclesiástica da Diocese de Malaca que, por estar pelos holandeses ocupada, se via impossibilitada de dar assistência.

---

[87] Afonso de Castro, *op.cit.*, pp.159-160

[88] *Id. ib.*, pp. 159-163

Portanto, o remédio tinha de vir de Goa ou de Macau que esporadicamente enviavam um ou outro missionário para visitar Timor.

Assim em 1838, o Dominicano Fr.Filipe Atanásio da Costa, Administrador de Convento de S. Domingos de Goa, foi nomeado Vigário de vara e Superior das Missões de Malaca, Timor e Solor. Em 1850, esteve em Timor, D.João França Castro e Moura, Bispo eleito de Pequim, exercendo o apostolado durante anos.

Finalmente, por Portaria Régia de 1855, ordenou o Governador-Geral da Índia que as autoridades eclesiásticas locais mandassem ao menos alguns missionários para Timor onde na altura se encontravam apenas dois.

Nesse mesmo ano, a Santa Sé decidiu transferir as Missões de Timor da jurisdição de Malaca para a Arquidiocese de Goa[89]. Foram então enviados para Timor três sacerdotes goeses afim de ajudarem o sacerdote timorense, Pe.Gregório Barreto, que ali trabalhava desde 1845.

Primeiros sacerdotes timorenses

Os padres Gregório Barreto e Jacob dos Reis e Cunha são os únicos nomes que os documentos mencionam durante toda a missionação dominicana.

Quanto ao primeiro os documentos disponíveis são muito lacónicos quanto à sua formação, filiação e naturalidade. Apenas Afonso de Castro informa que o Pe. Gregório Barreto desempenhou um papel importante em manter a paz e a ordem em Larantuca, onde os Larantuqueiros se recusaram a aceitar a soberania holandesa, como consequência do acordo celebrado com

---

[89] Pe. Manuel Teixeira: Notícias das Missões de Timor, in Boletim Eclesiástico de Macau, Ano 36, (Julho 1938-Junho 1939), pp. 191-192.

Portugal, através do Plenipotenciário Régio Lopes de Lima e a Holanda em 1851 [90].

O Pe. Abílio Fernandes, por sua vez, diz que desde Fevereiro de 1856 vinha exercendo o cargo de Superior das Missões de Timor, um sacerdote timorense, Pe. Gregório Barreto, que mais tarde, pelos relevantes serviços prestados foi levado às honras de Cónego da Sé de Macau[91].

Quanto ao Pe. Jacob dos Reis e Cunha abundam documentos quer de fontes eclesiásticas quer civis. Era natural do Reino de Lacló, onde nasceu em 25 de Agosto de 1834, sendo filho de D. Paulo Soares dos Reis e Cunha e de D. Sebastiana Doutel dos Reis da Cunha. Por ser filho de Régulo, foi enviado para estudar em Portugal. Primeiramente em Santarém e depois por portaria do Ministério da Marinha, de 11 de Setembro de 1858, foi admitido no Real Colégio de Cernache de Bomjardim. Concluídos os estudos eclesiásticos e a ordenação sacerdotal em Abril de 1863, foi nomeado Missionário de Timor por Decreto Régio de 1 de Maio de 1863. Sendo o primeiro missionário formado no Real Colégio enviado a trabalhar em Timor[92]. O Boletim do Governo de Macau, de 13 de Julho de 1863, publicou o seguinte:

> 'Galera Deslumbrante com 188 soldados e três oficiais sahiu de Lisboa para Macau, no dia 10 de Maio de 1863. Neste navio vem de passagem para Timor como missionário, auxiliado pelo Governo, o Pe. Jacob dos Reis e Cunha, filho d'e um dos Régulos d'aquella possessão'[93].

---

[90] Afonso de Castro, *op. cit.*, p.163

[91] Pe. Abílio José Fernandes, *op. cit.*, p. 36.

[92] Pe. Manuel Teixeira: *Macau e a Sua Diocese, Missões de Timor*, tip.da Missão do Padroado, Macau, 1974, p. 191.

[93] *Boletim do Governo de Macau*, IX '32': 128, 13 de Julho de 1863, in The Timor the Portuguese Periodical press of the Far East, Part One: 1850-1868, compiled by Kevin Sherlock, Darwin 1986, p.23.

Sendo de família real, o Pe. Jacob gozava de grande influência junto de vários reinos de Contracosta, ou Banda-fora ou costa Sul de Timor, como escreveu o Dr. José Gomes da Silva em «A Voz do Crente», de 13 de Fevereiro de 1892: «O Pe. Jacob, parente próximo por sanguinidade da Rainha de Betano, tem uma poderosa influência sobre muitos chefes da contracosta...» [94]. D. Hipólito dos Reis Hornay, Régulo do Reino de Barique e D. Domingos dos Reis Amaral do Reino de Luca são tios do sacerdote.Portanto, nos reinos de Banda-fora, desde Luca, Barique, Clacuc, Alas, Bubursuçu, Dótic, Tutuluro e Betano, o Pe. Jacob tinha laços de parentesco e amizade entre os régulos. E assim, muitas vezes, o Governo da Colónia nomeava o Pe. Jacob como emissário para os autos de vassalagem prestados pelos Régulos: «...os Emissários são ordinariamente o Juiz, Delegado e o Pe. Jacob dos Reis e Cunha, que mostram tanta perícia nesta Comissão...» [95]. A influência do Pe. Jacob fazia-se sentir até à Província de Servião onde os antigos poderosos reinos de Bebico e Behali, destruídos e arrasados pelas armas portuguesas, no século XVIII, têm vínculos de amizade e aliança com o Reino de Betano que pertence aosacerdote. Essa aliança é cantada pela tradição popular no seguinte **Dadolik** ou adágio:

Tetum terik	**Tradução livre**
Bebico, Behâli; eh Betano,	Os reinos de Bebico, Bahali e Betano
Be sanak tolo, eh be liman tolo.	são como três afluentes que convergem
Súli mutuk nakfilak ba mota bot,	as suas águas para uma mesma ribeira,
Mota bot loke dalan tuka ba táci	que desliza majestosa até ao mar.

O Dr. José Gomes da Silva, em «A Voz do Crente», atrás referida, escreveu que nas horas livres de actividades pastorais, 'o Pe. Jacob não desgosta de fazer política à Bismark ou à Cavour, em escala reduzida'.

E continua: 'O Pe. Jacob, a cuja família pertencia o domínio das terras de Bebico e Behali, foi com muito arrojo e diplomacia verdadeiramente notável, introduzindo-se a pouco e pouco por entre os antigos rebeldes, e, conhecedor profundo de costumes e leis Timorenses, tem conseguido lentamente a imigração de muitas famílias de Bebico para os antigos lares que hoje constituem o reino de Betano'. Ora a sua ideia não se reduz a reconstituir sob o nome de Betano o antigo Bebico. Vai mais longe o Pe. Jacob, pois sonha, e com certo fundamento, na anexação do Reino de Tutuluro, que dispõe de vastos aluviões auríferos no leito das suas ribeiras. Betano dará pão, Tutuluro dará ouro: com estes dois elementos reunidos o futuro reino assumirá uma importância notável em Timor.

---

[94] Pe. Manuel Teixeira, *op. cit.*, p.197

[95] 'O independente, Macau' (I'14':16, 13 de Novembro de 1873, in Timor Collection by Kevin Sherlock, Darwin, N.T. Australia, 1982.

E que este Padre pensa também em anexar também Maubisse, que não é só um suco formado de povoações submissas a Tutuluro, mas também é uma extensão importante da ribeira aurífera de Motasuhi [96].

O Pe. Jacob serviu as Missões de Timor durante 31 anos consecutivos e faleceu em Betano em 1894 [97]. A sua campa rasa que se encontra na planície de **Haelocu**, entre a baliza do Reino de Betano e Alas constitui o centro da atracção para as populações vizinhas irem **hamulak** (rezar), sempre que se dirigem para as suas habituais fainas agrícolas, caçada ou pesca.

O Pe. Jacob dos Reis e Cunha foi um dos três sacerdotes que trabalharam em Timor quando lá chegou Medeiros. E continuou, pois além de serem ambos formados no Real Colégio de Cernache de Bomjardim, a influência que o Pe. Jacob exercia sobre os régulos, foi muito útil para convencer os mesmos a contribuirem para criar um clima de estabilidade e de paz em Timor.(*)

---

[96] Dr. José Gomes da Silva, um artigo em *A Voz do Crente*, de 13-2-1892, citado por Pe. Manuel Teixeira in Macau e a Sua Diocese, X Missões de Timor , Tip. da Missão do Padroado, Macau-1974, p.197.

[97] Cândido da Silva Teixeira: '*O Collégio das Missões em Cernache do Bom Jardim*', Imprensa Nacional, Lisboa, 1905 p.74.

(*) Vide pp.95

CAPÍTULO IV
Biografia de Um Missionário

António Joaquim de Medeiros fez os seus estudos eclesiásticos no Real Colégio de Cernache de Bomjardim. Foi professor e reitor do vetusto Seminário de S. José de Macau, mas foi sobretudo em Timor, que se afirmou como missionário. Nasceu em Vilar de Nantes em 15 de Outubro de 1846, sendo filho de Augusto Luís de Medeiros e de Teresa Carneiro de Medeiros. O Real Colégio que lhe deu formação eclesiástica, deu-a também a uma plêiade de ilustres missionários que Medeiros recrutou para as Missões de Timor.

Sendo ordenado sacerdote em 1871, em Abril do ano seguinte embarcou para Macau em companhia do Pe. José Sérgio Antão Alves, exercendo sucessivamente as funções de perfeito, professor e reitor do referido Seminário de S. José.

Em 1874, pelas Letras Apostólicas «Universis Orbis Ecclesiis» de 15 de Junho, Timor passou da jurisdição da Arquidiocese de Goa para a de Macau. Logo no ano seguinte, em 22 de Novembro, o Governador do Bispado de Macau, Pe. Manuel Lourenço Gouveia, porque a Diocese de Macau se encontrava vacante, nomeou Medeiros como Visitador das Missões de Timor, para onde partiu no barco de vela holandesa «Brema», aportando a Díli em vésperas do Natal de 1874[98].

Fez uma visita demorada às Missões para poder conhecer «in loco» o estado das mesmas e num relatório minucioso apresentou ao Bispo de Macau, D. Manuel Bernardes de Sousa Enes, recentemente ordenado, uma «radiografia» completa de tudo quanto viu, ouviu e observou sugerindo ao mesmo tempo as medidas apropriadas para reabilitar as Missões[99].

---

[98] Pe. Manuel Teixeira: *D.António Joaquim de Medeiros, Apóstolo de Timor*,pp119.

[99] Pe. Manuel Teixeira: *Macau (...) Missões de Timor*, pp. 55-59.

Em 1877, o Bispo de Macau decidiu nomear o Pe. Medeiros Superior e Vigário-Geral das Missões de Timor. E para lá embarcou no barco à vela «Trio», em 10 de Abril de 1877, chegando a Díli com novos missionários em 2 de Junho de 1877.

Os problemas das Missões forçaram-no a deslocar-se três vezes a Macau. Uma vez resolvidos os assuntos que motivaram a sua deslocação, regressou imediatamente a Timor, pois o novo governador de Timor, Augusto César Cardoso de Carvalho, oficial da Marinha (1880-1881), ao contrário do seu antecessor, Hugo Goodair de Lacerda Castel-Branco, oficial de Cavalaria que fora governador duas vezes (1875-1876; 1878--1880), começara a perseguir as Missões. No entanto, chegou a notícia da sua nomeação como Bispo Coadjutor da Arquidiocese de Goa e para lá embarcou a 1 de Novembro de 1882. Foi sagrado Bispo Titular de Termópolas a 15 de Abril de 1883, em Goa, pelo Patriarca das Índias, D. António Sebastião Valente. Visitou depois as missões da Arquidiocese e nos fins de 1884, teve de retirar-se para a Metrópole, a fim de restabelecer a saúde [100].

Durante a sua ausência, as Missões de Timor, desamparadas do apoio directo do seu dinâmico missionário, começaram a decair de tal forma que o novo Superior das Missões, Pe. Gomes Ferreira, receava que elas definhassem em breve. Por isso escrevia assim:

> 'Nos anos de 1877 e 1878 houve aqui (e não eram demais) 13 missionários. Nos anos 1879 e 1880 já só 10, por se ausentarem 3. Em 1881 e 1882, apenas 9 missionários. Em 1883 e 1884 têm havido só 7, até à chegada de 3 novos. Esta diminuição alarmante do número de missionários podia, dentro de 3 ou 4 anos, provocar de novo a inacção das Missões de Timor'.

E rematou o Pe. Gomes Ferreira:

---

[100] Pe. Manuel Teixeira: *D. António Joaquim Medeiros (...)*, p.83.

> 'Se o Sr. Bispo Medeiros viesse para Macau, então sim, podia-se trabalhar com gosto e sem receio de se perder num momento o que tanto custou' [101].

Por uma coincidência feliz, iam-se realizar as suas aspirações que eram naturalmente as de todo Timor.

De facto, o então Bispo de Macau, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, foi nomeado Bispo de Bragança a 5 de Maio de 1883. E a sede da Diocese de Macau ficou vacante. Encontrando-se Medeiros a recuperar da sua saúde em Portugal, foi apresentado como um dos candidatos para Bispo de Macau e, finalmente, foi confirmado em 10 de Novembro de 1884.

Partiu para a sua nova Diocese em Fevereiro de 1885 e no dia 24 do mês seguinte tomou posse na Sé Catedral de Macau.

Quem iria ganhar muito com esta nomeação seriam as Missões de Timor que mostraram a sua satisfação por verem o seu antigo Superior agora Bispo de Macau e que havia de devotar toda a sua vida à evangelização do Povo Timorense, trabalhando incansavelmente pelo seu progresso e promoção social, cultural e até económica[102].

Ter-se-iam confirmado aquelas suas palavras que um dia dirigiu ao Pe. Sebastião Aparício da Silva (que lhe havia dito que ele havia de ser Bispo de Macau): 'Não caiam nessa; mas se assim for, passarei a maior parte do tempo em Timor' [103].

---

[101] *Id. ib.*, p.132.

[102] *Id. ib.*, pp132-140.

[103] *Loc. cit.*, p.32.

CAPÍTULO V

Medeiros e a Reabilitação das Missões

> «Tinha eu 29 anos de idade, quando fui mandado a Timor. À vista da degradação moral que ali encontrei, prometi não abandonar mais aquela colónia, se assim aprouvesse a Deus, resolvendo empregar a minha vida em favor dos desgraçados Índios daquele país abandonado.
> (...) Agora julgo-me tão firme neles como nos primeiros dias das minhas agonias e grandes tribulações aí passadas. Os meus trabalhos têm feito nascer em mim cada vez mais amor aquele país injustamente abandonado».[104]

Este testemunho revela o perfil de um autêntico apóstolo que sente e vive a dor e o sofrimento moral, físico e cultural de um povo, abandonado à sua sorte. E porque Medeiros vivia intensamente tal problema desde o dia em que pisara pela primeira vez o solo Timorense, em 22 de Dezembro de 1875, prometeu nunca mais abandonar o seu Povo, tentando por todos os meios ajudá-lo a ultrapassar essa grande crise que o esmagou. As suas palavras não foram letra morta, mas antes concretizaram-se em acções e obras como adiante se verá, pois defendeu o Povo de Timor, lutou pela sua promoção humana e cultural e teve coragem de, contra ventos e marés, ajudar aquele Povo que tinha sido abandonado, até, pela própria Igreja.

A fascinação que Medeiros nutriu por Timor não era motivada pelos encantos naturais da Ilha, como a beleza das suas paisagens, a amenidade do clima das altas regiões ou o bucolismo das suas florestas e ribeiras de águas cristalinas. Tal fascinação prendia-se tão-somente com a condição degradante de um povo, votado ao esquecimento por aquelas instituições que, por dever e obrigação, deviam ampará-lo: o Governo e a Igreja.

---

[104] A *Voz do Crente*, Macau 1888, 11/2, citado por Pe. José Abílio Fernandes, in Resumo Histórico das Missões de Timor, Typ. Mercantil de N.T Fernandes & Filhos, Ltda, Macau 1931, p. [illegible].

Medeiros, visitador das Missões de Timor

(22 de Novembro de 1875 a Maio de 1876)

Na qualidade de visitador, Medeiros fez uma deslocação para reconhecimento do estado decadente das Missões de Timor com vista a recolher elementos sobre as causas dessa decadência.

No desempenho da sua nova tarefa, percorreu as principais sedes missionárias da Ilha , começando por Díli, Motael (então era subúrbio de Díli, hoje faz parte da cidade), Hera, Lacló, Manatuto, Laleia e Cairui. Todas estas missões encontram-se situadas na costa norte. Visitou igualmente as missões da costa sul como Viqueque, Bibiluto, Luca, Barique e Webicas. Em todas estas localidades Medeiros encontrou igrejas e capelas em ruínas; a inexistência de livros de registo de baptismo, casamento, crisma e óbito o que significa a falta de prática da vida sacramental; paramentos ou material para o culto inservível.

Ora tendo em consideração a distância que as missões da costa de sul se encontravam de Díli; viagens feitas a cavalo numa época de chuvas torrenciais como o período que vai de Dezembro a Março, a visita não foi feita com certeza sem sacrifício e desconforto.

O resultado desta visita encontra-se registado no famoso relatório apresentado por Medeiros ao Governador do Bispado de Macau. Tal relatório sintetiza , no essencial, o estado debilitante e decadente a que chegaram as Missões de Timor, abandonadas durante um período de 40 anos, depois da expulsão dos frades dominicanos, decretada pela Revolução Liberal de 1834.

Seria por isso conveniente, para quem faz uma leitura do relatório, mais de um século depois (1875-1994) e sobretudo se tal leitura é feita sob a perspectiva de um natural de Timor, distinguir as causas dos efeitos para poder fazer uma análise da conjuntura tanto quanto possível exacta da crise das Missões.

Afigura-se, por isso, não só esclarecedor como útil distinguir no relatório os factos apontados pelo ilustre visitador, como as causas da decadência. E os factos registados são ordenados pelo relator da seguinte ordem:

1- Falta de missionários europeus (...)
2- As revoltas dos indígenas em 1719, 1769, e outras (...)
3- A religião cristã ou católica praticada e envolta com os costumes pagãos 'triste resultado d'um clero ignorante e mau'.
4- Os Holandeses revoltando contra nós os indígenas e apossando-se de grande parte de Timor, dando um mau exemplo aos Timorenses (...)

Medeiros passa a apontar depois o remédio para ultrapassar a crise:

1- Dar aos Timorenses uma verdadeira imagem do missionário que é precisamente contrária à vida e conduta dos padres que lá encontrou.
2- Os missionários devem começar a evangelização primeiro pela capital, a cidade de Díli, depois podem avançar para o interior da Ilha. Os missionários devem obter da Santa Sé amplas faculdades (não especifica quais) e o Superior da Missão deve ter também o poder de administrar a Confirmação.
3- Saída imediata dos missionários que contribuíram para a crise.
4- Cristianizar os indígenas por meio de educação e instrução. É urgente educar a mulher Timorense [105].

---

[105] Pe. Manuel Teixeira: *Macau e a sua Diocese (...)*, pp.55-59

Construção de infra-estruturas: capelas, igrejas, residências missionárias com material definitivo. Aquisição de alfaias e de novo material para o culto.

Quem lê o relatório observa que os factos apontados como causa da crise das Missões são de natureza moral-religiosa, como falta do clero europeu e regresso ao paganismo; de natureza político-militar: sublevações ou revoltas originadas pelo abuso do poder por parte das autoridades ou provocadas pela intriga dos Holandeses; e outros factos de natureza social e política como a organização tradicional dos Timorenses; usos e costumes relacionados com o casamento e culto dos defuntos.

É surpreendente observar que o relator não mencionou no relatório aquilo que se reputa como causa principal da crise que é a Revolução Liberal de 1834. Será que tal omissão se deve ao facto de que, essa causa é tão conhecida que não vale a pena mencioná-la mais uma vez?

Ou será que o relatório feito no ano de 1876 estava demasiado ou relativamente próximo do ano da Revolução cuja ideologia liberal e maçónica ainda tinha forte influência no sector privado e oficial da sociedade da época? Seja como for, a Revolução de 1834 contribuiu para a morte das Missões de Timor, cujo pessoal era na sua totalidade religioso.

Daí que, se a expulsão das Ordens Religiosas foi prejudicial a Portugal, para Timor foi uma tragédia, visto que a implantação da Igreja e o estabelecimento da presença portuguesa se devem ao esforço e à acção dos frades dominicanos. Foram eles que fizeram dos timorenses cristãos para a Igreja e vassalos para a Coroa.

'Até então (1701) a possessão Portuguesa de Timor era por assim dizer governada pelo padre superior da Missão, que catechisava os infiéis, administrava os sacramentos, fazia guerra ou paz como entendia, e comandava mesmo as forças na peleja se o ânimo lh'o pedia (...) Foram elles que primeiro ali aportaram e elles que constituíam o governo. Quando o poder temporal mandou lá o delegado, encontrou já os povos ligados a Portugal por contratos, avassalados e adstritos a certas obrigações' [106].

Outra razão que não mencionou no relatório foi a morosidade (1855) com que a Arquidiocese de Goa acudia as Missões de Timor na hora do abandono. E é mais lamentável ainda quando acudiu com um número reduzido de missionários (apenas três) e de qualidade tão pouco desejável.

Posto isto, pode-se concluir que a expulsão dos dominicanos, o abandono das missões sem pastores durante tão longo período e a fraca qualidade dos enviados estiveram na origem da decadência das Missões e no retorno das cristandades ao gentilismo.

Porque o Cristianismo, tal como uma planta exótica transplantada da Europa para os trópicos, precisa de amparo constante, enquanto não atingir a fase de poder sobreviver por si. Por outras palavras, enquanto a Igreja em Timor não atingir o grau de maturidade, isto é, enquanto não tiver uma hierarquia autóctone, então uma vez entregue a si, não pode sobreviver e regressa necessariamente à prática de costumes pagãos.

Quanto às revoltas e sublevações apontadas aqui como causa, pode afirmar-se que no contexto timorense as revoltas são uma causa crónica porque sempre existiram no tempo e no espaço da História de Timor. Elas foram tantas que alguém afirmou que é 'normal para Timor o clima de instabilidade e agitação; e é excepcional o clima de estabilidade e de paz' [107].

As sublevações são reacção dos Timorenses contra o abuso do poder das autoridades. Diz o Conde de Sarzedas nas suas Instruções: «Os vexames, as injustiças, os roubos, e os despotismos praticados n'essas ilhas é que tem ocasionado levantamentos. (...) e quase sempre terminam com a chegada de um novo governador»[108]. Às vezes podem ser instigados pelos Holandeses.

---

[106] Conde de Sarzedas: *Instruções para o Capitão de Mar e Guerra Victorino Freire da Cunha Gusmão, Governador e Capitão Geral das Ilhas de Solor e Timor*, citado por Afonso de Castro, As Possessões Portuguesas na Oceania, p.217.

[107] id. ib., pp.318

Sendo as sublevações uma constante da história de Timor, elas constituem uma causa comum e generalizada que afecta todas as actividades temporais e espirituais da Ilha, e não apenas numa determinada área ou época. Medeiros referiu-se sobretudo às revoltas de 1719 e 1769 como causas da crise. No ano 1719 vários régulos de Timor reunidos num pacto de sangue (**hemo-ran**/beber sangue) juraram acabar com a presença Portuguesa na Ilha. Mas antes de se lançarem para uma aventura tão arriscada, como era costume resolveram através de **Úrat** saber se valia a pena levar avante a operação[109].

Como a observação das entranhas da vítima sacrificada não era favorável ao sucesso da operação, os régulos não chegaram a sublevar-se.

Mas em 1722, aproveitando-se do desentendimento entre o Bispo e o Governador António de Albuquerque Coelho, e sobretudo devido ao rigor e à falta de prudência deste, resolveram pôr em prática o seu plano bélico de 1719.

A sublevação iniciada pelo régulo de Luca, foi prontamente apoiada pela poderosa Casa de Camenaça e os seus aliados que eram mais de doze reinos, incluindo os Lamakitos. A revolta alastrou por outros reinos, as igrejas e capelas foram destruídas e os padres Manuel Rodrigues e Manuel Viei foram assassinados.

---

[108] id. ib., pp.217

[109] **Úrat** e não o **Estilo** que os régulos fizeram com o juramento de sangue. **Estilo** é o ritual gentílico que fundamentalmente se destina a aplacar a ira dos **Luliks** ou pedir a sua protecção para algum empreendimento importante. Mas modernamente o **Estilo** em **Mambae** e **Muto-Mate** em **Galolen** é uma celebração destinada ao culto dos defuntos dos antepassados. Tive oportunidade de assistir a alguns estilos. Em Hato-Ermera em Lacló e já sacerdote em Ai-Assa em Bobonaro; Dare em Hato-Builico e outro em Mautisse. Enquanto **ÚRAT** é a cerimónia ou ritual em que o adivinho formula os seus presságios depois de observar as entranhas das vítimas sacrificadas que podem ser um galo, um cabrito ou um cão. Também os romanos faziam o mesmo através de Arúspice. Os adivinhos timorenses podem usar também a **masca** que, se tiver côr vermelha é bom sinal, escura é mau agouro. Ou através de corte de cana de açucar em tamanhos de pilha eléctrica. Corta-se depois o pedaço de cana pelo meio no sentido vertical e observa-se a queda e posição definitiva das partes cortadas no chão. Se a posição é vertical para o que corta é mau ou bom sinal conforme o fim em vista. Se é oblíqua então o azar ou sucesso anda longe do que faz adivinho.

Com adesão de outros reinos, a revolta provocou a agitação em toda a Ilha e iria, por isso, ter um desfech trágico para a Soberania Portuguesa, se não fosse a rivalidade existente entre a Casa de Lifau (leal ao Governo) e a Casa d Camenaça (rebelde), e a chegada a Larantuca do novo governador, António Luís Macedo, que acalmou os ânimos do revoltosos. Devido às rivalidades entre a Casa de Camenaça (rebelde) e a Casa de Lifau (leal) e também com vista a conquistar a simpatia do novo governador, o régulo de Oecusse tenente-general, Francisco Hornay deslocou-se a Larantuca para conferenciar com o recém-chegado.

Tendo em consideração a superioridade da força dos rebeldes, o encontro de Larantuca teve um resultado de grand alcance diplomático. O governador garantiu a Francisco Hornay que se os régulos rebeldes deposessem as armas seria perdoados e até recompensados. E Francisco Hornay fico encarregado de comunicar aos revoltosos a benevolência do governador.

Pouco a pouco, os régulos de Servião dirigiram-se ao governador para lhe prestar vassalagem e respeito. E a exempl destes seguiu-se a Casa de Camenaça e os seus aliados. E assim, em 1725, voltou a tranquilidade à Ilha [110].

Outra revolta mencionada por Medeiros foi a de 1769. Nesse ano os rebeldes dos reinos de Servião cercaram a praça de Lifau. O então Governador de Timor e Solor, António Jos Teles de Menezes, pressionado por cerco tão prolongado que pôs em causa a própria sobrevivência da soberania portuguesa n Insulíndia, resolveu pôr fogo à praça de Lifau e dirigiu-se para a costa leste da Região dos Belos onde encontrou um bo ancoradouro e aí assentou arraiais. Foi assim que nasceu a cidade de Díli que, ainda hoje, é capital de Timor Oriental

---

[110] Conde Sarzedas, *op. cit.*, pp.203-205

Esta retirada foi possível com ajuda de Macau que enviou para Timor, em auxilio, os navios "S.Vicente" e "Santa Rosa" [111].

Referindo-se aos usos e costumes relacionados com o casamento, Medeiros afirma que: 'os povos de Timor são polígamos. (...) devendo a mulher casar com quem a família quiser (...). O homem compra a rapariga' [112].

Para quem ainda não conhecia bem Timor é natural que fizesse afirmações como esta. Mas, na realidade, a poligamia é uma excepção na sociedade timorense que encara com relutância e olha com desdém para os que a praticam. Seria mais correcto afirmar que existe a poligamia entre os timorenses do que afirmar que 'os povos de Timor são polígamos', porque isto é generalizar um caso singular ou aceitar como lei uma excepção.

Infelizmente é verdade que para o timorense tradicional quase sempre é a família que escolhe a mulher para o homem, mas não a compra. Porque a palavra comprar é demasiado coloquial e profana para expressar um acto tão nobre como uma aliança celebrada entre os familiares dos nubentes; ou mesmo entre sucos ou reinos inteiros quando se trata de algum casamento entre casas reais[113].

Não se compra a esposa com dinheiro, mas fazem-se permutas com os bens como: jóias em ouro ou prata, panos de Timor, cavalos, búfalos ou mesmo plantações de café ou coqueiros que têm certo valor no contexto timorense.

Religião

O relatório refere-se também à religião dos timorenses que, segundo o mesmo 'não se podem chamar idólatras por não terem ídolos nem templos, parecendo acreditar num só Deus. Muito supersticiosos, atribuem virtudes a entes inanimados e depositam os objectos supersticiosos no **pomal** - chama-se lúle

---

[111] *Id. ib.*, p.211

[112] Pe. Manuel Teixeira. *op.cit.*, p.56

[113] Henri Campagnolo: *Etudes Sur les Fataluku, Asie du Sud-Est et Monde Insulindien*', Paris, 1972, pp. 117-123.

(aliás **Lúlik**, sagrado, intocável, proibido, divino) [114]. Na verdade a religião ocupa um lugar muito especial na vida da sociedade timorense. Sendo o timorense nato e inserido no seio de uma natureza exuberante e rica que modela o seu carácter e influência a sua maneira de ser e agir, ele tende naturalmente a ser um povo religioso, admitindo a existência de um ser superior - **Marómak** (Deus) *.

Mas no conceito timorense, **Marómak** é tão elevado e sublime que parece não se preocupar muito com o dia a dia do homem que procura e descobre nas forças da natureza a imagem e a encarnação do **Marómak**.

E assim as montanhas, os lagos, bosques, nascentes, alguma árvore ou rochedo ou outros objectos que lhe possam inspirar a admiração, respeito ou medo, são geralmente considerados como portadores ou habitáculos de poderes sobrenaturais e por isso pertencem à classe **Lúlik** - sagrado, intocável.

Dentro deste contexto, pode-se considerar também o "culto da Bandeira das Quinas" como Lúlik por ela simbolizar a autoridade e poder, inspira naturalmente no timorense o sentido de respeito, veneração e até orgulho. Tal culto não se restringue apenas ao meio tradicional e gentio, mas ultrapassa as barreiras do **Lúlik** tradicional. É generalizado e até uniformizado em termos de espaço (sincrónico) e o mesmo se afirma em termos de tempo (diacrónico). E até é observado por diversos estratos sociais de Timor: gentios e cristãos, analfabetos e instruídos, povo ou 'liurais'.

Não admira pois que um D. Aleixo Corte Real; um D. Jeremias Amaral e um D. José Nunes não hesitaram em afirmar o seu respeito pela Bandeira perante as autoridades japonesas e os dois primeiros selaram com a própria vida esse culto [115]. E esse culto ainda persiste na ocupação indonésia. Durante os primeiros meses da invasão, um oficial superior do exército indonésio deu ordens a um timorense analfabeto para limpar o «jeep» com a bandeira portuguesa. Este recebeu a bandeira das mãos do oficial, conservou-a com respeito e limpou o carro com a própria camisa. Ao oficial enfurecido que viu as suas ordens desrespeitadas respondeu o timorense: 'Se o Sr. Coronel deseja que eu respeite a sua bandeira, então respeite também esta'.

---

[114] Pe. Manuel Teixeira, *op. cit.*, p.55

* **Maromak** deve ser derivado de Nakroman, Naroman que significa clariade-Luz-Brilho

[115] João Gonçalo de Azevedo e Melo Dias Rosa: *Timor, Breve Renha Histórico--cultural*, Edição Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa, 1992, pp.72-74.

O **Lúlik** é venerado como o ente tutelar que exerce forte influência na vida timorense, como afirma Margaret King, antropóloga australiana que fez investigações durante algum tempo no concelho de Los Palos.

> 'The belief in **Lulic**, compounded partly of ancestor-worship, partly of spiritism, penetrates every coner of Timorese existence, influencing action on all possible aspects of life in a way impossible to conceive in our materialistic civilization.
>
> If we can accept a definition of the word 'religion' as being essentially something of mind, body, spirit, controlling our actions through the equivalent belief, awe, or reverence obedience to be directed at some power termed 'God', which in turn represents what we believe to be necessary for our welfare and survival, then it is accurate to record the belief of **lulic** as the religion of the Timorese' [116]

Nestas poucas linhas, Margaret King dá-nos a ideia do que é **Lúlik**, a influência e domínio que ele exerce de tal maneira em todos os aspectos da vida do timorense, que se pode chamar a sua religião.

O **Lúlik** é conhecido pelo povo como um ente que actua como princípio do Bem/ benigno/ protector e como princípio do Mal/ disciplinador/ destruidor. Como princípio do Bem o **Lúlik** identifica-se com **Rai-Nain** (Senhor ou dono da Terra).

E o **Rai-Nain** por sua vez manifesta-se através de, ou encarna-se nalgum animal, pássaro ou árvore. É ao **Rai-Nain /Lúlik** que o povo se dirige pedindo protecção nas suas actividades agrícolas; pedindo a fertilidade dos campos; nas suas necessidades e nas suas angústias.

---

[116] Margaret King: *Eden to Paradise*, Hodder & Stoughton, London, 1963 p.151.

Nas regiões onde se pratica intensivamente a cultura do arroz como nos povos de Galolen, de Lacló, Ilihen, Manatuto, Laleia, Cairui e Bemasse, o **Rai-Nain** é conhecido por **Sarin** ou **Be-Nain** (Senhor ou dono da água).

E como na cultura de arroz o búfalo é o elemento indispensável, ele também tem um ritual próprio para ser benzido antes e depois da época de lavoura. Esta crença estende-se também às regiões de Baucau, Bucoli e outras áreas do concelho de Baucau[117].

E como o **Rai-Nain**/protector se encarna também em pássaros, há em Timor pássaros que anunciam a chuva; anunciam a aproximação de pássaros destruidores de colheitas; pássaros que dão horas ao lavrador. E sobretudo um pássaro colorido chamado **Sacoco** que tem o dom de poder tomar a forma de outros animais.

Então os lavradores explicam que os cavalos brancos, búfalos brancos, galinhas brancas ou leitões brancos são descendentes de **Sacoco**.

É curioso que esta qualidade de **Sacoco** se estende até às regiões de Fataluku onde em vez de **Sacoco**, crê-se numa cobra verde **Akka** que pode tomar a forma do homem. Então explica-se que os timorenses de pele e cabelos louros (e há bastantes), os albinos, são descendentes de **Akka**[118]. Ora sendo o timorense extremamente supersticioso, a crença no **Lúlik**/**Rai-Nain** protector e benigno mas pode ser também **Lúlik**/destruidor/disciplinador/(ou **Buan**-Bruxaria, feiticeiro) tem efeito preventivo na protecção das propriedades; nas plantações de coqueiros, café ou pomares que através de um ritual sagrado essas propriedades ou plantações ficam sob a custódia de **Lúlik/Rai-Nain** o cuja presença é simbolizada pelo **Hórok**.

---

[117] João Frederico Boavida: *The Fusion of Religion and Nationalism in East Timor: A culture in Making*. The University of Oxford, Linacre College, Trinity Term 1993, pp.56-57. Boavida é um timorense natural de Baucau que está a preparar o Doutoramento em Antropologia, em Oxford.

[118] Margaret King, *op.cit.*, p.151.

Como diz a seguinte passagem de um dos estudiosos mais dedicados aos temas de Timor:

> 'Um dos casos típicos de protecção de propriedades por via mágico-religiosa era da utilização dos **Hórok** ou objectos como catanas, ramos de certas árvores, cordas, etc., que se dependuravam na cerca duma propriedade ou numa árvore, depois de se fazerem ritos para a captação de **Lúlik**, que passava a localizar-se no objecto escolhido, protegendo a propriedade contra intrusos e gatunos que receavam que a catana lhes cortasse os corpos - e até as almas -, ou que o ramo os fustigasse, ou que a corda os prendesse com nós, etc...'[119]

Também um escritor estrangeiro que esteve em Timor fez a seguinte observação:

> 'The native Timorense have custom called **pomali**, which exactly resembles the **taboo** of the Polynesian islanders, and is very strictly maintained. It preserves intact any place or article to which it is applied. A few palm-leaves stuck outside a garden, to indicate that it is guarded by the **pomali** are more effectual in preserving its produce than, among us are spring-guns; man-traps, or warning to Trespassers'[120]

Não admira que um povo dotado de uma prodigiosa imaginação e mergulhado no seio de uma natureza que o chama constantemente para a omni-presença de **Marómak/Lúlik/Rai-Nain**, marcada nas fontes, bosques, montes e até animais, uma vez entregue a si próprio tendesse a regressar à religião de origem.

---

[119] Francisco Xavier de Menezes: *Aspectos antropológicos e culturais .... timorense* in Timor Leste: Terra de Esperança, edição de A. Barbedo de Magalhães, Porto, Reitoria da Universidade do Porto, 1992, pp.153-154.

[120] A. Cabaton: *Java and the Dutch East Indies*, London, Adelphi Terrace, 1911, p.229.

Medeiros como Superior e Vigário-Geral das Missões

Uma das primeiras medidas do novo Bispo de Macau, D.Bernardo de Sousa Enes foi aprovar a criação das Missões de Timor que a partir de 1874 passaram da jurisdição eclesiástica de Goa para a da Diocese de Macau. De imediato, por Provisão de 1 de Março de 1877, nomeou Medeiros como Superior e Vigário-Geral das mesmas, uma vez que, como visitador já estava bem a par do estado dramático da Igreja em Timor. Consciente da gravidade da situação, sugeriu ao Bispo que só aceitaria o cargo se lhe concedessem os recursos humanos e financeiros necessários para poder concretizar as reformas apontadas no seu relatório com vista à reabilitação das Missões.

Tendo conseguido aquilo que julgou ser necessário, embarcou sem demora na barca à vela «Trio» em 10 de Abril de 1877 e aportou a Díli em Junho do mesmo ano. E com ele embarcaram oito missionários, sendo sete oriundos do Real Colégio de Cernache de Bomjardim e um chinês de Macau. Eis os nomes desses apóstolos de Timor: Carlos Pereira Baptista, Francisco Pedro Gonçalves, Francisco Xavier de Melo, José António Pires, Manuel José Branco, Manuel Maria Alves da Silva, Sebastião Maria Aparício da Silva e o Pe. Leong. Mais tarde chegaram os padres João Gomes Ferreira, e Joaquim Inácio e Anacleto Cotrim da Silva Garcés [121].

Na qualidade de Superior, Medeiros, traçou as linhas de actuação apelando aos seus colaboradores, que frequentaram o Real Colégio de Cernache, para adoptarem no seu apostolado as regras aprendidas e que estipulam a apresentação ao Superior do relatório mensal das actividades de cada missionário. Exigiu-lhes igualmente o estudo da língua de Timor (Tetum) e a criação de escolas, tantas quantas cada missionário pudesse dirigir [122].

---

[121] Pe. Manuel Teixeira: *Macau (...) Missões de Timor*, p.60.

Feitas estas preliminares recomendações distribuiu o pessoal por forma a cobrir uma área muito significativa da Ilha, como indica o seguinte quadro:

Missionários	Residência	Encargos
Pe. António Joaquim de Medeiros	Díli	Vigário Geral e Superior
Pe. Carlos Ferreira Baptista	Díli	Pároco da capital
Pe. Francisco Pedro Gonçalves	Díli	Coadjutor do Pároco, encarregado das cristandades de Bidau e da Hera, procurador dos missionários do interior
Pe. Manuel José Branco	Díli	Professor da Escola Primária de Díli e Coadjutor do Pároco
Pe. Francisco Leang	Díli	Missionário para os chineses e Professor de uma Escola para os mesmos
Pe. Manuel Maria Alves da Silva	Manatuto	Encarregado dos Reinos de Manatuto, Lacló, Laleia e Vemasse
Pe. Sebastião Maria Aparício da Silva	Lacluta	Encarregado dos Reinos de Lacluta, Dilor, Barique, Viqueque, Bibiçusso e Samoro
Pe. José António Pires	Batugadé	Encarregado dos Reinos de Cová, Sanir, Balibó, Cotubaba
Pe. Francisco Xavier de Melo	Ocússi	Encarregado dos Reinos de Ocússi, Ambeno e jurisdição de Noimuti
Pe. Jacó dos Reis e Cunha	-	Missionário de Contracosta

---

[122] Pe. Abílio José Fernandes, '*Esboço Histórico (...) de Timor*', p.39.

Sendo a educação e a instrução consideradas como alicerce de apostolado no caso de Timor, em breve as escolas começaram a surgir em diferentes localidades da Ilha. O Pe. Medeiros abriu dois internatos em Díli e escolas em Manatuto, Lacló, Lacluta, Batugadé e Oecusse.

Paralelamente às escolas construiu também igrejas e capelas em Díli, Manatuto, Lacló, Barrique, Liquiça, Maubara, Bazartete, Batugadé e Oecusse[123].

Devido à insalubridade do clima de Díli, escolheu Lahane, nos arredores de Díli, relativamente salubre e afastado de pântanos e mosquitos, para construir uma confortável residência central para os missionários. Ao lado dessa residência levantou-se igualmente um colégio para a educação gratuita dos filhos dos régulos e principais de Timor.

Dotado de grande capacidade organizadora, o Pe. Medeiros pensou que não podia arrancar as Missões da letargia em que se encontravam sem se lançar à educação da mulher timorense. E essa tarefa foi confiada às Filhas de Caridade Canossianas.

As Canossianas em Timor

Em colaboração com o então governador de Timor, Hugo de Lacerda «católico praticante a quem a Missão muito deve» [124], o Superior das Missões solicitou ao Conde de S. Januário se poderia ajudar a ida de Canossianas de Macau para Timor[125]. Feitas estas diligências, as primeiras madres embarcaram na barca portuguesa «Vénus» a 9 de Novembro de 1879.

Eis os nomes dessas pioneiras educadoras da mulher timorense: Madres Adelaide Pietra, Superiora, Annunciata Baldi e Isabel Sequeira. Infelizmente, uma tempestade lançou

---

[123] Pe. Abílio Fernandes, *op.cit*,p.39.

[124] Manuel Teixeira: *Macau (...) Missões de Timor*, p.89.

[125] O Visconde S. Januário foi governador de Macau de 1872 a 1874; em 1881 era Ministro da Marinha e do Ultramar

«Vénus» para as costas da ilha de Colorai, causando consideráveis danos. Os náufragos recolhidos por um navio regressaram a Macau.

Passado algum tempo o Governador Conde de Paço d'Arcos providenciou a partida dessas Canossianas para Timor com excepção da Me. Baldi que foi substituída pela Me. Júlia Rosetti. E nos fins de 1879 embarcaram também as Madres Clotilde Noronha e Soror Josefina.

O Pe. Medeiros, ao ver as religiosas no porto de Díli, exclamou: 'Estou mais satisfeito do que se me tivessem mandado todo o ouro da Índia'[126]. A sua alegria reflecte o benefício que essas religiosas iriam proporcionar à mulher timorense.

Depois da tormentosa viagem, a insalubridade do clima de Díli fez a sua primeira vítima. Me. Rosetti faleceu a 21 de Junho de 1879. Mas, em 1881 a Comunidade Canossiana de Díli, composta apenas por quatro Madres, Adelaide Pietra, Isabel Sequeira, Clotilde Noronha e Soror Josefina, foi aumentada para sete com a chegada das Madres Luíza Marelli, Lúcia Nazeri e Virgínia do Rosário. Ao princípio, a Comunidade teve de se acomodar numa casa improvisada de Castro Lahane. Mas, a 7 de Março de 1880, com o apoio do Governo foi inaugurado um novo edifício em Díli que ficou com o nome de Casa de Beneficência[127].

Primeiramente os pais mostraram-se relutantes em mandar as suas filhas para o Colégio , dizendo que o lugar da mulher é em casa, tratando de trabalhos domésticos. Só os rapazes é que têm acesso ao estudo. Não foi fácil fazer compreender a esses pais os benefícios da educação como o ensino de português, costura, lavores, música, piano, etc.

Só o tempo e o convívio frequente com as Canossianas deitaram por terra todos os preconceitos e tabus que vedavam o acesso da mulher timorense à educação. Passado pouco tempo, o Colégio de Díli já era demasiado pequeno para o afluxo de tantas estudantes. A procura superou a oferta. Foi necessário abrir mais um colégio em Bidau, nos arredores de Díli.

---

[126] Pe. Manuel Teixeira, op.cit., p.89

[127] Id. ib., p.89.

Passados alguns anos parte destas madres foi para Manatuto, 60kms a leste de Díli, e aí abriu outro colégio para a educação das raparigas. E de Díli e Manatuto transitaram para Soibada em 1902; este veio a ser o colégio mais procurado pelas estudantes timorenses.

As alunas formadas pelas Canossianas regressavam aos respectivos reinos já com uma visão de vida para desempenharem cabalmente a sua missão de esposa e mãe, formando núcleos de famílias cristãs disseminadas por diversas partes da Ilha.

Sendo estas famílias fruto da acção civilizadora e educacional dos Missionários, elas manifestaram respeito e amizade para com os seus educadores. Para além disso elas constituem também, em certa medida, a extensão da Igreja, contribuindo para formar e influenciar a maneira de pensar e agir da sociedade timorense.

A estratégia de Medeiros, propagar o Evangelho através de escolas, pouco a pouco vai eliminando as consequências nefastas da ignorância e superstições. E à medida que as escolas iam penetrando no interior da Ilha, como o caso das Canossianas em Manatuto e Soibada, a influência da Igreja ia-se consolidando entre os régulos e o povo.

Mas quando tudo parecia correr bem para a Igreja eis que surgem obstáculos impostos por aqueles que são tradicionalmente colaboradores e amigos da Igreja.

CAPÍTULO VI
Obstáculos à evangelização

A Cruz e a Espada têm andado a par e passo durante a expansão de Portugal pelas diversas partes do Globo. E depois, na afirmação da soberania nas terras descobertas.

Mas a partir do segundo quartel do séc.XIX, esse clima de entendimento deixou de existir entre as duas componentes mais importantes da Nação.

A expulsão das Ordens Religiosas pelo Governo Liberal rompeu com a Igreja que quase sempre esteve presente na época das descobertas. Este divórcio entre o espiritual e o temporal teve a sua expressão máxima em 1881, no tempo do governador Augusto César Cardoso de Carvalho , depois da partida do governador Hugo de Lacerda, a quem as Missões muito devem.

O governador Cardoso de Carvalho perseguiu directamente as Missões de Timor, encontrando pretextos e motivos para prender os Missionários.

O Pe. João Gomes Ferreira, que, em Fevereiro de 1881, durante a ausência de Medeiros em Macau, ficou Superior interino das Missões, foi a primeira vítima do governador. O missionário foi preso, julgado e condenado a 60 dias de prisão, por alegada desobediência a ordens do governador.

Ora o que aconteceu foi o seguinte: o régulo de Laleia, D.Manuel Ximenes, sublevou-se contra o governador Hugo de Lacerda e refugiou-se nas montanhas de Laclúbar, afim de evitar a sua captura. Com a chegada do novo governador, D. Manuel Ximenes rendeu-se e ofereceu uma boa quantia. O governador notificou o Superior da Missão, Pe. Gomes, para ele ou um delegado seu estar presente no acto de vassalagem do régulo rebelde. O Superior recusou-se a ir, alegando que conforme as informações do major Ximenes de Laleia, o régulo D.Manuel era criminoso perante o povo; portanto, a presença de um missionário no dia de vassalagem não seria bem aceite pelo povo que veria nisso um escândalo.

Mas quando o major Ximenes foi chamado para depor no Tribunal, negou tudo o que tinha dito ao Superior da Missão, o qual havia sido preso.

O governador tentou sucessivamente convidar outros Missionários para desempenharem a função de Superior, mas todos rejeitaram o convite dizendo que só o Bispo de Macau e não o Governador de Timor é que podia nomear o Superior das Missões de Timor [128].

Medeiros, ao ter conhecimento da prisão do Pe.Gomes, Superior interino das Missões, regressou rapidamente de Macau e chegou a Díli em Agosto de 1881. Apesar da sua presença, o governador continuou a levantar processos falsos contra os Missionários.

E a segunda vítima foi o Pe. Anacleto Cotrim da Silva Garcês. Este foi chamado para acalmar o sargento Casimiro que sob a influência do álcool maltratara a esposa. Este agarrou-se ao Pe. Garcês e ambos foram para o chão. E os timorenses que presenciaram a cena estavam dispostos a bater no sargento, mas foram impedidos pelo sacerdote.

O Pe. Garcês foi acusado de ter espancado um europeu e condenado, tal como Pe.Gomes, a 60 dias de prisão. Medeiros apresentou-se no Tribunal para defender a inocência do seu missionário, mas foi rejeitada a sua defesa.

O governador mudou então a sua táctica, perseguindo as escolas orientadas pelas Canossianas. Mandou encerrar o colégio de Díli e expulsou as suas 45 alunas. Não obstante os protestos de Medeiros e as lágrimas das alunas e das professoras, o governador continuou implacável nas suas decisões.

Medeiros dirigiu um ofício ao Governador de Macau de que dependia o de Timor, informando-o de tudo o que se passara; dizendo, inter alia:

> 'Nunca em colónias nossas se deram factos tão revoltantes. Os autores foram além do governador Cardoso, José Maria de Assunção Osório (Director de Alfândega de Díli 1882); Porfírio Zeferino de Sousa

---

[128] Manuel Teixeira: *D. António Joaquim Medeiros, Apóstolo de Timor*, p.136.

(secretário do governador); Maj. José dos Santos Vaquinhas e António Alarico de Araújo (educado na Índia). Continua Medeiros 'A guerra tende à destruição da Missão para não terem quem os observe nas suas especulações. São tais os despotismos que a autoridade exerce sobre nós, que até proíbe que os timorenses trabalhem para a Missão (...)'[129]

O Governador de Macau reprovou as tropelias praticadas contra as Missões e exigiu ao Governo de Timor respeito para com a Igreja, exonorando o governador do seu cargo.

O Jornal 'Independente' de Macau, na secção noticiosa de 1/4/1882, diz o seguinte: 'Terminará o conflito com a Missão, depois que saiu o governador Cardoso que nos prometeu, à despedida, ir a Lisboa dar conferências públicas contra o Sr. Graça, governador de Macau, por causa das últimas determinações que acertadamente S.Excia d'aqui lhe mandara'.

As perseguições contra a Igreja em Timor manifestaram-se de várias maneiras, as autoridades chegaram a negar-lhe aquilo que a Igreja tem por direito e justiça receber. Houve momentos em que as autoridades suspenderam a côngrua ao clero como se vê pelo seguinte telegrama endereçado pelo governador do Bispado de Macau ao Ministério da Marinha e do Ultramar, publicado no Jornal «Macaense», de Macau, em 21/6/1883:

> 'Em vista da resolução da junta da fazenda de não pagar a côngrua de todos os Missionários existentes em Timor, resolveu s.exa., revma o sr. Francisco Alves Morgado Jr, governador do Bispado, telegraphar ao ministro de Marinha dizendo o seguinte:
>
> 'Não pagando Missionários de Timor retirem'.
>
> Em resposta o governo da Metrópole ordenou a continuação do pagamento da côngrua aos Missionários'[130]

---

[129] Manuel Teixeira: *D. António Joaquim Medeiros, Apóstolo de Timor*, p.130.

[130] 'O Macaense' (II, 62: 74,21 Junho 1883), Biblioteca Central Secção Leal Senado, p.74

Por vezes a perseguição tomava a forma de calúnia e difamação como aquela que se dirigiu contra o próprio Vigário--Geral, Pe. Medeiros.

O Jornal «Independente» (Macau, 7/7/1880) relata o seguinte que se reproduz na íntegra:

> 'D.Custódio Valente Gáio, principal do reino de Lacluta, achando-se na ponte a ver o movimento do porto, por se achar alli fundeado o brigue 'Pensamento 2°' é de surpreza agarrado e conduzido para bordo do mesmo brigue, que o conduziu desterrado para Moçambique sem processo nem culpa formada.
> Este despotismo teve origem de não querer D.Custódio ceder ao Pe. Medeiros (sic) uma plantação de café pertencente ao reino de Lacluta, na qual tinha gasto cabedal e trabalho; porém como os desejos do rev. superior da Missão andam ligados aos do sr.Hugo, combinaram a maneira de se livrar por um tal modo do obstáculo que se opunha à usurpação da referida plantação de café, mandando aquele infeliz para fora do seu país, talvez para nunca mais voltar a ver a sua família por que o comandante do brigue teve recomendação do sr.Hugo para o fazer desaparecer antes de chegar a Moçambique. E conclui: Estão pois satisfeitas as ambições do rev. Missionário com a posse da plantação, que pode ainda custar-lhe cára (...)'[131]

É grave esta informação do 'Independentes'. Mas não se sabe onde está a verdade. O autor desta dissertação que foi missionário em Lacluta, Luca, Viqueque, Ossu, Watulari e Watocarbau durante 3 anos (1966-1969) nunca ouviu falar ou referir este assunto nos contactos que fazia, nem em Lacluta, nem noutras missões se conhecia este caso. Os velhos ou os 'Lia-nains' falam dos Dominicanos, indicando-nos a sepultura de um dos Bispos de Malaca em Luca, mas ninguém conhecia a plantação de D.Custódio; nem a Missão de Ossu que é sede ou

---

[131] 'O Independente', Macau, 4 (161) 7 Jul. 1880, Biblioteca Central Secção LS, p.4

Lacluta possuía plantação de café neste reino. Ora se isto era verdade, pelo menos alguém deveria falar ou aludir a este acontecimento porque é posterior aos Dominicanos.

Por outro lado, tendo em conta as qualidades morais e humanas do Pe. Medeiros, é impossível que esse caso se passasse com ele. O sentido de justiça, que norteava todos os seus projectos e atitudes, não lhe permitiria praticar tais barbaridades.

Missões de Timor sem Medeiros

Em 30 de Dezembro de 1881, Medeiros foi nomeado Bispo Coadjutor da Arquidiocese de Goa, sendo confirmado no ano seguinte como Bispo Titular das Termópilas. Antes de partir para a sua nova diocese em Novembro de 1882, Medeiros conferiu ao Pe. João Gomes Ferreira todos os poderes como Superior das Missões de Timor.

Durante a sua ausência, as Missões de Timor iam caminhando lentamente para a decadência, a ajuizar pela progressiva diminuição dos Missionários. Dos 13 sacerdotes de 1877 só restavam 8 em 1884. Segundo esta ordem de definhamento poderiam lá estar apenas 3 ou 4 sacerdotes em 1886. Portanto, as perspectivas para o futuro não eram animadoras.

Entretanto, o Superior das Missões, o Pe. Gomes Ferreira, continuava a executar o projecto de Medeiros. Construiu em Lahane um grande edifício para oficinas de sapataria, alfaiataria, carpintaria e de ferreiros.

Como pároco de Díli, visitou cadeias e o hospital, organizou o registo paroquial de Díli e fez uma estatística da população da capital.Como Superior das Missões, percorreu toda a Ilha, abriu escolas e capelas no reino de Lamakitos, onde até então os europeus não tinham acesso. Por outro lado, conseguiu com a sua influência evitar o pior na Cidade de Díli aquando do assassinato do governador Alfredo Lacerda e Maia em 3 de Março de 1887 [132]. Por este facto e outras obras que realizou foi louvado pelo Governo.

No 'Correio Macaense' de 23 de Novembro de 1886 sob a epígrafe «Recompensa», lê-se o seguinte:

> 'Foram agraciados com a comenda da ordem de Conceição por serviços prestados na Ilha de Timor, o reverendo missionário João Gomes Ferreira, o bemquisto e respeitado chefe da missão em Timor, e com o hábito de Christo por egual motivo o reverendo prebtytero Sebastião Maria Apparício da Silva.
>
> São recompensas dadas com justiça, pois ninguem pode contestar os serviços prestados por estes dois cavalheiros n'essa inhospita ilha, em prol da religião e do estado'

Por decreto de 25 de Novembro de 1886, Gomes Ferreira foi nomeado Bispo de Cochim e para lá partiu.

---

[132] Manuel Teixeira: *D. António Joaquim Medeiros, Apóstolo de Timor*, p.136.

CAPÍTULO VII

Missionário de Timor, Bispo de Macau

Em 15 de Maio de 1883, a Diocese de Macau ficou vaga devido à transferência de D.Manuel Bernardo de Sousa Enes para a de Bragança.

António Joaquim Medeiros que se encontrava nessa altura em Portugal por motivos de saúde, foi apresentado como Bispo para a diocese de Macau em 29 de Agosto 1884 e confirmado em Novembro seguinte. Quando regressou para tomar posse em 24 de Março de 1885, traçou as linhas mestras do seu programa na primeira carta pastoral, publicada em 25 de Maio de 1885.

Refere, entretanto, que mal recuperado de saúde, desgastada nos climas tropicais da Oceania e da Índia, uma nova chamada o faz voltar pela quarta vez à Cidade Macau, enaltecida como cidade e diocese. Por outro lado afirma que o seu programa é o programa da Igreja, Apostólica, Católica e Romana. E, como Português, é sua convicção que trabalhar pela dilatação da Fé é concorrer para enobrecer a Pátria.

Numa das passagens da sua pastoral faz uma alusão aos povos de Timor quando afirma: 'Alevantar povos do obscurantismo degradante da ignorância, do erro e de superstição, é tarefa que nobilita Portugal, é tradição que não deve olvidar um verdadeiro Português'[133].

Passa depois a evocar históricas figuras da Missionação Portuguesa no Oriente como Xavier, Brito e outras, que serviam de estímulo e exemplo para ele e para os seus colaboradores. Reconhece-se impotente e limitado para realizar tamanha empresa, mas, tal como Moisés, Jeremias e Pedro, confortado pela força divina, poderá servir o Senhor que constitui o seu único conforto. Finalmente, dirige-se aos Missionários que labutavam nos limites extremos da Diocese, incluindo os de

---

[133] Manuel Teixeira: *D.António Joaquim de Medeiros,Apóstolo de Timor* in Brigantia-Revista de Cultura,vol IX,N.3-4 Jul-Dez, 1989, p.131

Timor, num passo em que revela a sua solidariedade para com os seus colaboradores e a disponibilidade para os atender nas lidas apostólicas.

> «Estaremos convosco na bonança e na tormenta, iremos partilhar das vossas tristezas e alegrias, sem que os mares ou os climas nos impeçam de podermos ter a grande,a imensa satisfação de mais uma vez,de muitas vezes trabalhar ainda ao lado daquelesque sempre consideremos nossos irmãos pelos sagrados vínculos do sacerdócio e da unidade de fins na propagação da palavra»[134].

Transparece desta carta pastoral o desejo do Bispo Medeiros para erguer os povos do obscurantismo e das superstições, problemas esses que se identificam com alguns dos males que flagelam os povos de Timor. Mas tal desejo só se tornaria viável através da propagação do Evangelho acompanhado pela luz da educação e do ensino.

Essa estratégia teria em vista, numa primeira fase, ou a curto prazo, consolidar as iniciativas já encetadas quando fora Superior e Vigário-Geral das Missões, nomeadamente no campo de ensino e na construção de infra-estruturas como igrejas, capelas e escolas. E numa fase posterior, ou a médio prazo, Medeiros iria ampliar o raio de acção dos seus planos com a mira de tentar criar fontes de receita para a manutenção das obras missionárias.

As missões que pareciam caminhar para a inacção durante a sua ausência, passaram a ganhar ânimo e entusiasmo com a primeira visita deste Bispo de Macau que fora o missionário e fundador das Missões de Timor.

O relatório da sua primeira visita pastoral regista algum bom resultado de iniciativas lançadas por Medeiros quando era ainda Superior.

Tornou-se realidade a construção de algumas igrejas, capelas e escolas. A de Díli, construída de pedra e cal, tem boa aparência, satisfazendo perfeitamente as necessidades do culto. A de Manatuto possui as mesmas características. Outra capela foi construída em Batugadé com material definitivo e assim como outras capelas construídas com material local, isto é, paredes feitas de bambu ou palapa e cobertas de folhas de palmeira, espalhadas pelas estações missionárias [135].

---

[134] *Id. ib.*, p.132.

No campo do ensino foram levantadas algumas escolas primárias, sendo duas em Bidau e uma em Motael, nos subúrbios de Díli, que hoje fazem parte integrante da cidade. A «Voz do Crente» de 7 de Fevereiro de 1891, regista o seguinte: 'Dili continua a ser uma cidade das mais pobres do nosso domínio colonial, mas lá vai como pode trabalhando para dissipar as trevas da ignorância e hoje conta oito escolas com uma média de 320 alunos aproximadamente destribuídos da seguinte maneira:[136]

Escola do Governo para sexo masculino	alunos	40
Escola do Governo para o sexo feminino	alunas	10
Colégio de Lahane	alunos internos(Missões)	40
Casa de Beneficência em Díli(Canossianas)	alunas internas	52
Escola de Bidau, antiga(Missão)	alunos	53
Escola de Bidau, moderna (Missão)	alunos	50

Tendo em conta que António Joaquim Medeiros começou a trabalhar em 1879, iniciando do zero, estes dados acima referidos representam uma nítida ascensão no campo do ensino, onde a Igreja é responsável pela totalidade das escolas.

A convicção de que a propagação da Fé em Timor, aliada ao ensino e ao trabalho, constituía uma alavanca poderosa para arrancar Timor da estagnação e atraso em que se encontrava moveu Medeiros a realizar um projecto que visava a promoção religiosa, cultural e económica do Povo Timorense. À partida Medeiros lutava com a falta de recursos humanos e financeiros. Se bem que o pessoal missionário ido do Seminário de S.José de Macau e do Colégio de Cernache do Bomjardim pudesse ser suficiente para resolver parte das tarefas pastorais e do ensino para os rapazes, não se pode dizer o mesmo acerca das religiosas Canossianas que se responsabilizavam pela educação feminina. Esta lacuna levou Medeiros até Portugal para estudar a possibilidade de fundar um convento para a formação de religiosas Canossianas para Macau e Timor. Com a autorização do Ministério da Marinha, conseguiu adquirir um antigo Convento de Beneditinos, em Vairão, freguesia do concelho de Vila do Conde, distrito do Porto, conseguindo também que da Itália viessem algumas Canossianas para tomarem conta do novo convento[137]. Mas as débeis fontes de receita das Missões não permitiram alargar muito o campo de acção. Tal como os Dominicanos, que exceptuando o Bispo que recebia da alfândega de Malaca e os restantes frades, dependiam mais da generosidade dos fieis[138], também a situação financeira não se modificou muito no tempo de Medeiros. A julgar pelo seguinte esquema, que regula e condiciona algumas fontes de receita para as Missões, pode-se concluir que os missionários não dispunham de uma vida económica folgada para as suas actividades pastorais.

---

[135] *Id. ib.*, p.132.

[136] *Id.* op. cit. , p. 134.

As fontes da receita das Missões foram reguladas pelo decreto do Ministério dos Negócios da Marinha e Ultramar, Direcção Geral do Ultramar, 1a Repartição, que diz o seguinte:

« Convindo regular a percepção dos direitos parochiaes e emolumentos ecclesiásticos nas Igrejas de Dilly, ultimamente annexadas á diocese de Macau; tendo em consideração a proposta do reverendo bispo da diocese de Macau, e as informações do governador de Macau e Timor;

Conformando-me com o parecer da junta consultiva do ultramar em sessão de 9 do corrente mez; usando da faculdade concedida pelo parágrafo 1o do art.15o do acto addicional à carta constitucional da monarchia; Tendo ouvido o conselho de ministros;

Hei por bem decretar o seguinte:

---

[137] *Id. ib.*, p.134

[138] Artur Teodoro de Matos, *op.cit.*, p.66.

Artigo 1°. A percepção dos direitos parochiaes e emolumentos ecclesiásticso nas Igrejas de Dilly, ultimamente anexdas à diocese de Macau,será regulada pela tabella junta ao presente decreto,e que d'elle faz parte.

Art.2°. Ficam revogadas as disposições em contrário.

O ministro e secretário d'estado dos negócios da marinha e ultramar assim o tenha entendido e faça executar.Paço,em 30 de agosto de 1877.

REI---José de Mello Gouveia'

Tabella da percepção dos direitos parochiaes e emolumentos ecclesiasticos nas igrejas de Dilly, a que se refere o artigo 1 do decreto desta data:

1° Por um repique ou sinal fúnebre	2 rupias--avos
2° por cada vela que se distribuir pelos assinantes ou accender nos altares para baptizadoz, matrimónios ou óbitos	25 avos
3° Um ofício de defunctos commissa cantada,fóra signaes e cêra,não assistindo mais de cinco clérigos	25 rupias.
4° Dito rezado,fôra signaes e cêra	15 rupias
5° Esmola ordinária da missa rezada	1 rupia
6° Dita da missa cantada	2 rupias 50 avos.
7° Dita para o diácono e subdiácono na missa solemne, a cada um	1 rupia e 25 avos
8° Dita pela assistência de clérigos a enterro,cada um	1 rupia
9° Dita em um sermão	12 rupias
10°Pelos emolumentos da cruz levada nos enterros, sendo de prata	3 rupias.
11°E sendo a dita de cobre	1 rupia e 50 avos.
12°por certidões de baptismos,casamentos e óbitos, cada um	1 rupia
13°Pelos emolumentos de cada publicação de proclamas..	25 avos
14°De vésperas cantadas	5 rupia
15°Esmolas pela assistência a uma procissão, a cada clérigo	2 rupias e 50 avos
16°Da busca de assentos nos livros parochiaes, passados dez annos	1 rupia
17°Attestados	50 avos
18°Do termo de qualquer diligência	1 rupia

19°Da inquirição de cada testemunha nas justificações

de baptismos,casamentos e óbitos..................... 50avos

20°Por lugar de esquife da junta de parochia......... 1 rupia

21° Dito de eça da mesma junto da parochia........... 5 rupia

PERTENCE A FABRICA.

1° Metade dos rendimentos de repiques ou signaes fúnebres

2° Duas terças partes da cêra que se accender nos altares nas festas solemnes,baptizados e matrimónios e da que servir nos offícios fúnebres.

3° Uma terça parte dos emolumentos da cruz nos enterros

4° O rendimento de esquife.

5° Dito da eça.

6° Por consumo de cada cate de cêra pertencente

á junta da parochia................................ 2 rupias e 50 avos

7° Por aluguer de doze castiçaes nos

offícios fúnebres.................................. 1 rupia

PERTENCE AO PAROCHO.

1° Medate de rendimento de repiques ou signaes fúnebres----

2° Uma terça parte da cêra que se accender nos altares nas festas solemnes,baptizados e matrimónios,e de que servir nos offícios fúnebres.

3° Duas terças partes dos emolumentos da cruz nos enterros

4° Uma vela de cate nos actos festivos celebrados a gor de particulares,as velas da sepultura,as offertas e círio paschal.

5° Dos offícios cantados com laudes.................. 2 rupias e 50 avos

6° Os emolumentos de certidões de baptismos,casamentos e óbitos,dos proclamas ou mandados de qualquer natureza,publicados a rogo de prticulares.

Secretaria d'estado dos negocios de marinha e ultramar, 30 de agosto de 1877. »[139]

Para remediar esta situação financeira tão limitada como irregular, Medeiros tentou lançar mãos de tudo o que lhe parecia oferecer alguma fonte de receita para as Missões. E assim entre as preocupações do Bispo, conta-se a cultura de café, de cacau, de canela e de árvores de fruta e até pesquisas de ouro nas ribeiras de Timor, como adiante se verá.

---

[139] José de Mello Gouveia, Boletim da Província de Macau e Timor, Macau (XXIII'44':173,3 de Novembro1877, The Timor Collection Darwin by Kevin Sherlock, 1982)

Medeiros e a Cafeicultura em Timor

Na segunda metade do século XIX passara o ciclo do sândalo na balança económica de Timor e começou a ensaiar-se a produção de novas espécies agrícolas. Nessa altura era o café reputado como o mais rentável. Já durante o século XVII, fora introduzido o café na ilha de Java e, possivelmente por volta da primeira metade do século XVIII, fora levado para as ilhas de Sunda, especialmente para Bali e Timor.

Por exemplo, o Conde Sarzedas já faz referência ao café de Timor durante o governo de José Pinto Alcoforado, em 1815. Mas quem um deu impulso decisivo à cafeicultura timorense foi Afonso de Castro que era um autêntico paladino do desenvolvimento do café em Timor[140].

Ao introduzir métodos adequados, embora decalcados sobre métodos usados pelos holandeses na ilha de Java, Afonso de Castro fez algumas modificações por forma a poder adaptar-se com proveito ao ambiente sócio-económico de Timor.

O método introduzido pela «VOC» e modificado mais tarde pelo Gen. Van Der Bosch consiste na cultura compulsiva de café nas regiões que lhe são apropriadas, ficando os plantadores isentos do pagamento de impostos ao Estado[141].

No contexto timorense, baseando-se nos direitos que os 'Liurais'-régulos, reconheciam ao Rei de Portugal e de obrigações que deles resultam, Afonso de Castro mandou proceder à cultura de café nos reinos que possuem condições climatéricas propícias para tal cultura, ficando esses reinos isentos do pagamento de impostos e também de serviços pessoais obrigatórios.

---

[140] Hélder Lains e Silva: *Timor e a Cultura do Café*, Ministério do Ultramar, Junta de Investigações do Ultramar, 1956, pp.30-31.

[141] Afonso de Catro, *op.cit.*, pp,428-438.

Em contrapartida, eram obrigados a pagar 1/5 da colheita ao Governo a quem deviam também vender o café colhido a preços a serem discutidos entre o fornecedor e o comprador.

Para assegurar o êxito desta iniciativa criou-se uma Repartição de Agricultura cujos funcionários, auxiliados pelas autoridades de cada reino, eram responsáveis perante o Governo pelo sucesso ou insucesso da cultura cafeícula.

Na prática, esta repartição é um serviço de orientação e de fiscalização da cafeicultura em Timor, tendo entre outras tarefas a de recensear todas as famílias das aldeias onde o café é plantado, primeiramente em viveiros. Depois, procede-se à distribuição das plantas desses viveiros por forma a que cada família da aldeia deva obrigatoriamente plantar no fim de seis meses 600 cafezeiros, isto é, 100 cafezeiros por mês[142]. Possivelmente por motivos de segurança e facilidade de fiscalização e escoamento dos produtos, os reinos escolhidos para a cafeicultura encontram-se todos na costa norte da Ilha e circunvizinhos de Díli, ou seja, os reinos de Motael, Maubara Aipelo, situados a noroeste de Díli; os reinos de Hera, Lacló, a nordeste; e os reinos de Caimauk e Manumera ao sul da capital[143]. Mais tarde, com o restabelecimento da estabilidade e segurança, reconheceu-se que os melhores produtores de café são as regiões de Mambae, tais como Ermera, Bazartete, Letefoho, Aileu, Maubisse, Remexio, Turiscai, Ainaro, Hato-Builico e Same. Ou melhor, os concelhos de Ermera, Aileu, Ainaro e Same. Também os reinos de Maubara e Liquiça da região de Tocodede e ainda os reinos de Atsabe, Bobonaro, Lolotoi da região de Quemak e Bunak.

As regiões acima referidas são aquelas que costumam exportar o café. Quanto à zona Leste de Timor há uma ou outra produtora de café como Laclúbar, Barique, Lacluta, Ossu e também Watulari, mas mais para consumo interno. O último quartel do século XIX assistiu ao incremento da cultura do café em Timor. Na verdade, conseguida a pacificação da Colónia, José Celestino da Silva, com a experiência colhida dos governos anteriores, investiu seriamente na cafeicultura timorense com a fundação da empresa Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho(SAPT), a mais poderosa companhia de importação e exportação em Timor.

---

[142] Afonso de Catro, *op. cit.*, pp.430-431.

[143] id. ib. pp.434

Clarence-Smith, um estudioso da cafeicultura em Timor, escreve: 'The situation changed markedly from the mid-1890s, when José Celestino da Silva was made governor of Timor... He set up a company knwon as Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho, in which he invested all his savings and the money he had received as an inheritance,in all some 10 contos de reis'[144].

Ora, o Bispo Medeiros pertence precisamente a essa época, sendo até parente do governador Celestino da Silva. E a contribuição de Medeiros para a cultura de café em Timor é encarada como uma inovação, uma vez que introduziu uma nova espécie de café: «Libéria ou Libérica» na flora timorense. A espécie «Libéria» foi levada para Timor pelas Missões Católicas Portuguesas, enquanto a Arábica foi introduzida pelo governador José Alcoforado de Azevedo e Sousa em 1816. Até então existia apenas uma única espécie de café (Arábica), de boa qualidade e de altitudes. Na verdade, este café produz-se bem a partir de 800 metros de altitude até 1800 metros[145]. Quanto ao café «Libéria» é inferior em qualidade, mas é mais pródigo na produção e produz-se bem nas baixas altitudes entre 600 metros a 300 metros. O cafezeiro Libéria produz por árvore 103g, enquanto o Arábica e o Robusta produzem, respectivamente, em média 44g e 82g [146]. Além da introdução do café «Libéria», Medeiros introduziu também diversas plantas exóticas, como se verá adiante. Dispondo de uma verba limitada para fazer face as despesas pastorais, ele resolveu investir parte dessa verba nalguma coisa rentável que pudesse criar uma nova fonte de receita. Adquiriu por isso um terreno de 60 hectares para uma exploração agrícola; a propriedade que veio a ser conhecida por Granja de VILA DARE, situada a 400 metros de altitude e sobranceira à Cidade de Díli. Em termos de localização, entre o clima seco do litoral e o húmido e frio das montanhas, e em termos da proximidade de Díli (apenas meia hora de carro), esta Granja é a melhor dos arredores de Díli. A finalidade da exploração desta granja visava possibilitar aos missionários os recursos financeiros suficientes para suportar a administração das Missões. Servia igualmente como campo da Escola Agrícola para a instrução dos alunos das Missões. Sendo a totalidade dos educandos filhos de régulos e principais de Timor que em breve terão nas mãos o governo dos respectivos reinos, então a iniciativa de Medeiros teve uma visão de grande alcance para irradiar e incrementar a cultura do café pelos diversos reinos de Timor governados pelos antigos alunos formados nas Missões. De facto, como consequência dessa política, em breve vê-se a reprodução da Granja VILA DARE em diversas partes de Timor, como Ainaro, Same, Ermera, Alas, Baucau, Viqueque, etc. E até o governador Filomeno de Câmara mandou criar a granja «República» com uma extensa reserva demarcada nas regiões de Raimera, Riac, Leo Laco em Manufahi, ou actual Concelho de Same, mandando ali fazer plantações de café Arábica, Libérica e Robusta[147]. Além disso a Granja funciona também como sanatório para o pessoal recuperar energais, gastas nas lides apostólicas. Por outro lado, para facilitar o trabalho agrícola e assegurar o bom aproveitamento dos educandos, Medeiros escreveu alguns manuais como «O Café em Timor», Macau, 1891, e «Breve Instrução Sobre O Cultivo de Cacau, Chá, E Quina Para As Missões de Timor», Macau, 1896.

---

[144] W.G. Clarence-Smith: *Planters and Peasants in Portuguese Timor,* in the 19th & 20th centuries: a Preliminary Note,School of Oriental and Africa Studies,London University,1989,p.3

[145] Peregrino da Sunda: *O Café de Timor e as suas variedades*, in 'O CLARIM', Macau Ano X - Janeiro de 1958, p.10.

[146] Hélder Lains e Silva, *op.cit.*, p.34

A Granja constituíu um autêntico campo experimental dotado de diversas zonas destinadas a diferentes espécies de plantas. Uma zona destinada ao café «Libéria», outra destinada a cultura da canela e do cacau, e outra, ainda, destinada à diversas plantas exóticas. Da flora portuguesa havia a pereira, a macieira e o pessegueiro. Várias árvores frutíferas do Japão, China e Malásia como «lechia», carambola, longane, bompite, rambutão, figo cáqui, delicioso mangustão e durião; outras plantas como cânfora, noz moscada, canela, tangerineira, toranjeira, nespereira, jaqueira, abacateira, mangueira, ananazeira[148]. Pela amenidade do clima e a proximidade de Díli, a Granja VILA DARE ficou muito enriquecida e valorizada com a construção do Seminário Menor de Nossa Senhora de Fátima, em Dare, o Colégio S.Francisco Xavier para a formação dos Professores-Catequistas e um externo para escola primária.

---

[147] Hélder Lains e Silva, *op.cit.*,p.41

A Preocupação de Valorizar Economicamente Timor

Tendo feito diagnóstico das anomalias que afectam a economia de Timor, Bispo Medeiros não responsabilizou ao povo timorense a carência que se vive na Ilha. Nas suas cartas pastorais, circulares ou provisões, jamais Bispo Medeiros adjectivou o timorense de uma maneira negativa com epíteto de indolente ou preguiçoso. E nem tão pouco repetia aquele círculo vicioso de que Timor é pobre porque não produz, e não pode produzir porque é pobre. Nisto ele revelou como poucos, uma análise acertada da conjuntura política, social, económica e tradicional então vigente em Timor. Ele entendeu que na era pré-colonial, o povo vivia em harmonia com a natureza que lhe dá tudo para a sua sobrevivência. E cada um produz apenas o que é necessário dentro de um sistema de produção que se pode chamar a economia de subsistência. Havia portanto um certo equilíbrio entre o homem e o seu ecossistema. O timorense era virtualmente um povo ecológico.

A era colonial alterou o equilíbrio, porque pretendeu introduzir em Timor uma economia de mercado que naturalmente tem em vista uma produção em excesso para a venda. Ora uma produção em excesso exige um certo investimento para criar riquezas. Precisamente foi o investimento que faltou em Timor. E se alguma vez se investiu, não foi de molde para poder criar riquezas. Daí dá-se o problema de pretender alcançar o fim que é produção(riqueza), sem aplicar convenientemente os meios que é o investimento (dinheiro).

---

[148] Pe. Abílio Fernandes, *op.cit.*, pp.52-57

Em última análise pode-se afirmar que as autoridades pretendem uma produção a nível de economia de mercado através de estruturas de uma economia de sobrevivência. Ora isto só foi possível através de uma mão de obra barata e gratuita às vezes.

O seguinte depoimento de um dos governadores mais esclarecidos sobre os problemas de Timor, Alvaro Fontoura confirma este problema: 'O grande volume da produção agrícola da colónia, quer em café, quer em outros produtos, provém das culturas indígenas. Desnecessário será portanto encarecer o valor que nesta colónia reveste o problema do trabalho dos indígenas, se notarmos ainda que a colónia vive quase por completo do valor da sua produção agrícola e pecuária'[149]

O trabalho agrícola é extremamente extenuante e mal recompensado em Timor. A incerteza de uma agricultura que depende totalmente de chuvas que às vezes podem falhar, uma agricultura sujeita a praga de roedores, sem serviços técnicos adequados para apoiar os agricultores. E na altura da colheita o problema de armazenamento e transporte de produtos para o mercado é por conta e risco do produtor. Numa palavra, o trabalho agrícola que é a riqueza principal da Ilha, não tem recompensa nem estímulo, como escreve Hélder Lains e Silva: 'A desproporção enorme entre os esforços e as recompensas está longe de fazer do trabalho um prazer'[150] .

Não é fácil encontrar no Mundo algum povo que está disposto a trabalhar sem alguma recompensa. Eis a razão por que o timorense sente pouco entusiasmo de trabalhar em proveito de terceiros. Dizia o antigo Bispo de Timor, D. Jaime Garcia Goulart: 'Trabalhar só para aquecer não vale a pena que Timor já é quente'.

---

[149] Alvaro Fontoura: *O Trabalho dos Indígenas de Timor*, Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1942, p.17.

[150] Hélder Lains e Silva: *Timor e a Cultura de Café*, junta da Investigação do Ultramar,Lisboa,1956,p.7.

E Joachim Metzner por sua vez escreve: 'In 1970 wages for the type of manual work were at 5$50(escudos) plus food or 8$50(escudos) without food. It can be argued that these low wages were mainly responsible for the lack of labour supply'[151] .

Entra-se então num círculo vicioso em que se afirma que Timor é pobre porque não produz, e não pode produzir porque é pobre. Ora para acabar com isto é necessário estímulo, recompensa, formação profissional e investimento de certa envergadura.

Foi precisamente isto que o Bispo Medeiros tentou fazer em Timor, com a criação da Escola Agrícola, Colégios de Artes e Ofícios, para a formação profissional; e investimento na exploração agrícola.

Medeiros detectou as causas do atraso e procurou dar--lhes medidas eficazes para valorizar Timor. Foi precisamente por isto que Celestino da Silva fundou a Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho(SAPT) que contribuiu para explorar os recursos naturais de Timor e criar postos de trabalho para os timorenses.

Pesquisas de ouro

Além de tudo isto devemos ainda notar que a boa vontade de D. António Joaquim Medeiros em ajudar o povo timorense, levou-o a preocupar-se também com o aproveitamento dos recursos naturais disponíveis para valorizar economicamente esse mesmo povo. Para além da exploração agrícola que já se referiu, tentou também apoiar estudos geológicos e pesquisas de ouro nas ribeiras de Timor, no intuito de aproveitar tudo quanto pudesse ajudar Povo e as Missões. Deste modo, em 16 de Maio de 1891, chegou a Timor uma expedição para pesquisas de ouro, composta por José Maria de Castro, Chefe da expedição; José António Barreto, Sub-chefe; Dr.Seelhorst, Engenheiro Civil alemão, perito; e Dr.José Gomes da Silva, fiscal do Governo de Macau, visto que, nessa altura, Timor dependia administrativamente de Macau. O Bispo Medeiros que na ocasião se encontrava em Timor, convencido de que ninguém melhor do que os missionários conheciam a terra e as suas gentes, autorizou dois dos seus missionários (Pe.Jacob dos Reis e Cunha e o P.M.M. Alves da Silva) a ajudarem a expedição nas pesquisas do ouro. Segundo o Dr.José Gomes da Silva, foi o Pe. Jacob que usou da enorme influência em todos os reinos da contracosta, levando a expedição até às regiões de Bubursuçu, Tutuluro, Ailalek e Turiscai, onde os nativos costumavam recolher, com meios tradicionais, os grãozinhos de ouro. E até uma vez por outra, o próprio Prelado juntou-se à expedição das pesquisas auríferas. O Pe.M.M. Alves da Silva que também acompanhou a expedição, realçou os trabalhos do Prelado dizendo: 'Pelo grande empenho que tinha por tudo quanto dizia respeito ao engrandecimento de Timor dignou-se o Prelado não só acompanhar a exploração, mas ele próprio, por si ou pelos padres de que se fez acompanhar, dirigir muitos trabalhos na dita comissão. Embora essas pesquisas não tivessem grande êxito, devido à escassez de meios técnicos mais adequados, a boa vontade e colaboração do Prelado mostram o interesse de lançar mãos a tudo aquilo que possa ser proveitoso para o povo'[152].

---

[151] Joachim K.Metzner: *Man and Enviroment in Eastern Timor*, the Australian National University, Camberra, 1977, p.216

---

[152] Pe.Manuel Teixeira: *D.António Joaquim Medeiros,Apóstolo de Timor,* pp.140-141.

CAPÍTULO VIII

O contributo de Macau para o Ressurgimento das Missões de Timor

O contributo de Macau com vista a reabilitar as Missões Missões de Timor avalia-se à luz do estado deplorável a que chegaram as Missões em 1877, na altura em que elas passaram para a jurisdicção da Diocese de Macau.Tal estado decadente está registado no relatório do Pe. Joaquim António Medeiros que foi nomeado como visitador para apreciar «in loco» os problemas das Missões.E deve-se avaliar também à luz de melhoramentos que se fizeram a partir daí até a Revolução de 1910 que deu outro golpe mortal às Missões.

Por coincidência feliz em 1877 a Colónia de Timor dependia de Macau não só no foro eclesiástico como também no civil.O Governador de Macau desempenhava a função de Governador-Geral de ambos os territórios e tinha um governador subalterno,residindo em Dili.E Macau mandava todos os anos 60.000 patacas para reforçar o orçamento geral de Timor[153] . Mas o Bispo de Macau que era também de Timor, afim de poder agir convenientemente,precisa de se informar sobre a situação na Colónia e não podia ser melhor a escolha do então reitor do Seminário de S.José de Macau,Pe.Joaquim António de Medeiros.Ao inteirar-se da gravidade dos problemas que afectam a vida religiosa, social e moral do Povo Timorense, o Bispo de Macau mobilizou todos os recursos humanos e financeiros disponíveis para poder aliviar a situação.E a influência deste Padre conseguiu do Real Colégio de Cernache de Bomjardim uma plêiade de missionários que, juntamente com os de Macau, conseguiram alterar rapidamente a situação caótica das Missões.

---

[153] "*Portugal-Dicionário Histórico*", edições de João Romano Torres, art. Timor, ín Boletim Eclesiástico da Diocesse de Macau, ano 36, Julho de 1938 a Junho de 1939, p.506.

Em breve começou-se a notar melhoramentos em diversas áreas que o Pe. Medeiros considerou vitais para a reabilitação.A criação de uma estrutura administrativa dotada de recursos financeiros suficientes para suportar as despesas das actividades pastorais e ensino.Lançou-se uma rede de infra-estruturas, de escolas, colégios, igrejas, capelas e residências missionárias que cobrem uma parte significante da Ilha. Dentre os colégios sobressai o vetusto Colégio de Soibada que merece referência especial por ter sido o internato pioneiro e piloto para a formação da juventude timorense.Os Jesuítas fundaram na viragem do século passado um grande internato,em Soibada, no Reino de Samoro. Foi o Pe. Sebastião Maria Aparício da Silva,da Companhia de Jesus e três companheiros da mesma Ordem que fundaram o colégio com o dinheiro vindo dos rendimentos da Mitra de Macau.[154] O internato é uma réplica do Seminário de S.José de Macau .Soibada é uma região no interior de Timor de alta plubiosidade e flanqueada de montanhas alterosas e ribeiras profundas que tornam difícil o acesso ao Colégio.Mas em contrapartida possui um clima ameno e gente simples e religiosa.E desde a sua fundação este Colégio, conhecido também como Colégio de Nun'Alvares Pereira, afirmou-se como o instituto de educação mais procurado,não obstante a sua disciplina autenticamente espartana. Até 1975, Soibada contribuiu substancialmente para a formação de gerações da classe letrada de Timor.Por lá passaram vagas sucessivas de estudantes, tanto rapazes como raparigas, pois existe também um internato orientado por Canossianas.Esses estudantes uma vez formados foram mais tarde funcionários públicos,oficiais do exército, juristas, médicos, agentes de ensino, catequistas, sacerdotes, pais e mães de família. Além dos dois internatos para rapazes e raparigas, Soibada também é sede da Missão Central de toda a costa sul ou contracosta. Depois da II Guerra Mundial adquiriu uma nova dimensão para o seu velho pergaminho ao funcionar também como pré-seminário e escola de professores-catequistas. Todos aqueles que passaram por estes

---

[154] Pe. Abílio José Fernanado, op. cit. pp.54 e 55.

colégios receberam uma formação completa consubstanciada naquele princípio «mens sana in corpore sano».E isto gera nos alunos um orgulho são e um certo bairrismo ou elitismo que os leva a criar um vínculo de amizade com a «Alma Mater». Parafraseando um dos pensamentos daquele conhecido fado de Coimbra pode-se afirmar que:
«Soibada tem mais encantos na hora da despedida», pois Soibada é uma Coimbra em miniatura em Timor, um centro cultural, donde irradiam as tradições académicas, incluindo desporto, música e outras actividades artísticas que são elemento aglutinador e distintivo dos seus alunos e acompanham-nos pela vida fora.

Além de internatos como os mencionados, o Bispo Medeiros criou também escolas de "Artes e Ofícios" com oficinas de sapataria, alfaiataria, carpintaria, olearia, etc., assim como, uma escola de prática agrícola como a de Vila Dare.

Em relação aos missionários,também o Bispo Medeiros nas suas provisões de nomeação e colocação do pessoal,exigiu a cada um deles o estudo da língua da região onde pastoreia, assim como a cultura timorense e a criação de escolas para o ensino.E assim, não obstante os afazeres missionários,alguns sacerdotes chegaram a publicar obras sobre as línguas e cultura de Timor:

Pe.Sebastião Manuel Aparício da Silva:

.Catecismo em Tetum da Doutrina Cristã. Macau, 1885.
.Dicionário Português-Tetum. Macau, 1889.

Pe.Manuel Maria Alves da Silva:

. Noções de Gramática Galóli. Macau, 1900.
. Método para Assistir à Missa em Galóli. Macau, 1888.
. Compêndio(em Galóli) de Orações Quotidianas. Macau, 1902 .
Catecismo da Doutrina Christã em Portuguez e Galóli,
Macau, 1903.
. Evangelhos das Domingas e Outras Festas do Ano em Portuguez e Galóli. Macau, 1904.

. Dicionário Português-Galóli. Macau, 1905

Pe. Manuel Mendes Laranjeira:

. Cartilha Tetum(1a. e 2a.parte).
. Catecismo Tetum.

Pe.Manuel Fernandes Ferreira S.J:

. História Sagrada(em Português e Tetum).
. Catecismo Badac.

Rafael das Dores:

. Dicionário Teto-Português.Lisboa,1907.

Pe. Manuel Patrício Mendes:

. Dicionário Tetum-Português.Macau,1935.
. Catecismo ho Oração Ruma, 2a.edição, Lisboa, 1952.
. Doutrina Badac, 2a.edição. Lisboa, 1952
. Sarani Sira Nia Surat.

Pe. José Abílio Fernandes:

. Método Prático para aprender o Tetum.Macau,1937.
. Esboço Histórico e do Estado Actual das Missões de Timor,1931.[155]

«Além destes trabalhos,já publicados,são ainda de mencionar os seguintes,que nunca chegaram a ter facilidades de publicação»:

Pe Manuel Mendes Laranjeira:

---

[155] Pe. Artur Basílio de Sá, Textos em Teto da Literatura Oral Timorense, vol. 1, Junta de Investigações do Ultramar, Centro dos Estudos Políticos e Sociais, Lisboa, 1961, pp.XXI e XXII.

. Tradução e Explicação do Catecismo de Dianda, em Tétum.

Pe.Manuel Fernandes Ferreira, S.J.:

. Homilias e Festas do Ano.
. O Mês do Sagrado Coração de Jesus.
. O Mês de Maria em Tétum
. Várias Vidas de Santos.

Pe.Manuel Patrício Mendes:

. Catecismo em Mambai

Pe. Manuel C.D.Neto

. Catecismo da Língua de Oecússi
. Diversas Homilias em Macassai.[156]

Daqui se vê que o incentivo para o estudo das línguas e cultura timorense tornou-se uma realidade.E o Tetum ganhou o estatuto da língua franca de Timor porque a Igreja usou-o como a língua veícular do ensino da catequese, assim como o Português é a língua veícular nas escolas ou a língua veícular de cultura.

Obviamente que todas estas actividades da Igreja iriam reflectir-se na melhoria da vida social e política da Ilha, contribuindo para criar um clima de estabilidade e de paz, uma vez que muitos dos detentores de poder nos regulados (liurais), nos sucos (dato ou nai-suco) e nas povoações ou knuas (knua-ulun ou katuas ou povoçan) foram formados pelas escolas das Missões.

Durante o governo de Bispo Medeiros cresceu de tal forma o prestígio das Missões e dos Missionários junto do povo que a sua influência foi indispensável para sufocar revoltas, apaziguar os sublevados e ultrapassar crises de instabilidade que o Governo se mostrou incapaz de resolver

---

[156] Pe.Jorge Barros Duarte, Em Terras de Timor, Lisboa, 1987, pp. 145 e 146.

No dia 3 de Março de 1887 deu-se em Dili um crime que abalou todo Timor: assassinato do governador Alfredo Lacerda Maia, pagando com a própria vida os desmandos que o seu secretário Alferes Francisco Ferreira praticou. Na verdade os maus tratos e desrespeitos praticados pelo Alferes para com o Régulo de Motael, D.Lucas Martins, que lhe foi pedir justiça,geram descontentamento entre a população de Díli em geral e os moradores de Motael, em particular. Uma vez que o secretário não lhe dispensa consideração, o Régulo e os seus moradores foram primeiro ter com o juíz, e depois com o Governador,mas não foram bem sucedidos.

Perante tal indiferença das autoridades e as humilhações sofridas,o Régulo resolveu fazer justiça por suas próprias mãos. E assim no dia em que o Governador se dirigiu para o quartel dos moradores de Motael foi insultado e humilhado pelos mesmos. Quando tentou usar a sua autoridade para se defender já era tarde,pois o seu corpo ficou crivado de lanças.Toda a Cidade de Dili, como é óbvio foi apanhada de surpresa e aguardava um desfecho mais trágico,uma vez o representante máximo da soberania foi eliminado.Os moradores queriam eliminar também o Alferes, mas ele foi procurar refúgio e protecção entre os missionários.A intervenção do pároco de Díli acalmou os nervos dos moradores revoltosos, o Alferes Ferreira conseguiu embarcar e não teve a mesma sorte do governador.[157]

Em1897, D.Duarte de Manufahi, um dos mais temíveis régulos de Timor sublevou-se contra as autoridades.E a sua influência ia alastrando a sublevação aos reinos vizinhos como Ainaro,Alas etc. Perante a incapacidade das autoridades militares e civis de evitar o pior, foi o Pe. António Antunes convencer D. Duarte para se render ao Comandante de Alas, tenente Serrão. O Governador Celestino reconheceu a intervenção do missionário e pediu à Metrópole que lhe fosse concedida a Comenda da Ordem de Cristo.Como esta revolta de Manufahi,foram também outras revoltas em Suro, Maubara, etc.,e os missionários foram os protagonistas da paz e reconciliação.[158]

---

[157] Pe. Manuel Teixeira, D. António Joaquim Medeiros, Apostolo de Timor,pp. 136 e 137.

O papel da Igreja em Timor é multifacetado e específico. O seu campo de acção não se restringe somente à parte religiosa e educativa, mas estende-se também ao ensino de artes, agricultura e até contribuindo activamente para manter a ordem, paz e estabilidade. As próprias autoridades civis reconhecem esse papel da Igreja. Já em 1863, o governador Afonso de Castro escrevia:'A catechese é um grande meio de civilização,e em Timor,aonde nos falta e faltará a força para dominarmos aquelle povo,devemos servir-nos da palavra para fazer as conquistas,que a espada não pode fazer.Pela catechese fundámos a colónia,e pela catechese devemos sustentá-la'.[159]

E o governador Celestino da Silva, rendido à acção civilizadora desenvolvida pelo Bispo Medeiros em Timor não hesitou em dizer:' Se,ao lado de cada comandante honesto,sensato e trabalhador,tivermos um missionário que,com o seu exemplo e as suas palavras,vá pouco a pouco,adoçando os costumes e propagando a religião católica,apostólica,romana,em lugar de dispararmos tiros de canhão e espingarda,abriremos estradas, saneamos pântanos e arroteamos muito terreno'[160]

O missionário é simultaneamente pastor e educador, médico e agricultor, advogado e defensor, conselheiro e orientador. O projecto de Bispo Medeiros foi precisamente para concretizar esse papel da Igreja e lançar a imagem desse modelo de missionários que estiveram na origem da arrancada das Missões para a senda do progresso e da paz.As missões fundadas por Bispo Medeiros foram dotadas com estruturas que lhes permitem responder aos importantes desafios que surgem no desenrolar dos anos.E assim, apesar dos condicionalismos tão adversos, como distância, isolamento, carências, terreno acidentado, o Bispo Medeiros e os seus colaboradores realizaram uma obra tão intensa como diversa num espaço de tempo relativamente curto: 1877-1897.

---

[158] Pe. Abílio José Fernandes, op. cit., pp. 41-43.

[159] Afonso de Castro, op.cit.,pp. 339.

[160] José Celestino da Silva, *Relatório das Operações de Guerra, no Districto Autónomo de Timor*, Impresa nacional, Liboa, pp. 43 e 44 citado por Pe. Jorge Barros Duarte in Em Terras de Timor , Lisboa, 1987.

Um dos estudiosos da história das Missões de Timor classifica a era do Bispo Medeiros como o 3o período da História das Missões.[161]

O nome de Medeiros está portanto vinculado a um dos períodos aúreos da História das Missões,pois ele contribuiu para valorização de um povo que foi ignorado pelos homens, esquecido pelos governos e, por conseguinte, desfavorecido pelos benefícios do progresso. O intenso trabalho desenvolvido encurtou a vida desse grande apóstolo que faleceu com 50 anos de idade, quando Timor ainda espera mais dele. Os seus restos mortais repousam numa campa rasa no cemitério de Díli. A ele se pode dedicar também aqueles versos altisonantes do Vate:

«Que o bom missionário
Glória vã não pretende,nem dinheiro».[162]

E não lhe fica descabida também aquela frase lapidar de Júlio César «Veni, Vidi, Vinci». Medeiros foi a Timor como visitador e viu a crise. Tratou de ultrapassá-la, quando era Vigário-Geral e Superior das Missões de Timor. E, como Bispo venceu a crise e lançou Timor no desenvolvimento, na promoção humana, sócio-cultural e até económica. Fica-lhe bem, portanto, a sentença : «Veni,Vidi,Vinci».

---

[161] Pe. Abílio José Fernandes, pp. 77 A história das Missões de Timor pode-se dividir em 4 períodos bem distintos, o 1°, de 1500 a 1834 - era dos Domincanos; o 2°, deste 1834 aré 1877- o abandono; o 3°, de 1877 até 1910 - era do Bispo Medeiros e o 4° de 1910 até ao presente.

[162] Lusíadas. Est. 150.

CONCLUSÃO

A História da Igreja em Timor quase se identifica na sua essência, com a do estabelecimento formal dos portugueses na Ilha. Pois a Igreja foi a primeira a chegar, baptizando os timorenses e fazendo deles vassalos da Coroa, conseguindo assim o objectivo que norteava a epopeia marítima portuguesa de dilatar a Fé e o Império.

Quase dois séculos depois chegou a «espada» que encontrou um clima propício e condições para se estabelecer. Mas nos momentos mais críticos, quando ainda não dispunha de meios humanos e materiais suficientes para se poder afirmar, foi a Igreja que a ajudou a sobreviver.

Na sua longa e atribulada caminhada a Igreja experimentou momentos de tormenta e bonança, mas soube ultrapassa-los e saiu deles mais robustecida e firme. Infelizmente, mais de uma vez, tais tempos difíceis foram criados precisamente por aqueles de quem se esperava mais colaboração, apoio e respeito. A Revolução Liberal de 1834 extinguiu para sempre, em Timor, a presença daquela Ordem Religiosa que foi companheira de Portugal marinheiro na sua expansão pelo Mundo. O êxodo dos Dominicanos deixou Timor mergulhado no esquecimento, miséria e abandono durante um período de 40 anos.

Foi um autêntico retrocesso em toda a sua história, uma vez que sempre foi a Igreja quem mais se preocupou com a valorização espiritual, educacional e material do povo timorense.

Mas raiou finalmente a esperança de melhores dias, sobretudo quando a Santa Sé passou as Missões de Timor para a jurisdição eclesiástica da Diocese de Macau. E, em breve, as esperanças se transformaram em realidades e obras. O protagonista desse novo capítulo da História da Igreja em

Timor, foi António Joaquim de Medeiros, que, com uma equipa de competentes missionários, começou a fazer tudo de novo percorrendo uma grande distância (1884-1897) em pouco tempo, na reconstrução e reabilitação das Missões de Timor.

Tudo isto foi possível porque Medeiros reunia em si qualidades que dificilmente se concentram numa só pessoa. Foi missionário e pastor, crente e patriota, organizador e chefe, economista e agricultor. Trabalhou apaixonadamente pelo bem espiritual e temporal do povo de Timor, criou estruturas e condições para a Igreja poder sobreviver. O intenso trabalho desenvolvido em prol dos Timorenses abreviou a vida desse grande missionário que faleceu em Díli a 7 de Janeiro de 1897, apenas com 50 anos de idade, e 20 como missionário de Timor.

Mas a sua obra fica e continua a ganhar vulto. Tal como em África, Índia, China e Insulíndia, e especialmente Timor a fé trazida pelos missionários portugueses veio para ficar.

Há 400 anos, num rasgo genial já o cronista João de Barros previu a perenidade da Igreja nas terras descobertas pelos Portugueses. E o tempo veio dar-lhe razão. Ao ser citado por um escritor contemporâneo da própria Indonésia, a autoridade do Cronista ganhou dimensão internacional:

> 'The Portuguese arms and pillars placed in Africa and Asia, and in countles isles beyond the bounds of three continents, are material things, and time may destroy them. But time will not destroy the religions, customs and language which the Portuguese have implanted in these lands'[163] .

A Religião Cristã é o património cultural e religioso que evoca e perpétua a época áurea da expansão marítima portuguesa nestas paragens do Oriente.*

---

[163] João de Barros, citado por Paramita R. Abdurchman, op. cit., p.113.

Diálogo em Louvor da nossa Linguagem, 1540.

[*] Através da aculturação, a língua indónesia ou o "bahasa Indonesio" é enriquecida com uma boa percentagem de vocabulário em Português.Algumas actividades religiosas, tais como, confrarias, associações marianas, ou procissões sofreram a influência portuguesa. E , o caso mais curioso é que, ainda hoje, as autorídades tradicionais da Ilha das Flores, nomeadamente na região de Sica, quando tomam posse dos seus cargos fazem o juramento em português e em nome do El-Rei de Portugal.

Até à data da conclusão e entrega deste trabalho não foi possivél ao signatário obter os documentos originais de juramento em português arcaico, solicitado a Dili.

(*) Nota: Quando o autor deste trabalho se encontrava em Atambua como refugiado, de Setembro de 1975 a Outubro de 1976, os « **Lia-nains** » -anciãos de Bebico e behali foram convida-lo para ir juntamente com o Bispo de Atambua, D. Thadeus Sulama Tillart até Bétun que é o centro missionário mais importante de toda a Diocese de Atambua e também capital dos antigos reinos de Bebico e Beháli. Ali com surpressa sua ofereceram-lhe dois « **teas** », panos de Timor e também « **areca e betal** » como preito de homenagem a um dos descentes dos Régulos de Betano -Clacuc-Lacló. Daí se conclui que os actuais habitantes de Bebico e Bahali ainda se lembram da antiga aliança celebrada entre Bebico-Behali-Betano.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes impressas, livros e revistas

ABDURACHMAN, Paramita R; *In Search of Spices:Portuguese Settlements On Indonesian . Shores*, in 'The Indonesian Quarterly', Jajasan Ploklamasi, Center for Strategic and International Studies,Jakarta,Vol II,N.2 Jan.1974.

ALBUQUERQUE, Luís Mendonça de; *Casos da Expansão Portuguesa*, separata de Biblos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1975.

AZEVEDO E ROSA, João Gonçalo de, e Melo Dias; *TIMOR, Breve resenha histórico-cultural*, Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro Cultura, 1992

BASTO da SILVA, Beatriz; *Cronologia da História de Macau- Séculos XVI-XVII,* Vol.1 e Século XVIII Vol. 2 Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, Macau, 1993.

BOXER, C.R.; *Fildalgos no Extremo* Oriente 1550-1770, tradução portuguesa de Macau, Fundação Oriente, Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1990.

BOAVIDA, João Frederico; *The Fusion of Religion and Nationalism in East Timor. A Culture in the Making*, MPhil. Thesis, Faculty of Anthropology and Geography, Oxford Universisty, 1993.

BOUCHON, Geneviève; *Les mers de l'Inde a la fin du XVe siécle*(in "Moyen Orient & Ocean Indien" . XIV -XIX,Societé d' Histoire de L Orient, Paris, 1984,pp.102-105.

CABATON, A.; *Java and the Dutch East ndies*, London, Adelphi Terrace, First Edition, 1911

CARLOS, Rui Palma; *Eu fui ao fim de Portugal, Edição LITERAL, Lisboa*

CASTRO, Afonso de; *Possessões Portuguesas na Oceania*, Lisboa, Imprensa Nacional 1867

CAMPAGNOLO,Henri, *Etudes Sur Les Fatalucu, Asie de sud-Est et Monde Unsulindien*, Paris, 1972

DUARTE, Jorge Barros; *Em Terras de Timor*, Lisboa 1987

CINATTI,Ruy Gomes Vaz; *Culturade Sândalo em Timor*, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa 1950

FELGAS, Hélio A. Esteves; Timor Português, Agência Geral do Ultramar, Divisão de Publicações e Biblioteca, 1956.

FERNANDES,Abílio José; *Esboço Histórico e Estado Actual das Missoes de Timor*, Tip.Mercantil de N.T. Fernandes e Filhos, Macau, 1931.

FERREIRA, Ana Maria Pereira; *O Essencial Sobre Portugal e a Origem de Liberdade dos Mares*. Imprensa Nacional, Casa de Moedas, Lisboa, 1988.

FONTOURA, Álvaro de; *O trabalho dos Índigenas de Timor, Agência Geral das Colónias, Lisboa,1942.*

HAMILTON, Cap. Alexander; *A New Account of East Indies*, editada por Sir W.Foster, London 1930

HOFSTBEEDE, W.M.F., OFM; *Malacca Treasures in Larantuka*, Lembaga, Panelitian Universita Katolik Parahyangan, Indonesia, 1990.

LEITÃO, Humberto; *Os Portugueses em Solor e Timor 1515-1702*, Lisboa, Tip. C.G.G.,1948

JESUS, Montalto; *Macau Histórico*, Edição Portuguesa da versão apreendida, patrocinada pela Fundação Oriente, Macau, 1990

KING, Margaret; *Eden to Paradise* Hodder and Stoughton, London, 1963.

KIWANMU, Hamaka; *O Devaneio da Expansão Portuguesa*, in Vértice, Nov-Dez.II Série Lisboa, Editorial Caminho, 1993.

MATOS, Artur Teodoro de; *Timor Português, 1515-1769, contribuição para a Sua História*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1974.

McINTYRE, Kenneth Gordon; *The Secret Discovery of Australia-* Portuguese Ventures 250 Years Before Captain Cook, Pan Books, Sidney and London.

MENEZES, Francisco Xavier; *Aspectos antropológicos e Culturais Timorenses*, in Timor Leste: Terra de Esperança, Edição Barbedo Magalhães, Porto, Reitoria da Universidade do Porto, 1992.

METZNER, Joachim K.; *Man and Environment in Eastern Timor*, The Australian National University, Camberra, 1977.

PTAK, Roderich; *The Transportation of Sandalwood from Timor to China and Macao c.1350-1600*, in Portuguese Asia, Aspect in History and Economic History 16-17,University of Heidelberg 1987

SÁ, Artur Basílio de; *Textos em Teto da Literatura Oral Timorense*, Vol I, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1961.

Documentação para a História das Missões do Padroado Portuguê do Oriente, Insulíndia, Lisboa, 1568-1579, Vol.4.

SARZEDAS, Conde de; *Instruções para para o Capitão de Mar e Guerra Victorino Freire da Cunha Gusmão, Governador e Capitão Geral das Ilhas de Solor e Timor*, citado por Afonso de Castro in Possessões Portuguesas na Oceania.

SERRÃO, Joel; *Liberalismo* in Dicionário da História de Portugal, Direcção de Joel Serrão, Vol.III, Lisboa, 1985.

SHERLOCK, Kevin; *Timor in the Portuguese Periodical,* Press of the Far East, Part One 1850-1868 and Part Two 1870. Darwin, 1986.
A Bibliography of Timor, Research School of Pacific Studies. Aids to Research Series No A-4. The Australian National University Camberra 1980.

SILVA, Hélder Lains e; *Timor E A Cultura do Café*, Ministério do Ultramar, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1956.

SILVA, José Gomes; in A Voz do Crente,citado por Pe. Manuel Teixeira in Macau e a Sua Diocese X Missões de Timor, Tip.das Missões do Padroado, Macau-1974.

SOUZA, George Bryan *A Sobrevivência do Império: Os Portugueses na China (1630-1754)*, Publicações Dom Quixote, tradução portuguesa de Luísa Arraias, Lisboa, 1991.

SUNDA,Peregrino de; *O Café de Timor e as suas Variedades* in O Clarim, Macau, Ano X, Nr.74, 12-Janeiro-1958.

TAYLOR, Jonh G.; *Timor, a História Oculta,* tradução portuguesa de Bertrand Editora, Lisboa, 1993.

TEIXEIRA, Manuel; *Macau e a Sua Diocese X Missões de Timor*, Tipografia sa Missão do Padroado, Macau, 1974.
Antonio Joaquim de Medeiros,Apostólo de Timor, separata de Brigantia-Revista de Cultura Vol.IX-N 3-4-Jul-De-90.

TEIXEIRA ,Cândido da Silva; *O Collégio das Missões em Cernache do Bom Jardim*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1905

THOMAZ,Luís Filipe F.R.; *O Afluxo ao meio urbano no Timor Português*. Revista da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, IV Série, Número 1, 1976-1977.

VARADARAJAN, Lokita; in *The Indian Ocean Explorations in History,Commerce and Politics*,edited by Satish Chandra,Sage Publications,New Delhi, 1987 quotes O.W. Wolters.

VELEZ, Manuel Sobral Blanco; *Linhas Marítimas e Comerciais Portuguesas no Oriente(Séc.XVI-Meados do Séc.XVII)* in II Seminário Internacional da História Indo-Portuguesa, Instituto de Investigação Científica Tropical, Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 1985.

2. Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau

Ano XXXIV-Julho de 1936-Abril de 1937
Ano XXXV-Julho de 1937-Abril de 1938
Ano XXXVI-Julho de1938-Junho de 1939
Ano XXXVII-Julho-Dezembro de 1940.
in Arquivo da Sé Catedral de Macau.

3. Fontes Manuscritas

Cartas Pastorais;
Circulares;
Provisões;
in Arquivo da Câmara Eclesiàstica de Macau 1884-1896

ANEXOS

Anexo I - Carta Esboço das Ilhas de Timor e Solor (Século VIII).

Anexo II - Vista de Lahane / Missão Central de Lahane (Dili-Timor).

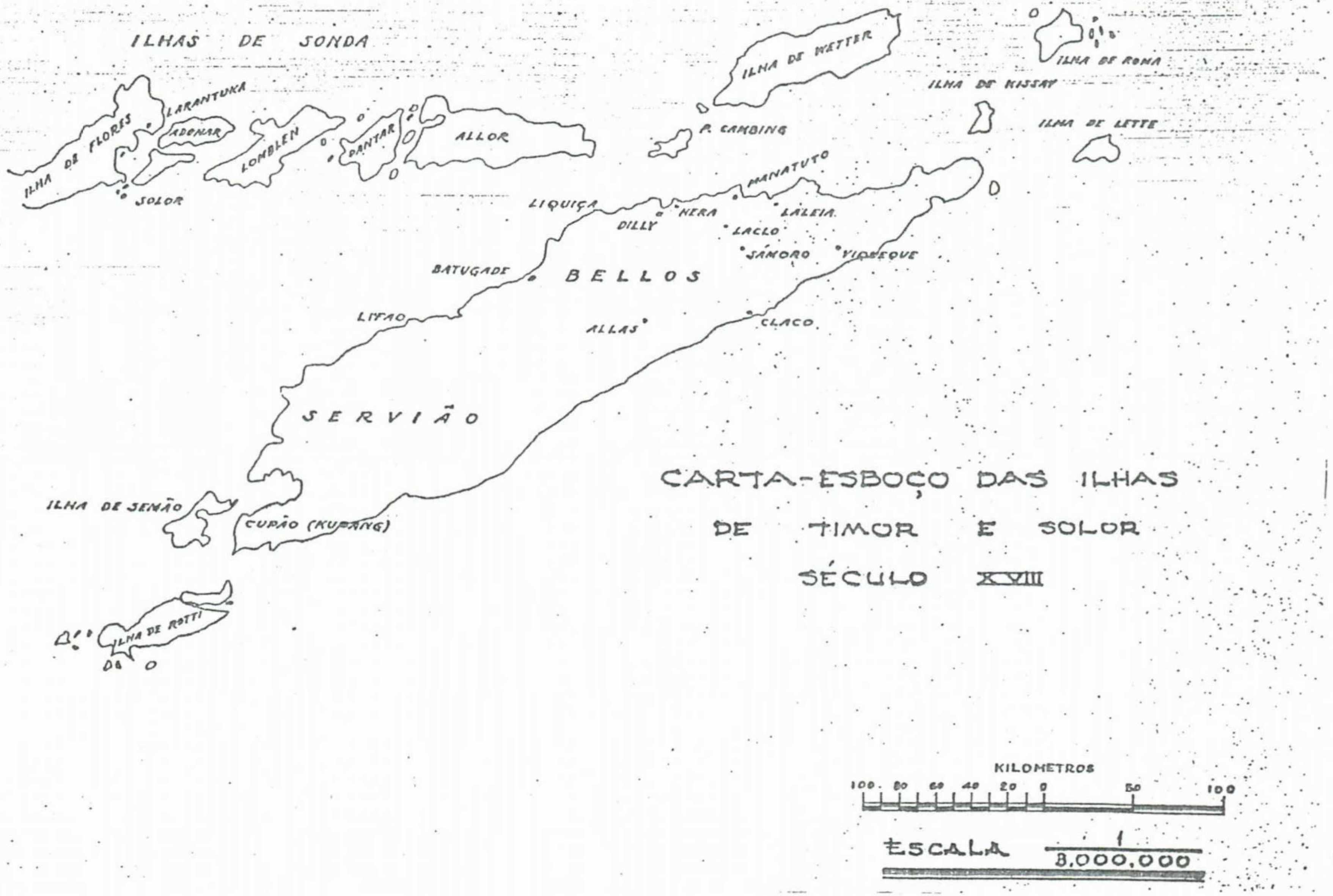
Anexo III - Colégio de Santa Isabel de Manatuto.
Colégio de S.José (Dare-Dili).

Anexo IV - Colégio da Imaculada Conceição (Soibada)..

Anexo V - Colégio de Soibada.

Anexo VI - Mapa " Ilhas de Solor e Timor ".

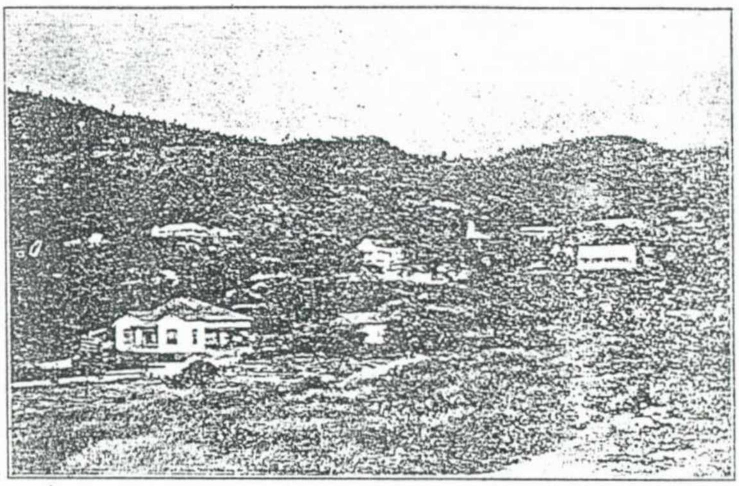
CARTA 1


ILHAS DE SONDA
LARANTUKA
ADONAR
ILHA DE FLORES
SOLOR
LOMBLEN
PANTAR
ALLOR
ILHA DE WETTER
P. CAMBING
ILHA DE ROMA
ILHA DE KISSAY
ILHA DE LETTE
MANATUTO
LIQUIÇA
DILLY
HERA
LALEIA
LACLO
SÁMORO
VIQUEQUE
BATUGADE
BELLOS
LIFAO
ALLAS
CLACO
SERVIÃO
ILHA DE SENÃO
CUPÃO (KUPANG)
ILHA DE ROTTI
KILOMETROS
100 80 60 40 20 0 50 100
ESCALA 1/8.000.000

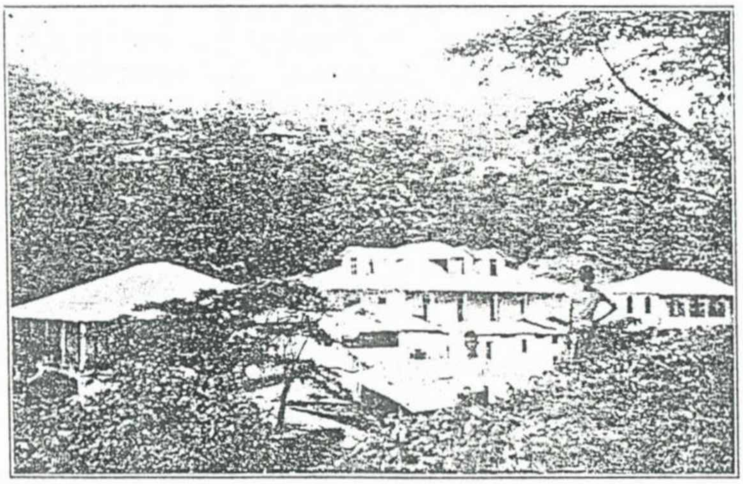
CARTA-ESBOÇO DAS ILHAS
DE TIMOR E SOLOR
SÉCULO XVIII

ANEXO I

ANEXO II

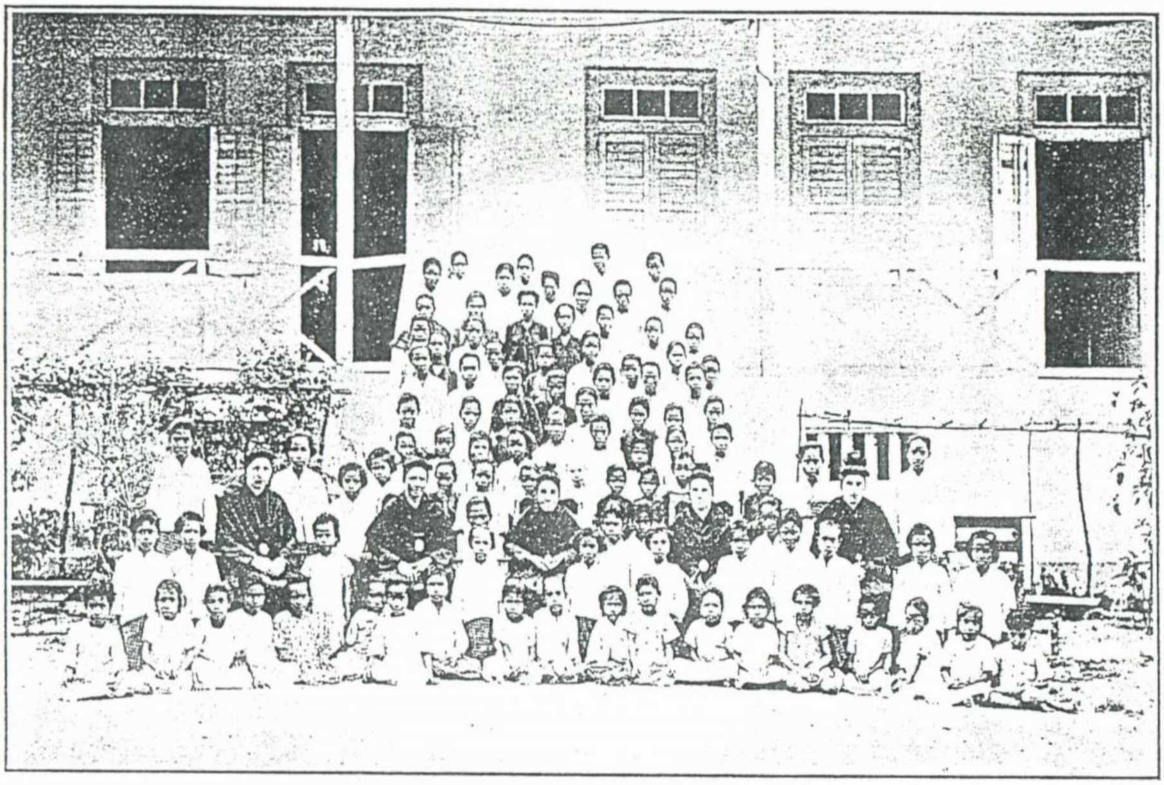


Vista de Lahane, onde está situada a Residência Central das Missões de Timor

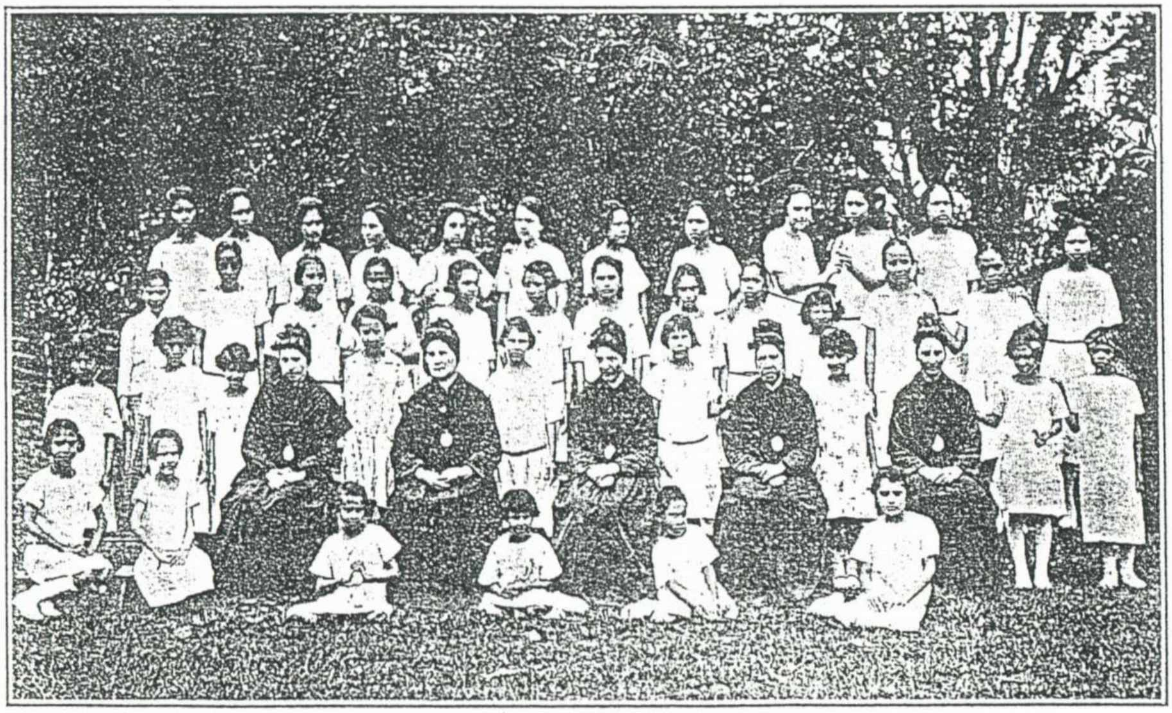


Missão Central de Lahane (Timor-Dili)

ANEXO III

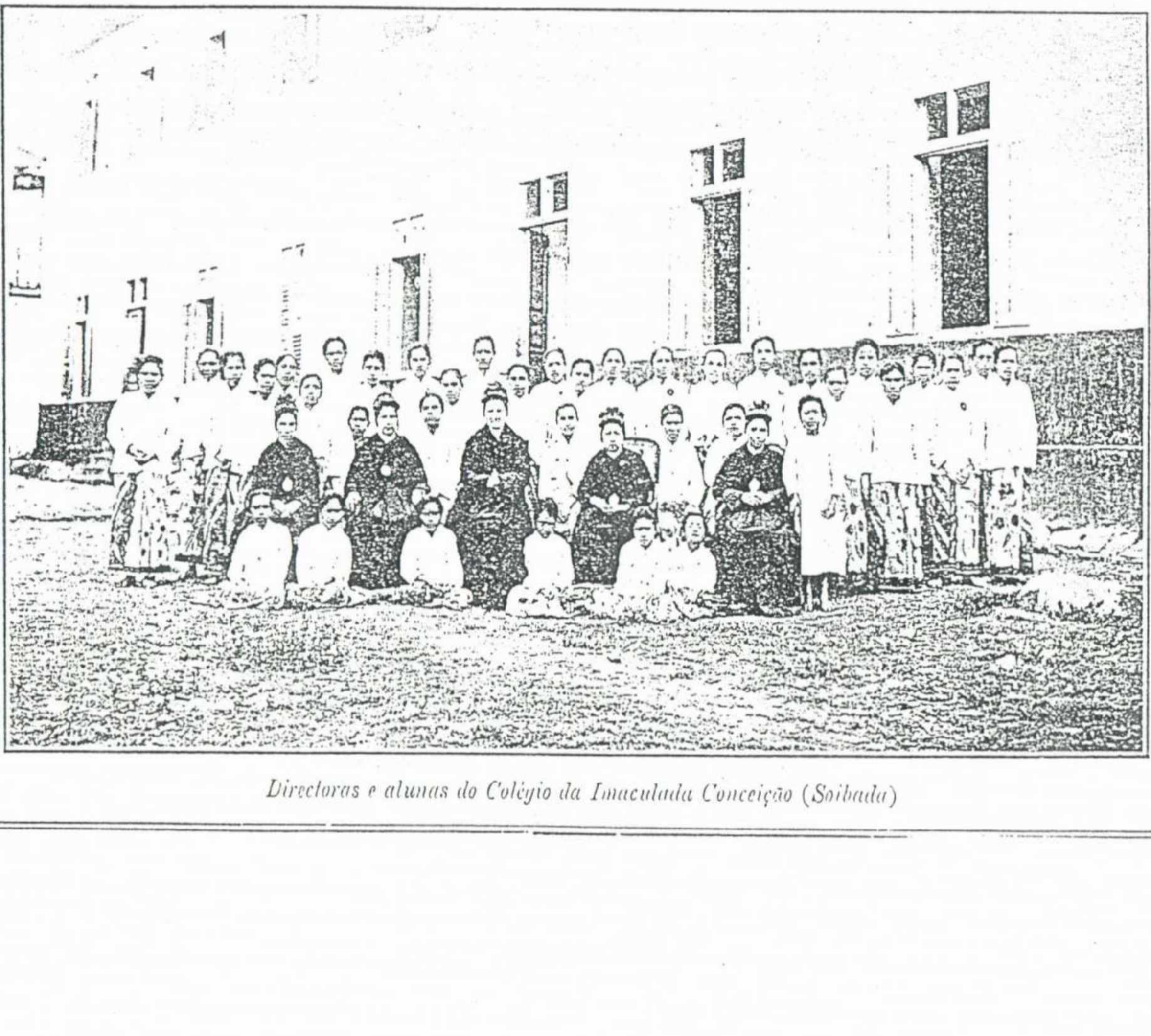


Colégio de S. Isabel de Manatuto



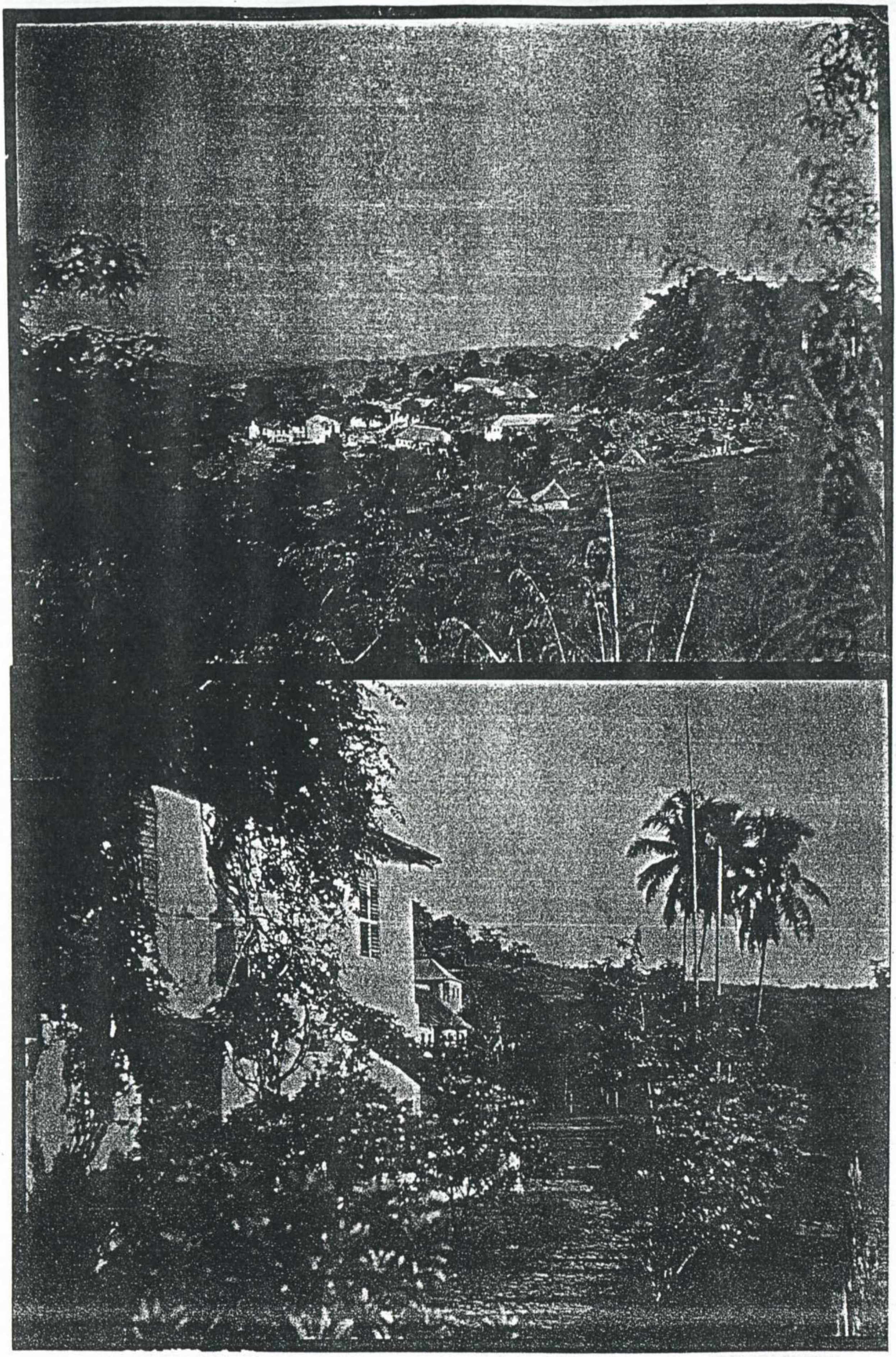
Colégio de S. José (Dare-Dili)

ANEXO IV



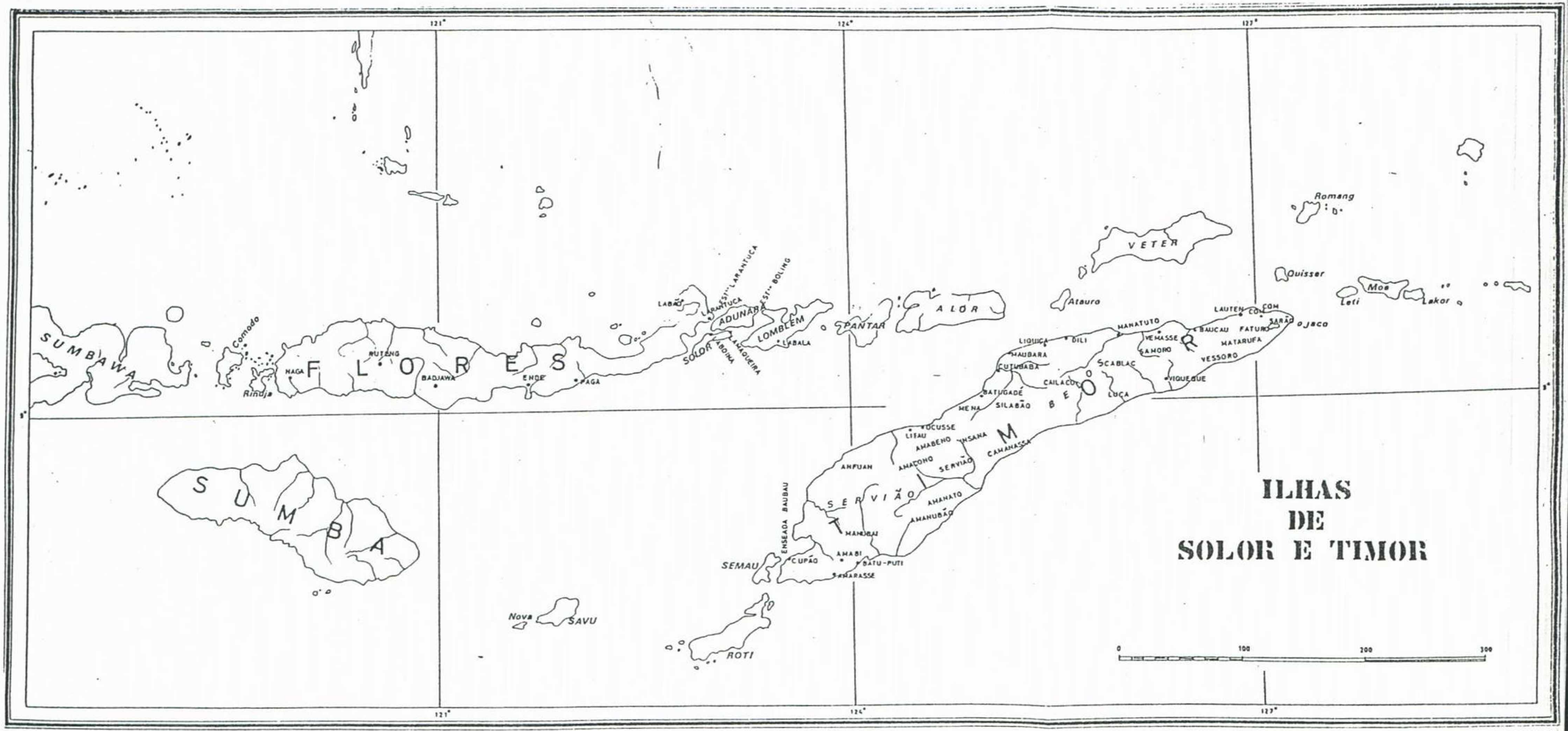
Directoras e alunas do Colégio da Imaculada Conceição (Soibada)

ANEXO V



COLÉGIO DE SOIBADA

ANEXO VI


ILHAS
DE
SOLOR E TIMOR
0
100
200
300
121°
124°
127°
SUMBAWA
Comodo
Rinója
FLORES
HAGA
RUTENG
BADJAWA
ENDE
PAGA
LABÃO
LARANTUCA
EST.te LARANTUCA
EST.te BOLING
ADUNARA
SOLOR
LABOINA
LAMAQUEIRA
LOMBLEM
LABALA
PANTAR
ALOR
Atauro
VETER
Romang
Quisser
Moa
Leti
Lakor
TIMOR
BEÓ
LIQUIÇA
DILI
MANATUTO
HAUBARA
CUTUBABA
CAILACO
BATUGADÉ
MENA
SILABÃO
OCUSSE
LIFAU
AMABENO
INSANA
CAMANASSA
AMFUAN
AMACONO
SERVIÃO
AMANATO
AMANUBÃO
MAHUBAI
AMABI
CUPÃO
BATU-PUTI
AMARASSE
ENSEADA BAUBAU
SEMAU
SCABLAC
LUCA
VEMASSE
SAMORO
VIQUEQUE
VESSORO
MATARUFA
BAUCAU
FATURO
SARÃO
LAUTEN
COM
Ojaco
SUMBA
Nova
SAVU
ROTI

NOTA BIOGRÁFICA

Francisco Maria Fernandes, natural de Lacló, Timor, onde nasceu em 24 de Maio de 1936, filho de João Baptista Guterres Fernandes e de Júlia dos Reis da Cunha Guterres Fernandes . Fez os seus estudos primários no Colégio de Nun'Alvares Pereira, em Soibada; o ensino secundário no Seminário Menor de Nossa Senhora de Fátima em Dare; os estudos filosóficos e teológicos no Seminário de S. José em Macau e universitários em " Murdoch University, Western Austrália ", onde fez um " double major ", em " Social and Political Theory , History and Asian Studies" (SAPT).

Tendo completado os estudos eclesiásticos em Junho de 1963, embarcou para Timor em Julho e ordenado sacerdote em 25 de Agosto do mesmo ano. E, uma semana depois colocado na Missão e Colégio de Maliana junto da fronteira com Timor indonésio. Trabalhou depois nas Missões de Ermera, Soibada, Ossu, Alas e Ainaro. Em 12 anos de vida missionária serviu em seis Missões sedes, 36 estações missionárias e três colégios. Nunca foi colocado em Dili..

Em 1975, quando se deu a crise político-militar em Timor, refugiou-se em Atambua, sede do concelho e Diocese de Timor-indonésio junto à fronteira. Entretanto, foi escolhido para Presidente da Comissão dos Refugiados de Timor que eram já cerca de 15 mil. Esta Comissão, constituída por 12 membros, por forte pressão das autoridades indonésias ficou reduzida apenas a duas pessoas: o signatário e um jovem Adjunto de Administrador, Adelino dos Santos Tinoco.Desempenhou papel importante na evacuação de mais de dois mil refugiados timorenses em 1976 para Portugal.

O signatário, forçado pelas autoridades indonésias a abandonar Timor, foi para Lisboa (Vale do Jamor),onde continuou como Presidente da referida Comissão. Desenvolveu diversas actividades, mas a principal foi a ajuda no processo de emigração de centenas de refugiados para a Austrália.Conseguiu-se através do Governo- trabalho realizado pelo Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais-, do Patriarcado de Lisboa e do Comité Internacional para as Migrações o pagamento de passagens para a Austrália.

Em Outubro de 1978, embarcou também para a Austrália e durante doze anos foi capelão da Comunidade Portuguesa de Perth, Austrália Ocidental. Também desenvolveu outras acções e juntamente com outros timorenses, principalmente José Gonçalves, fez contactos com os Ministros da Imigração , Hons Michael Mckellar (Liberal); Mcphie (Liberal) e William de West (Labor) para ser facilitada a entrada de refugiados timorenses. Organizaram--se dois programas especiais no tempo de Mcphie e William de West.

Em Outubro de 1979, fez uma intervenção na Assembleia Geral do Conselho de Segurança da O.N.U. a favor de Timor, e mais tarde duas intervenções no 4º Comité da Descolonização da mesma Organização. Em Washington DC durante 4 meses fez política de " lobbying " e com o apoio do activista de Timor, Arnold Cohen, e o congressista Tony Hall, conseguiu contactar centenas de senadores e congressistas. Foi o primeiro timorense a ser ouvido no "House Subcommittee on Foreign Operations Committee on Appropriation" em 10.6.80, e a ser recebido pela Administração de Jimmy Carter. Igualmente, pela primeira vez foi recebido , juntamente com o Pe.Apolinário Aparício Guterres, pelo Hon. Frazer do Sub-committe de " Human Rights " e pelo responsável do " Desk for Pacific and Southeast Asia ", Hon. Meinheint. No final de 1979 conseguiu um apoio, na ordem de milhões de dólares, que foi canalizado para o " Catholic Relief Service of America " para ajudar a crise de fome em Timor .

Continuando o trabalho de " Lobbying " e com o apoio da Igreja Metodista esteve em Filadélfia, Baltimore e Boston. Mais tarde, em Londres, com o grupo parlamentar liderado por Lord Ebury foi ao Parlamento Britânico e, nessa mesma data, teve uma audiência com o Arcebispo Robert Roncie de Cantebúria.

Em 1986 participou na Conferência Internacional dos Cristãos na Ásia (C.C.A.), realizada em Seoul, Coreia do Sul, onde a sua presença foi estrondosamente contestada pela Delegação da Indonésia composta por 80 membros. Como não conseguiu boicotar a intervenção do representante de Timor, aquele país como protesto abandonou pelo período de 5 anos esta Organização.

Em 1992, participou nas V Jornadas sobre Timor, realizadas em Bicece e organizadas pela Universidade do Porto.

Participou também na Conferência Internacional de " PAX CHRIST ",em Hong Kong.

Em 1993 fez parte da Delegação de Timorenses da Diáspora no " Encontro de Londres ".

Em Macau, como missionário do Padroado Português no Oriente, está colocado na Sé Catedral e é o responsável pelos assuntos respeitantes aos refugiados de Timor que têm utilizado Macau como porta para a Liberdade.

Presentemente está a colaborar em trabalho de pesquisa e de apoio informativo a um investigador australiano, Pe. Peter Husking, S.J., que está a realizar um estudo sobre a Igreja de Timor desde 1910 até aos nossos dias.